Organizadores
Diogo Neves Pereira
Hemerenciana Maria da Silva
Maurício Teixeira Mendes

Padre João Afonso

traços e laços de uma comunidade do campo

Organizadores
Diogo Neves Pereira
Hemerenciana Maria da Silva
Maurício Teixeira Mendes

Padre João Afonso

traços e laços de uma comunidade do campo

1ª edição

Diamantina, MG
UFVJM
2018

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0).

Realização
Projeto de Extensão *Comunidades do Campo: conhecendo seus sujeitos, saberes e realidades*

Colaboração
Escola Estadual Padre João Afonso

Apoio
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Pró-Reitoria de Extensão e Cultura – PROEXC
Programa Institucional de Bolsas de Extensão – PIBEX
Licenciatura em Educação do Campo – LEC

Contato
comunidadesdocampo@gmail.com

Elaborado com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

P436p Pereira, Diogo Neves
Padre João Afonso: traços e laços de uma comunidade do campo / Organizadores: Diogo Neves Pereira; Hemerenciana Maria da Silva; Maurício Teixeira Mendes. – Diamantina : UFVJM, 2018.
221 p. : il.

ISBN 978-85-7045-007-4

1. Comunidades rurais. 2. Vale do Jequitinhonha. 3. Educação do Campo. I. Silva, Hemerenciana Maria da. II. Mendes, Maurício Teixeira. III. Título. III. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

CDD 307.72

Ficha Catalográfica – Serviço de Bibliotecas/UFVJM
Bibliotecário Anderson César de Oliveira Silva, CRB6 – 2618.

Para Dona Maria Joaquina Gomes

Sobre os organizadores

Diogo Neves Pereira é professor da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri desde 2014, atuando na Licenciatura em Educação do Campo e no Mestrado Profissional Ensino em Saúde. Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (2005). Mestre e Doutor em Antropologia pela Universidade de Brasília (2008 e 2012). Realizou estágio de pós-doutorado em Ciências Sociais na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2014).

Hemerenciana Maria da Silva é natural de Padre João Afonso, Itamarandiba, MG. Graduada em Letras Português/ Inglês pela Faculdade de Tecnologia e Ciências da Bahia (2011), em Ciências da Religião pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (2016) e em Pedagogia pelo Instituto Superior de Educação Verde Norte (2018). Atualmente é professora de Língua Portuguesa e Ensino Religioso dos anos finais do Ensino Fundamental e do Médio na Escola Estadual Padre João Afonso. Tem experiência na área de Letras, com ênfase no ensino de Língua Portuguesa.

Maurício Teixeira Mendes é graduando no curso de Licenciatura em Educação no Campo da UFVJM na área de Linguagens e Códigos. Participou como bolsista de 2016 a 2018 do projeto de extensão *Comunidades do Campo: conhecendo seus sujeitos, saberes e realidades*. Também participou de projetos como PIBID Diversidade, Vídeo Cartas e do projeto de pesquisa *Culturas de letramento do Campo: um estudo de práticas educativas em comunidades dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri*. Possui interesse e experiência na área de Linguística Aplicada.

Apresentação

Há uma linda canção chamada *Passos do Saber*, de autoria de *Marcinha*. Ela faz parte do cd *Cantares da Educação do Campo*, produzido pelo Setor de Educação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Em sua segunda estrofe ouvimos os seguintes versos:

Cada passo que andar

Esta história vai nos dar

Novo tempo pra colher

Aprender e ensinar

Em um forte sentido estes versos sintetizam o ideal que deu origem a este livro. Vemo-nos como caminhantes em um tempo de trocas de saberes. Tempo que está para além da duração. Está na extensão, na situação, na relação, na concepção. Encontramo-nos, aliados na Educação do Campo, aprendendo sobre as realidades do campo, sobre as belezas, sobre as lutas, sobre as conquistas, sobre os conhecimentos e sobre as esperanças que movimentam as comunidades do campo e seus sujeitos. E buscamos, na medida das nossas possibilidades, contribuir com esse processo. Acreditamos nessas trocas. Junto a muitos outros, tentamos, aqui, dar um passo a mais.

Este livro é uma empreitada de descoberta individual e de valorização social de uma comunidade do campo. Em seu decorrer serão explorados alguns dos múltiplos traços e laços que compõem esta comunidade. Mirada desde diferentes perspectivas, Padre João Afonso aparecerá em sua complexidade e fortuna. Evidentemente, sem qualquer pretensão de esgotamento de sua configuração. Ao contrário, o que se achará serão frestas por onde olhar, convites a se aproximar e saber mais profundamente por outros meios.

Este resultado só foi possível com a colaboração de uma profusão de autorxs bastante heterogêneos. De maneira geral, o que os une são seus vínculos com a comunidade de Padre João Afonso. Por outro lado, este resultado é fruto de uma tríplice articulação institucional. Primeiro, por parte do curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEC) da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Segundo, por parte do Projeto de Extensão *Comunidades do Campo: conhecendo seus sujeitos, saberes e realidades*, fomentado pela Pró-Reitora de Extensão e Cultura da UFVJM. Terceiro, por parte da Escola Estadual Padre João Afonso, localizada nesta comunidade. De maneira geral, o que os une são os princípios e os objetivos sintetizados no ideal de Educação do Campo.

Na primeira parte, “Panorama da comunidade Padre João Afonso”, há uma apresentação geral da comunidade. A autora disserta sobre seus aspectos econômicos, culturais, históricos etc. Temos aí uma abordagem introdutória para quem começa a apreciar Padre João Afonso.

Na segunda parte, “A Escola Estadual Padre João Afonso”, há uma apresentação geral desta instituição. O autor disserta sobre sua história, sua estrutura, seu funcionamento etc. Temos aí alguns contornos de um alicerce fundamental da comunidade, além de cenário de produção de boa parte do material que compõe este livro.

Na terceira parte, “Biografias”, há uma série de relatos sobre as trajetórias de vida de personagens ligados à comunidade. Escritos por diferentes autorxs, estes relatos apresentam Padre João Afonso pelo prisma dos esforços e dos saberes de alguns de seus integrantes. Temos aí uma demonstração das conexões entre as biografias dos sujeitos do campo e as realidades do campo mais amplas.

Na quarta parte, “Romanceiro do campo”, há um farto compilado de poemas que explicitam as percepções de jovens sujeitos do campo sobre os lugares onde vivem. Por entre rimas e harmonias notamos o melhor de suas visões de mundo sendo mostrado pelxs autorxs. Temos aí um diálogo mais direto com a literatura e um incentivo para que ações deste tipo se multipliquem.

Na quinta parte, “Gosto da roça: sabores e saberes”, há diversas receitas culinárias praticadas em Padre João Afonso. A exposição dos ingredientes, das medidas e das formas de preparo vem acompanhada de uma apresentação do contexto de origem e/ou de uso dessas receitas. Temos aí uma demonstração de que nas práticas mais simples podemos encontrar pontos de partida para a compreensão das manifestações culturais das comunidades do campo.

Na sexta parte, “Ficheiro de fotos”, há uma coletânea de fotos, antigas e recentes, de Padre João Afonso. Estas fotos vêm associadas a breves descrições que ajudam a entender o que é por elas mostrado. Temos aí uma alternativa imagética para quem deseja apreciar um pouco mais a comunidade.

Na sétima parte, “Saiba mais”, há sugestões de outras fontes de informação sobre Padre João Afonso. São recomendados, sobretudo, trabalhos acadêmicos e *sites* na *internet*. Temos aí algumas possibilidades de continuação dessa caminhada de descoberta e de valorização da comunidade.

Os organizadores.

Sumário

Panorama da comunidade Padre João Afonso 12
A Escola Estadual Padre João Afonso 21
Biografias 26
Ana Lúcia Sena Mendes 27
Conceição dos Santos 30
Domingas Carneiro dos Santos Mendes 32
Elzira Pereira de Oliveira 35
Geralda Barbosa Pinto 37
Geralda Mendes da Silva Diamantino 40
Isidorio Justino da Silva e Nair Oliveira Silva 43
José Eustáquio Barbosa dos Santos 45
Lúcia Justino dos Santos 47
Luiz de Matos 49
Margarida da Silva Oliveira 51
Maria da Conceição Carneiro 53
Maria da Conceição Justino 55
Maria da Luz Ferreira 57
Maria da Luz Pereira 59
Marly Ferreira Lemes 62
Onilton Carneiro Ferreira 64
Pedro Nazaré Campos 66
Rita Luzia de Sousa 69
Ronaldo Silva 71
Silvio Serafim Oliveira 73
Tereza de Jesus Fernandes Oliveira 75
Angelina de Jesus dos Santos Barbosa Ferreira 77
Jair Vieira Pereira 80
Maria Joaquina Gomes 83
Vanderlei Aparecido Ferreira 87
Romanceiro do campo 92
A gente 93
Aproveitar 94
Beija-flor 95
Canto diferente 97
Como irmãos 98

Demais rurais 99
Em um olhar 100
Enquanto eu viver 102
Felicidade da vida 103
Folia 104
História 105
Identidade 106
Lá em casa 107
Leve sensação 108
Lugar melhor não há 109
Menina amada 111
Não tem comparação 112
Natureza 113
O que me emociona 114
O segredo 115
Sabiá, flor, gavião 116
São Pedro 117
Solidariedade 119
Tem 120
14 de junho de 1914 121
Aqui 123
Cantinho onde vivo 124
Córrego José de Matos 125
Criação de Deus 127
Cultura do meu Vale 128
Falando do nosso lugar 130
Legal 132
Locais 133
Lugar bom 134
Meu lugar 135
Meu lugar abençoado 137
Meu lugar minha vida 139
Meu lugarzinho 140
Meu pedacinho de paraíso 141
Meu recanto 143
Minas Gerais 144

Minha casa querida 146
Minha moradia 148
Minha vida 149
Mudanças 150
Nosso conceito 151
Onde vivo 153
Onde vivo e moro 155
Orgulho no coração 156
O vale da exuberância 158
Paisagem dos sonhos 159
Pau arrancado 160
Pequena preciosidade 162
Revelar 165
Socorro 167
Vou falar 168
Gosto da roça: sabores e saberes 171
Biscoito de polvilho quebrador 173
Bolinho de mandioca 175
Bolinhos de banana verde 177
Bolo de fubá 179
Bolo de fubá com cará 181
Bolo de fubá de moinho 183
Bolo de mandioca 185
Bolonho de fubá 187
Cuscuz 189
Doce de canudo 191
Doce de leite cortado 193
Doce de mamão 195
Fubá suado 197
Paçoca de amendoim 199
Parece mas não é de mandioca 201
Picadinho de mamão 203
Ficheiro de fotos 206
Saiba mais 218

Cassiano Santos Pinheiro
9º ano do Ensino Fundamental da EEPJA

Panorama da comunidade Padre João Afonso

ANA QUÉREN PEREIRA CHAVES DE CARVALHO

Este texto é resultado da sistematização de nove trabalhos de pesquisa sobre a comunidade de Padre João Afonso produzidos por discentes do curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEC) da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) no período de 2014 a 2016. Todos estes discentes são moradores da comunidade e produziram tais trabalhos enquanto cursavam o primeiro período do curso. Suas principais fontes de informação foram relatos dos moradores mais antigos da comunidade, com suas memórias, vivências e conhecimentos.

A comunidade está situada no Alto Jequitinhonha, no norte do estado de Minas Gerais, no município de Itamarandiba. Localiza-se a 33 quilômetros da sede do município e faz divisa com os municípios de Aricanduva e de São Sebastião do Maranhão. Tem em seu entorno as seguintes comunidades: São Pedro, Coronel, Bom Sucesso, Burlantins, São Miguel, Divino, Taquaruçú, Cachoeira Bonita, Alto Grande, Pau Arrancado, Cachoeira, São Domingos, Cachoeirinha, Ouro Fino, Córrego José de Matos, Soledade, Conceição, Ribeirão do Vale e o povoado do Divino. De maneira mais próxima, a leste está o povoado de São Pedro, a oeste Pau Arrancado, ao norte Bom Sucesso e ao sul São Domingos. Seu bioma é de mata atlântica em transição para o cerrado.

A economia da comunidade é a agropecuária familiar, a pecuária leiteira e, em algumas propriedades, notamos a monocultura do eucalipto. Por ser uma comunidade agricultora, a maioria dos seus moradores faz parte da Associação dos Pequenos Produtores Rurais de Padre João Afonso.

Valendo-me dos conceitos de Ribeiro (1995), entendo que a cultura da comunidade se identifica com a de tipo *caipira*. Pode se dizer, também, que Padre João Afonso é uma comunidade tradicional, pois mantém uma cultura que vem sendo passada de geração a geração: festas religiosas (principalmente a Festa da Padroeira, que é a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, acompanhada de barracas, shows com modas de viola, bingos, sorteios e leilões), comidas e bebidas típicas (tropeiro, feijoada, farofas, quentão, batidas, entre outras), cavalgadas, folia de reis, passeios por suas belezas naturais etc.

De um modo geral, as comunidades do campo são marcadas por características locais específicas. A maioria passou por processos de territorialização através dos quais construíram suas histórias, suas economias, suas políticas, suas educações e suas culturas, fazendo o possível para não perderem suas tradições. A identidade do homem e da comunidade do campo tem que ser respeitada, assumida e preservada.

Origem

Há várias versões sobre a origem da comunidade. Uma delas é apresentada por Mendes (2015), de acordo com a qual a comunidade se constituiu a partir do ano de 1780 quando a coroa portuguesa enviou as famílias Justino, Pereira, Victor e Araújo à comarca de São João Batista – posteriormente fundada com o nome de Itamarandiba – com a finalidade de explorar minérios na Serra Negra. As famílias possuíam muitos escravos para fazer a extração de minérios e o transporte era realizado por animais, os burros. Os minérios eram então enviados para Diamantina e para Santa Maria do Suaçuí, de onde eram direcionados a Portugal, permanecendo deste modo por anos.

Nesta época o povoado era muito farto, atraindo pessoas de outros lugares. As famílias expandiram, pois os fazendeiros cediam suas terras à terça com pessoas que queriam produzir, contribuindo com o desenvolvimento socioeconômico do povoado (MENDES, 2015; FELIPE, 2015).

Algumas vezes as famílias entravam em contradição, pelo motivo de algumas constituírem família com povos nativos e outras não aprovarem a mistura de etnias entre povos. Com o passar dos anos o minério ficou escasso e a escravidão chegou ao fim, deixando os escravos sem ter para onde ir, permanecendo à mercê dos fazendeiros. Acredita-se que, para controlar o número de escravos, vários foram deixados amarrados, com fome e com sede no local em que exploravam o minério – uns dizem que daí originou-se o nome Serra Negra.

Um dos informantes de Mendes (2015) afirmou-lhe que as fortunas adquiridas pelos fazendeiros no decorrer do tempo foram para a coroa portuguesa, deixando estes em decadência, somente com as terras.

Mendes (2015) indica que os moradores mencionam a existência de tribos indígenas na região, mas que não há relatos precisos sobre elas. O que ainda resta dessa história seria um cemitério que fica na comunidade Pau Arrancado e que teria pertencido à tribo dos índios Bororós. O líder da tribo era conhecido como Pita Canudo, pelo hábito de fumar cachimbo.

Fundação

Entre os moradores de Padre João Afonso existem diferentes versões sobre a sua fundação. Uma das fortes é de que ela teria ocorrido em 14 de junho de 1914, com a celebração da primeira missa na comunidade. Nesta data, de acordo com Mendes (2015), Felipe (2015) Fonseca (2015), Silva (2015), Souza (2016) e Gomes (2016), certo padre, chamado João Afonso, chegou ao povoado. Felipe (2015) e Mendes (2015) descrevem que o padre João Afonso celebrou a primeira missa na fazenda São Domingos, propriedade da família Victor, estabelecendo assim a comunidade.

Nessa época as viagens de Itamarandiba à comunidade demoravam de um a três dias, por trilhas que cruzavam a mata. Mendes (2016) ressalta que o padre passou a celebrar missas na fazenda a cada três meses. Essas eram celebradas acompanhadas de festas, comidas típicas (tais como chá de amendoim, canjica grossa e feijão tropeiro), cavalgadas com a imagem da padroeira, apresentação do grupo de Folia de Reis e a dança da catira, atraindo muitas pessoas locais e da região (FONSECA, 2015).

Felipe (2015) e Souza (2016) apontam que os tropeiros começaram a frequentar o local, permanecendo em ranchos precários, para a comercialização ou troca de

produtos, cavalos, mulas e gados, iniciando a transação em dinheiro, que até então não era conhecido e nem utilizado pelos moradores da comunidade. Silva (2015) relata que, nesta época, quem possuía calçados eram tropeiros e vendedores ambulantes. O calçado assemelhava-se a um chinelo, fabricado de couro de boi, para aguentar a caminhada.

Mendes (2015) afirma que moradores que vivenciaram parte desse período contam que presenciaram as condições precárias dos negros forros nas fazendas. Devido à libertação dos escravos, estes não tinham para onde ir, permanecendo nas fazendas e sendo explorados pelos fazendeiros. Uma vez identificadas as necessidades dos negros forros, o padre João Afonso convocou uma reunião com os fazendeiros para solucionar esta questão.

Tal solução passaria pela doação de um terreno. O padre João Afonso recebeu a doação de uma fazenda e a distribuiu entre aqueles moradores que não possuíam terras. Em suas pesquisas os discentes da LEC registram que o terreno foi doado por um senhor que era fazendeiro local e morava na comunidade. Entretanto, há discordância quanto ao seu nome. Santos (2015), Mendes (2015), Vieira (2016) e Gomes (2016) indicam que seria Joaquim Rodrigues. Já Fonseca (2015) menciona Joaquim Domingos e Souza (2016) aponta Joaquim Rodrigues de Oliveira.

No centro da fazenda doada foi erguida uma capela em homenagem a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, que passou a ser a padroeira da comunidade. Sendo assim, nesta época a comunidade recebia o nome de *Socorro*. Com o passar do tempo, de acordo com Fonseca (2015), Silva (2015) e Souza (2016), novas pessoas foram chegando e construindo casas de pau-a-pique nas proximidades, aumentando a povoação. A base econômica destas famílias era a agricultura familiar e a troca de alimentos.

Anos depois o padre João Afonso deixou a comunidade. Gomes (2016) indica que há relatos de que ele era ativo na política, tendo sido vereador e presidente da Câmara dos Vereadores por três vezes. Teria falecido em 24 de agosto de 1924.

Há relatos de que a primeira festa religiosa da comunidade ocorreu em 27 de junho de 1950. Desde então, todos os anos no dia 27 de junho a comunidade celebra a festa de sua padroeira.

Mais recentemente, em homenagem ao padre João Afonso a comunidade passou a ser chamada de Vila Padre João Afonso e, posteriormente, de Distrito de Padre João Afonso (SILVA, 2015).

Ernesto Weber

Sobre a construção da comunidade vários moradores destacam a passagem de Ernesto Weber, originário da Suíça, que chegou a Padre João Afonso por volta de 1930. Teria chegado com o intuito de fazer extração de mica na Serra Negra, empregando várias pessoas da comunidade e da região. Fonseca (2015) ressalta que uma de suas entrevistadas, bastante idosa, informou que Ernesto Weber também teria encontrado diamantes e outras pedras preciosas.

Sobre a forma como ele teria conseguido a área para a exploração, Silva (2015) narra que certo senhor Lourenço descobriu minérios em suas terras e tentou explorá-las mas, tendo dificuldade no serviço, resolveu vender suas terras a Ernesto Weber, que tinha os atributos necessários. Weber era rico, comprando diversas propriedades na

comunidade e em suas redondezas. Por outro lado, Mendes (2015) obteve informações de que certo senhor Fausto chegou à comunidade, descobriu e começou a extrair a mica, sem êxito. Por não ter como investir financeiramente, vendeu sua lavra de mica a Ernesto Weber, que movimentou a economia da comunidade.

Fonseca (2015) e Souza (2016) citam que seus entrevistados contam que antes de Weber chegar à comunidade sua base econômica era a extração de flores da Serra Negra. De modo que a extração de minérios contribuiu para seu desenvolvimento. Uma moradora da comunidade, entrevistada por Mendes (2016), conta que Weber era o maior pecuarista da região, chegando até a comprar de alguns de seus empregados o seu próprio gado, por não ter conhecimento preciso do que possuía. Ainda de acordo com essa entrevistada, Weber instalou uma oficina de mica na comunidade e outra em Itamarandiba. Os homens trabalhavam nas lavras e as mulheres na oficina. Fonseca (2015) relata que os funcionários cortavam e embalavam a mica manualmente, sendo transportada para outras localidades. Chegavam pessoas de vários lugares para trabalhar. Certo entrevistado afirmou a Souza (2016) que a mica era usada para fabricar até artefatos de guerra.

Outro antigo morador da comunidade contou a Mendes (2015) que trabalhou por muito tempo na extração de minérios com Ernesto Weber. Não adentrava nos túneis por causa do pó de pedra e fumaça ocasionados pela explosão das dinamites. Contou, ainda, que certa vez morreram por volta de vinte homens soterrados, não tendo sido possível sequer fazer a retirada dos corpos. Suas famílias ficaram em condições miseráveis e isto era um fato que sempre ocorria.

Fonseca (2015), Silva (2015) e Mendes (2015) apontam que o acesso à sede do município era demorado e dificultoso. Por isso Weber tomou a iniciativa de abrir uma estrada que lhe dava acesso com automóveis. Reuniu moradores e empregados para o serviço manual, usando enxadões, picaretas, entre outros. Segundo Fonseca (2015) e Mendes (2015) a conclusão da estrada demorou de seis a oito meses. Silva (2015) indica que, quando a estrada ficou pronta, Weber trouxe a primeira motocicleta e depois o primeiro carro à comunidade. Os veículos eram usados para transportar minérios e pessoas doentes ou acidentadas. Ressalta que antes os doentes eram levados à cidade a pé, em suas camas, por equipes de pessoas que se revezavam quando ficavam cansadas.

Neste contexto a comunidade progrediu muito, mas, conforme a pesquisa feita por Mendes (2015), foram instaladas três farmácias para suprir as necessidades da comunidade. Os empregados não se equipavam para trabalhar na extração de minério, acarretando doenças respiratórias e pulmonares, aumentando o índice de mortalidade onde as pessoas não ultrapassavam os cinquenta anos.

Ernesto Weber teria, de acordo com Gomes (2016), se casado com Nice Rodrigues e tido cinco filhos. No ano de 1977 ele e sua família se mudaram para Belo Horizonte, falecendo no dia 22 de maio de 1982 (GOMES, 2016). Mendes (2015) relata que alguns de seus entrevistados afirmam que Weber foi embora por causa de documento ilegal, outros pelo motivo de o minério ter debilitado e outros pelo estudo dos filhos.

A praça central de Padre João Afonso recebe o nome de Praça Ernesto Weber (VIEIRA, 2016).

Parque Estadual da Serra Negra e o Rio Itamarandiba do Mato

Baseados no *site* do Instituto Estadual de Florestas (IEF), Silva (2015), Fonseca (2015) e Souza (2016) descrevem que no território da comunidade está o Parque Estadual da Serra Negra, instituído em 1998. O IEF é, atualmente, o órgão responsável pela sua preservação. As coberturas nativas são de cerrado, campo rupestre e mata atlântica, se destacando por ser um espaço turístico e exuberante com biodiversidade vasta e abundância de recursos hídricos. Freitas (2014) também esclarece que o Parque Estadual da Serra Negra compõe a bacia do rio Jequitinhonha, inserido na Cadeia do Espinhaço.

Conforme destacado por Silva (2015), houve a proteção aos recursos naturais do Parque Estadual da Serra Negra e, com isto, a desterritorialização das famílias que moravam no Parque, pois alguns utilizavam seus recursos naturais economicamente. O índice de desmatamento na comunidade ainda é extenso, causando a extinção de nascentes, a degradação do solo e a morte de animais, tais como tamanduás e tatus.

Segundo Fonseca (2015), dentro da comunidade de Padre João Afonso passa o Rio Itamarandiba do Mato. Este se encontra poluído pelos moradores da comunidade e, por este motivo, não possui a mesma extensão e qualidade de antes. O rio sempre foi importante meio para execução de atividades agrícolas, lavagem de roupas e vasilhas, pesca, lazer, dentre outras funções, todas prejudicadas pelos impactos ambientais que vem sofrendo ao longo dos anos (SILVA, 2015; FELIPE, 2015).

Educação

Quanto à dimensão educacional, os discentes da LEC buscaram informações através de entrevistas e fizeram a leitura do Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual de Padre João Afonso. Como descrito por Gomes (2016), Fonseca (2015), Felipe (2015), Silva (2015) e Souza (2016), por volta de 1940 a prefeitura implantou um sistema educacional na comunidade permitindo que, para exercer a profissão de professora, bastava ter a terceira série. As turmas eram de primeira à terceira série e havia decoração de lições com avaliações orais. A aprovação ou reprovação era através de uma banca composta por moradores da comunidade. A escola não possuía espaço físico, recursos materiais e merenda. Os conteúdos ministrados eram Língua Portuguesa, Estudos Sociais e Ciências (FELIPE, 2016).

Segundo Mendes (2015) e Silva (2015), com o número de alunos aumentando o senhor Vicente Sena – natural da comunidade e que foi vereador, vice-prefeito e prefeito do município de Itamarandiba – se comprometeu em implantar a escola na comunidade de acordo com as regras da Secretaria Estadual de Educação. Foram então matriculados alunos da comunidade e de outras adjacentes. Souza (2016) destaca que esta recebeu o nome de Escola Reunida de Padre João Afonso.

Silva (2015), Gomes (2016), Vieira (2016) e Souza (2016) indicam que em 13 de junho de 1963 foi inaugurada e fundada a Escola Estadual de Padre João Afonso. Ainda Silva (2015) e Souza (2016) afirmam que o prédio foi improvisado com armação de latão, funcionando por muitos anos como única escola da comunidade.

Conforme Silva (2015), Vieira (2016) e Gomes (2016), por volta do ano de 2000 foi implantada outra escola pela Prefeitura de Itamarandiba, nomeada como Escola

Municipal Núcleo de Padre João Afonso. Gomes (2016) sugere que esta foi inaugurada em 18 de junho de 2000.

Souza (2016), Gomes (2016) e Fonseca (2015) salientam que a estrutura da Escola Estadual de Padre João Afonso foi derrubada e foi construído um novo prédio. A evolução no ensino contribuiu para a valoração da comunidade, sendo preciso reconhecer que a educação escolar é a base para a formação de cidadãos críticos com relação à sua realidade, apreciando a cultura local e contribuindo na integração social, ética e moral do cidadão (CALDART et al, 2012).

De acordo com Vieira (2016), atualmente a Escola Municipal Núcleo de Padre João Afonso atende os alunos da Educação Infantil e as séries iniciais do Ensino Fundamental, enquanto a Escola Estadual de Padre João Afonso conta com os anos finais do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Desenvolvimento Social

No processo histórico da comunidade de Padre João Afonso pessoas locais e de outros lugares sempre contribuíram no seu desenvolvimento econômico, cultural e social. Como descrito por Freitas (2014), Santos (2014), Mendes (2015), Silva (2015) e Vieira (2016), atualmente a economia da comunidade é fundamentada na agricultura de subsistência, que está sendo substituída pela agropecuária, representada pela produção de leite e seus derivados, o gado de corte e o plantio de eucalipto. O carvão vegetal também faz parte da economia local e vem crescendo gradativamente. Trabalhadores públicos (estaduais e municipais) e aposentados também contribuem com o desenvolvimento econômico da comunidade (FREITAS, 2014; SANTOS, 2014).

Silva (2015) relata que, no passado, a economia da comunidade era baseada no plantio de arroz, feijão, milho, hortaliças e café para consumo e o que sobrava era trocado por outros tipos de alimentos. O café foi a base econômica da comunidade, mas, pela dificuldade e trabalho de manter as plantações, estas foram substituídas pelo eucalipto que não requer muito cuidado e, durante seu cultivo, foram utilizados agrotóxicos que causaram mortes de animais nativos (MENDES, 2015).

Segundo Santos (2014), a comunidade possui como apoio político a Associação dos Pequenos Produtores Rurais de Padre João Afonso. Esta trabalha em torno de algumas demandas, tais como projetos para o desenvolvimento socioeconômico dos pequenos produtores rurais, permitindo o uso e comercialização dos produtos cultivados. Vieira (2016) e Freitas (2014) relatam que a Associação dos Pequenos Produtores Rurais de Padre João Afonso iniciou-se por volta de 1980 e atualmente oferece cursos para promover o conhecimento do campesino.

É relatado por Gomes (2016) que o Posto de Saúde da comunidade foi fundado com prédio próprio em 20 de novembro de 1973 e em 2004 sua base foi construída em outro local da comunidade, com comodidade apropriada para atender, receber e fazer procedimentos nos usuários. Souza (2016) indica que a energia elétrica chegou à comunidade em 14 de novembro de 1982. Vieira (2016) destaca que a rede de telefone móvel chegou em 2015.

Freitas (2014), Santos (2014) e Vieira (2016) relatam que a comunidade é religiosa, tendo no catolicismo o maior número de fiéis, além de evangélicos de diferentes denominações e espíritas com alguns poucos adeptos. De acordo com Felipe

(2015), Silva (2015), Mendes (2015) Vieira (2016), Souza (2016) e Gomes (2016) a comunidade apresenta diversas festas religiosas. A religião católica comemora a Festa da Padroeira, que dura por volta de uma semana com barraquinhas, cantores da comunidade, quadrilhas, fogueira, leilões, entre outros eventos. Vieira (2016) indicou que os evangélicos possuem a Festa da Libertação, com pregações, músicas, barraquinhas e comidas servidas para os moradores da comunidade.

Há também várias manifestações culturais, tais como cavalgadas, folia de reis, festa junina, rodas de viola, apresentações culturais como Paixão de Cristo e o desfile de Sete de Setembro, todos acompanhados de comidas típicas. Silva (2015), Mendes (2015) e Vieira (2016) destacam que algumas culturas estão sendo esquecidas, tais como a Festa de Folia de Reis, que não é mais frequente. Silva (2015) destaca a falta de valorização dos artesanatos locais.

Comentários finais

Ao estudar a trajetória da comunidade de Padre João Afonso até a atualidade tive acesso a experiências vividas e características de um povo que lutou pelo seu reconhecimento, compondo sua cultura, economia e educação. A formação de Padre João Afonso é relatada por anciões que guardam memórias contadas, vividas e repassadas, sendo a fonte destas informações. Estas narrações variam de acordo com a localização geográfica do contador, família, cultura e crenças. O programa de valoração da história e desenvolvimento da comunidade vem sendo levantado por estudantes da LEC e contribui de forma positiva no seu resgate histórico. São necessários mais estudos e investigações que servirão como base para o entendimento e compreensão da sua forma de organização local. Além de estudos de políticas que contribuam com seu desenvolvimento social, educacional, cultural, ambiental e econômico.

Referências

CALDART, Roseli S. et al. (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Expressão Popular, 2012.

FELIPE, Ana D'arc Mendes. **Relatório de Tempo Comunidade**: Período I. Comunidade de Padre João Afonso. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, 2015.

FONSECA, Rafael Felipe da. **Relatório de Tempo Comunidade**: Período I. Comunidade de Padre João Afonso. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, 2015.

FREITAS, Ivanilde Soalheiro de. **Relatório de Tempo Comunidade**: Período I. Comunidade de Padre João Afonso. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, 2014.

GOMES, Eliane Maria Pires. **Relatório de Tempo Comunidade**: Período I. Comunidade de Padre João Afonso. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, 2016.

MENDES, Maurício Teixeira. **Relatório de Tempo Comunidade**: Período I. Comunidade de Padre João Afonso. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, 2015.

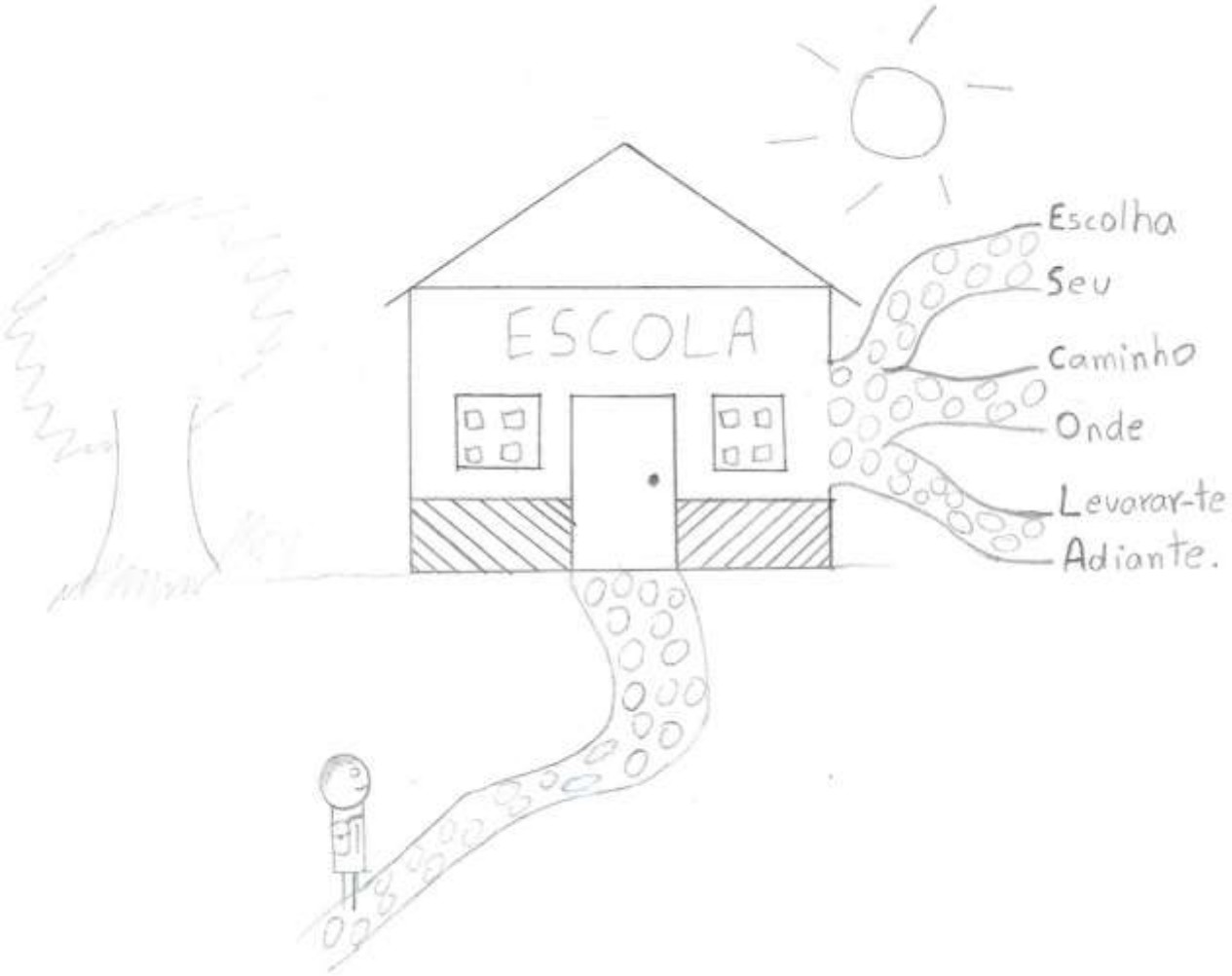
RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: companhia das Letras, 1995.

SANTOS, Geraldo Vanderley dos. **Relatório de Tempo Comunidade**: Período I. Comunidade de Padre João Afonso. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, 2014.

SILVA, Williasmar de Sousa. **Relatório de Tempo Comunidade**: Período I. Comunidade de Padre João Afonso. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, 2015.

SOUZA, Cláudia Rejane de. **Relatório de Tempo Comunidade**: Período I. Comunidade de Padre João Afonso. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, 2016.

VIEIRA, Sabrina Lemes. **Relatório de Tempo Comunidade**: Período I. Comunidade de Padre João Afonso. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, 2016.



Matheus Cristhiam Mendes

Morador da comunidade

A Escola Estadual Padre João Afonso

MAURÍCIO TEIXEIRA MENDES

Antiga escola de latão

Escola nos dias atuais

Fotos: Maurício T. Mendes – arquivo pessoal

Aos 13 de julho de 1963 a comunidade de Padre João Afonso estava em festa, pois era inaugurada sua primeira escola. O motivo de tamanha alegria se dava devido aos grandes esforços de seus moradores.

Tudo teve início em meados de 1940. Nessa época começou a funcionar a primeira sala de aula da comunidade, mantida pela prefeitura na antiga igrejinha, com as professoras Geralda Abreu e Ismênia da Conceição. Ambas eram leigas e só poderiam ministrar da primeira à terceira série, um processo muito vagaroso e difícil, pois as situações eram precárias. A terceira professora desta "escola", Maria da Luz Ferreira, era de uma família que representava a comunidade. Seu pai, o saudoso Vicente Sena foi vereador e até prefeito da cidade de Itamarandiba e levou a filha para estudar com a delegada de Teófilo Otoni, podendo então dar aula para a quarta série primária, e ingressou na escola no ano de 1960. A professora relembra o passado sofrido dos alunos, com pés descalços, sem material escolar, e ainda relata que no tempo de frio não tinham agasalho. A vida era muito dura, não havia merenda escolar, quem podia levava numa sacola mandioca cozida, batata assada, laranja, banana, goiaba e outros produtos colhidos na lavoura.

A metodologia de ensino era tradicional, os alunos não podiam opinar na sala de aula e as avaliações eram orais devendo mostrar o que tinham decorado. Uma professora diz que era permitido até dar umas palmadas nos alunos. O tempo foi se passando, os alunos foram aumentando e surge a necessidade de construir um grupo escolar. Para que o Estado aprovasse tal construção exigia-se ter no mínimo 180 alunos matriculados. Foi então uma correria para que alunos das redondezas da comunidade fossem se matricular na escola que passou a ter até um nome: "Escola Reunida".

Relata a professora Maria da Luz Ferreira que o próprio governador do estado, o Senhor Magalhães Pinto, visitou a comunidade para aprovar o projeto da construção do grupo escolar. De latão e piso em tacos de madeira, com quatro salas, uma cantina, dois banheiros e uma diretoria, foi então feita às pressas a escola. Foi a primeira vez que um caminhão veio à comunidade. Os moradores ficaram admirados e vinham de todos os lados para ver tal proeza. Abriram-se as portas para um novo horizonte em 13 de julho de 1963, com a inauguração da escola estadual que recebeu o nome do padre que celebrou a primeira missa na comunidade: "Escola Estadual Padre João Afonso" (EEPJA).

Maria da Luz se aposenta em 1987 e, neste mesmo ano, a escola teve a primeira diretora, Maria das Graças Ferreira, que encerra o seu mandato em 1990. Ainda no ano de 1987 foram construídas várias escolas em fazendas próximas à comunidade Padre João Afonso. Foi aí que Filomena Maria do Socorro, que concluiu o magistério, saiu de São Sebastião do Maranhão e veio morar na comunidade de Padre João Afonso, começando a trabalhar na Escola Estadual Vicente Sena, a seis quilômetros da comunidade. Essa escola fazia parte da regional da EEPJA. Filomena diz que prestou concurso para trabalhar na EEPJA, mas que por fazer parte da regional tomou posse em tal escola.

Filomena volta ao passado com os olhos cheios de lágrimas, pois disse ter sofrido muito para trabalhar. Na escola tinha cerca de 30 alunos, do primeiro ao quarto ano e todos em uma mesma sala. Relata que tinha quadros espalhados por toda a sala. A professora trabalhava sem nenhuma ajuda dentro da sala de aula, havia somente uma merendeira. Percorria os seis quilômetros todos os dias a pé e, por trabalhar com quatro turmas, disse que seus dedos davam calos que até sangravam de tanto escrever. Mas considerava como dificuldade não ter um banheiro na escola. Era improvisada uma fossa

com assoalho de madeira com um buraco no meio e quando o aluno ia utilizar tal fossa a professora ficava do lado de fora morrendo de medo de o aluno cair lá dentro. Outra dificuldade era não ter o acompanhamento de um supervisor. Filomena diz ter trabalhado oito anos nesta escola sem receber nenhuma visita ou inspeção para passar orientações e acompanhamento, mas se esforçava para transmitir aos alunos um ensino de qualidade.

No ano de 1999 Filomena recebeu um comunicado do governo do estado que a escola que trabalhava iria fechar e que a professora deveria ser transferida para a EEPJA. Ela se sentiu muito feliz, mas viu no olhar das mães daquela região tristeza e preocupação. Porém era ordem do governo e não poderiam fazer nada. Iniciando na EEPJA, o trabalho lhe pareceu mais suave. No ano 2000 já havia 10 anos da diretora Marlene de Oliveira Nunes, e a escola desde 1996 já tinha da primeira à oitava série, ou seja, o Ensino Fundamental Completo. A escola estava bem estruturada, tinha cerca de 15 professores e 350 alunos. Era autorizado aos professores que tinham o Ensino Médio dar aula da quinta à oitava série. Contudo, devido à falta de professores habilitados na região, algumas disciplinas, como física e química, não constavam no histórico escolar dos alunos, pois não havia professores nessa área.

Houve a passagem rápida de Maria Alice Cipriano Gomes na direção da escola. Foi eleita pela comunidade, mas por motivos maiores se exonera do cargo, sendo substituída por Silvana Maria Dias, designada pela Superintendência Regional de Ensino de Diamantina e ficando três anos na função. Houve outra eleição para diretor e João Raimundo de Carvalho foi eleito pela comunidade. Sua administração foi marcada por grandes lutas e conquistas, dando início à construção de um novo prédio escolar. Em conversa com João Raimundo este se diz realizado por ter tido a oportunidade de ter contribuído para a melhoria da escola. Além disso, contou o seguinte fato engraçado, que ele relembra sempre:

> *O acesso à comunidade é por estrada de terra e as estradas eram muito piores que hoje. E no primeiro ano do meu mandato houve um período de muita chuva e a merenda da escola acabou por completo. E tive que ir a Itamarandiba, a cerca de 30 quilômetros, buscar merenda uma vez que na comunidade não havia comercio legalizado onde a escola pudesse comprar. Um percurso em dias normais é cerca de 2 horas, mas neste dia eu gastei mais de 5hs, mas consegui chegar. Trouxe o básico do básico, o acesso à entrada da escola era por um morro muito inclinado. Eu carregava uma mala de macarrão, e chuva que Deus dava, já passava das dez da noite, e fui arrastado pela enxurrada que descia o morro, e a mala de macarrão foi indo em água abaixo. Chorei igual uma criança, lutei o dia inteiro para trazer merenda para a escola. E com os olhos lacrimejando enfrentei a enxurrada e recuperei a mala de macarrão, e ao abrir havia danificado somente dois pacotes.*

João Raimundo é um personagem muito importante na história da escola, pois iniciou um trabalho em conjunto com o colegiado e com a comunidade escolar para buscar melhorias. Além da construção de um prédio escolar, vários projetos se iniciaram. Foi sob a sua administração que comunidade e escola conseguiram a implantação do Ensino Médio, passando a escola a atender desde os anos iniciais do Fundamental até o Ensino Médio.

Depois da passagem de João Raimundo a escola teve como diretora Dirce Pastor de Oliveira Barbosa, que continuou a manter o bom funcionamento da escola. Sua gestão

foi marcada pela organização, tanto funcional quanto financeira da EEPJA, pois no processo de construção da nova escola casas de moradores foram utilizadas para o funcionamento do ano letivo. Voltar com todos os materiais para a escola gerou certo transtorno até que tudo se ajeitasse.

Nos dias atuais a escola tem como gestor Cristiano Afonso Fernandes Teixeira, que, nos dois anos de sua administração, sempre manteve o pensamento no futuro, equipando a escola e tentando parcerias com pessoas e instituições para a melhoria da escola e da comunidade.

Hoje, nesse ano de 2018, podemos dizer que a EEPJA é uma escola do campo que trabalha no intuito de construir uma educação dialógica entre escola e comunidade, valorizando os diferentes saberes nela existentes. A escola é mantida pelo estado de Minas Gerais. O seu funcionamento se dá em regime regular em três turnos: manhã, tarde e noite. Atende desde os anos finais do Ensino Fundamental até o terceiro ano do Ensino Médio, além de turmas de Educação de Jovens e Adultos nos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Pode-se dizer que todos os 315 estudantes da EEPJA são do campo, uma vez que a escola está localizada em uma pequena comunidade campesina. Com a política de nucleação foram fechadas várias escolas do campo. Precisamente, em um raio de 18 quilômetros da comunidade Padre João Afonso foram fechadas dezesseis escolas. A partir disso, seus estudantes foram transferidos para a EEPJA. Segundo a secretaria da escola, todos seus estudantes são de baixa renda, de acordo com levantamento de dados familiares e orientações do Censo Escolar.

Quanto ao acesso a novas tecnologias pode-se dizer que a EEPJA é bem estruturada, pois possui televisões de 48 polegadas nas suas oito salas de aula e um laboratório de informática com vinte computadores ativos, todos conectados à internet e à serviço de estudantes, professores e comunidade escolar. Além disso, conta com um quadro de pessoal composto por 26 professores, 9 ajudantes de serviços gerais, 3 assistentes técnicos da educação básica, 2 supervisoras pedagógicas, 2 bibliotecárias, 1 secretária, 1 diretor e 1 vice-diretor.

Mesmo com todas as mudanças e melhorias ao longo dos anos, a escola ainda passa por muitas dificuldades de infraestrutura. Ainda falta espaço de lazer para os estudantes, tais como quadra de futebol, além de outros espaços essenciais para a formação dos estudantes, tais como laboratórios de química e de biologia. Mas, segundo professores e estudantes, a maior dificuldade seria a melhoria dos acessos à escola devido às condições precárias das estradas. A solução dessa dificuldade seria a prioridade a ser enfrentada.

O avanço nas comunidades do campo é um processo lento e muito difícil. Na construção da história desta escola podemos perceber que, por exemplo, quando a professora Filomena relata sobre o fechamento de escolas no campo e, consequentemente, a criação de escolas-núcleo, notamos que quem perde é a educação. Os alunos são sacrificados tendo que acordar cedo, perdem muitas aulas, pois nos dias chuvosos não tem transporte e as condições precárias das estradas ocasionam danos mecânicos nos transportes, ficando parados ou colocando em risco a vida dos alunos. Além disso, os fechamentos das escolas colaboram com a desestruturação das comunidades e com a perda do vínculo dos estudantes para com elas.

Júlia de Cássia Ferreira

6º ano do Ensino Fundamental da EEPJA

Biografias

OS ORGANIZADORES

A seguir serão apresentadas 26 biografias de sujeitos vinculados à comunidade Padre João Afonso. As 22 primeiras foram escritas a partir de oficina desenvolvida pelo projeto de extensão *Comunidades do Campo: conhecendo seus sujeitos, saberes e realidades* (UFVJM) com uma turma do 3º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Padre João Afonso no ano de 2017, no âmbito da disciplina de Língua Portuguesa, que era ministrada pela professora Hemerenciana Maria da Silva.

A princípio, a ideia deste trabalho era que os alunos gravassem programas de rádio relatando a vida de alguns personagens da comunidade. Mas como tinham que inicialmente escrever as histórias para depois gravá-las, decidiu-se por confeccionar um livreto com o material redigido. Este serviria como fonte de pesquisa para outros alunos e professores, visto que a escola não dispunha de um acervo literário. Como o gênero biografia era um dos conteúdos integrantes do currículo a ser trabalhado no 3º ano, optou-se por fazer a junção da temática biografia com a proposta do projeto *Comunidades do Campo*.

Empenhados e motivados, os alunos se dedicaram muito na escrita das biografias, relatando vivências e experiências jamais imaginadas por eles. Viajando no tempo, relembrando histórias várias vezes esquecidas, trazendo de volta lembranças que marcaram profundamente as vidas de muitos personagens, inclusive de seus próprios familiares. Ao finalizar o trabalho foi feita uma roda de conversa para que os alunos partilhassem as experiências vividas durante o desenvolvimento do processo. A emoção tomou conta de todos, lágrimas corriam pelos olhos ao relatarem suas biografias com sentimentos de indignação, de orgulho, de pertença e de alegria por terem feito parte da história de grandes mulheres e homens da comunidade.

Já as 4 últimas biografias apresentadas a seguir foram produzidas por discentes do curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEC) da UFVJM nos anos de 2015 e 2016. Foram criadas a partir de atividade regular elaborada pelos estudantes durante o 2º período do curso, no domínio do tempo-espaço formativo que recebe o nome de *tempo comunidade*. A proposta dessa atividade é oferecer aos estudantes a possibilidade de contextualizar e de problematizar parte de seus estudos, compreendendo as relações existentes entre trajetórias individuais de sujeitos do campo e processos sociais que as transcendem.

Ana Lúcia Sena Mendes

. . . . . .

por Mariele Cristiane Mendes

Ana Lúcia Sena Mendes nasceu em Padre João Afonso(Itamarandiba, MG), em 27 de julho de 1957. Foi criada na mesma cidade onde vive até hoje. A infância de Ana foi um período muito tranquilo no qual ela pôde brincar e estudar. Em suas palavras: "Era muito bom! A gente brincava muito, o que as crianças de hoje quase não fazem. Brincava, era muito bom aquela turminha, as amizades, as crianças brincavam juntas e a gente tinha muito tempo pra ficar com os coleguinhas e tudo. Era peteca, bola, brincávamos muito de rodinha e hoje a gente quase nem vê essas brincadeiras... E foi bom."

Na época as crianças começavam a ser alfabetizadas com sete anos de idade, onde o ensino era da 1ª à 4ª série. Disse ela: "Naquela época a gente não entrava tão cedo na escola igual as de hoje, porque tinha idade, tinha que entrar com sete anos na escola que era a idade certa. E eu fiz até a 4ª série. Naquela época era série que se falava. Então de 1ª à 4ª foi uma beleza. Nunca repeti de ano e então tão cedo eu saí da escola."

Com muitas dificuldades financeiras, naquela época não foi possível se aprofundar mais nos estudos, pois seus pais não tinham condições o suficiente para bancar com os gastos. Como disse: "Com muitos problemas financeiros não tinha como a gente sair para estudar, então meu pai falou assim: 'O que eu posso dar é de 1ª à 4ª série'. Então foi aí que todo mundo parou."

Na adolescência, com apenas 15 anos de idade, Ana começou a trabalhar no projeto Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização), no qual ela alfabetizava adultos. Ana disse: "Quando eu tinha 15anos começou um movimento brasileiro de alfabetização que era pra pessoas adultas que não tiveram como estudar. Eu na época com 15 anos em 1972, eu fui lá pra fazenda São Pedro pra lecionar uma turminha de adultos que não sabia ler e nem escrever."

O seu local de trabalho era bem simples, não existia escola, portanto suas aulas eram dadas na casa do senhor Antônio Teixeira que tinha disponibilizado um cômodo de sua casa onde os alunos pudessem ser alfabetizados. Em suas palavras: "Era na casa de seu avô Antônio Teixeira que aconteceu essa escola, esse curso foi dado lá. Ele cedeu a salinha da casa dele e eu arranjei um lampião a gás e levei esse lampião pra lá e comecei com essa turminha."

Uma das grandes recordações que ela guarda dessa época é a gratidão que seus alunos tiveram e ainda têm com ela. Assim disse: "Muitos hoje que eu encontro dessa turma falam assim: 'Oh! Mais foi tão bom, o que eu sei eu devo a você!'"

No ano seguinte, com 16 anos de idade ela continuou nesse projeto de alfabetização com o qual ela trabalhou com crianças e nisso ela prosseguiu nessa profissão até se aposentar. No entanto, para Ana continuar nessa profissão na área da educação foi necessário que ela estudasse um pouco mais. Disse ela: "Mas pra eu chegar na aposentadoria eu tive que estudar mais porque eu só tinha de 1ª à 4ª série. Então eu fiz o ensino médio em Itamarandiba pelo supletivo, então eu completei né?!"

E nessas idas e vindas de sua vida Ana se casou e continuou a morar na fazenda São Pedro. Afirmou: "Em 1981 me casei e tive a minha primeira filha, a Ângela. E foi aquela luta: família, escola, estudo e tudo ao mesmo tempo." Ao todo, Ana teve quatro filhos e hoje, para completar a família, ainda tem sete netos.

Nesse período em que teve seus filhos, Ana teve que deixar de exercer a sua profissão por um bom tempo. Ana contou: "Eu comecei a trabalhar e por causa dos meus filhos eu deixei de trabalhar um certo tempo, porque não tava conseguindo conciliar casa com trabalho. Então eu fiquei dez anos sem trabalhar fora e depois do meu último filho foi que eu retornei a trabalhar."

Durante esse tempo em que Ana morou na fazenda São Pedro, percebeu que ali havia muitas famílias carentes, necessitadas de uma ajuda financeira. Foi aí que aconteceu de ela participar de uma conferência São Vicente de Paulo (um movimento católico de leigos que se dedica sobre o influxo da justiça e da caridade, à realização de iniciativas destinadas a aliviar o sofrimento do próximo, em particular do social e economicamente mais desfavorecidos, mediante o trabalho coordenado de seus membros) em Aricanduva, no qual ela viu uma maneira de ajudar essas famílias.

Então na fazenda São Pedro ela fundou a primeira conferência no intuito de aliviar o sofrimento do próximo. Ainda sobre sua religião, Ana também atua ajudando sendo ministra da Eucaristia e da Palavra.

Ana fez o Normal Superior em 2005. Depois veio a pós-graduação em Educação do Campo em 2012, pela Universidade Estadual de Montes Claros, na qual ela considera uma grande conquista. Ainda em 2005, após o falecimento de seu irmão, que trabalhava no cartório, Ana decidiu assumir o seu lugar onde se encontra trabalhando até os tempos atuais. Disse ela: "Em 2005 meu irmão Zé Sena faleceu e aí eu assumi o cartório no lugar dele pra segurar. Então em 2005 eu fui nomeada oficial do cartório de registro

civil. Então pra mim é muito importante o contato com as pessoas, poder também ajudar no que for possível dentro do meu serviço."

Depois de muita luta, sofrimento, conquista, Ana se encontra realizada, satisfeita com a vida que leva. Muito religiosa, frequenta sempre que pode a igreja católica de sua região. Ana contou: "Me encontro bem, feliz, satisfeita, realizada, apesar dos pesares. Religião sempre, apesar de muito trabalho eu nunca deixei o seu lugar na minha vida, igreja é um ponto primordial."

"Nem tudo o que pode ser contado conta, e nem tudo o que conta pode ser contado".

Albert Einstein

Conceição dos Santos

. . . . . .

por Josimara Ferreira

Conceição dos Santos nasceu no município de Itamarandiba, na comunidade de São Domingos. Nasceu em 1950. Em um trecho resumido ela diz: "A minha infância foi muito difícil, pois quando tinha 3 anos de idade minha mãe faleceu. Não tive o prazer de passar muito tempo com ela, não me lembro muito dela, pois era muito pequena naquela época."

Depois disso Dona Conceição foi morar com sua tia Maria e, com o passar do tempo, quando já estava com sete anos, começou a trabalhar na roça para ajudar em casa. Dona Conceição não teve condições de estudar. Relata: "Tive muita vontade de estudar, mas não pude porque minha tia não deixava, pois ela dizia que a escola não iria colocar comida dentro de casa. Com isso meu sonho se perdeu com essas duras palavras. Continuei a trabalhar até os meus 15 anos de idade com a filha de minha tia, que se chama Augusta, mas como costume chamávamos ela de 'Gutinha'. Ela era minha melhor amiga que eu tinha apesar que era só ela mesma, mas isso não vem ao caso."

As duas eram muito apegadas uma à outra, cresceram juntas. Mas aconteceu algo muito terrível que deixou Conceição muito aflita e preocupada, pois Gutinha havia ficado muito doente. Disse: "Fiquei muito preocupada com ela, pois por um momento pensei na possibilidade de perdê-la. Mas graças a Deus não aconteceu nada demais, e fiquei mais tranquila."

Ao passar dos anos ela conheceu um moço muito bonito chamado Francisco. Foi amor à primeira vista, e único amor de sua vida. Ele era mais velho que ela alguns anos e isso não impediu os dois de ficarem juntos e noivarem. Mas naquela época Francisco estava passando por dificuldades, pois tinha que trabalhar para manter a mãe que estava muito doente e com isso adiaram o casamento. Cinco meses depois resolveram que iriam se casar pois já iriam ter seu primeiro filho.

Semanas depois finalmente realizaram o sonho de se casarem. Francisco construiu uma casinha de bambu e barro com o telhado de tapera, mas não tinham utensílios domésticos, mal tinham a roupa do corpo. Relata: "Foi minha tia e minha sogra que me deu umas coisinhas pra gente ir quebrando o galho até a gente conseguirmos comprar algumas coisas necessárias em casa."

Francisco trabalhava duro junto com sua mulher para não faltar nada dentro de casa. Logo veio a criança tão esperada, uma linda menina que veio trazer muita felicidade para eles: Relata: "Fiquei muito feliz, foi um dos dias mais felizes das nossas vidas."

Ao passar dos anos foi crescendo aquela linda menina que se chamava Geralda. Cresceu com uma infância muito boa, pois seus pais fizeram de tudo para que ela não

passasse por dificuldades como eles passaram. E assim foi até quando ela se casou e formou uma família.

Dona Conceição teve três outros filhos que também cuidou com muito carinho, sentindo-se uma pessoa feliz e realizada após ter trabalhado tanto para dar uma vida digna e honesta para seus filhos.

Domingas Carneiro dos Santos Mendes

. . . . . .

por Gabriela Oliveira Araújo

Dona Domingas Carneiro dos Santos Mendes, de 76 anos, nascida no dia 04/08/1941, foi a segunda filha do casal Artimino Carneiro e Maria Mendes Domingas. Nasceu e cresceu aqui mesmo na comunidade de Padre João Afonso, onde reside até os dias atuais. Ao ser indagada pelo paradeiro de sua mãe, ela diz: "Pra começar eu fui criada sem mãe, só com meu pai. Fui pra casa da minha vó pequena. Eu vou contar como se fosse história, serve? Quando minha mãe morreu eu lembro que nós era tudo pequenim na casa da minha avó. Nós ficava deitado pro chão afora e fazia travesseiro de foia de café (risos). Eu lembro do dia que deu sarampo ni mim. Quando a minha mãe morreu tava saino quela pro cemitério e me chamano preu vê, e eu falano pra esperar eu cabar de comer. 'Ô péra aí, deixa eu cabar de comer'. Aí minha tia me gritou e falou comigo. 'Vem, cê não vai vê sua mãe mais não'. E eu falei assim: 'Tamém esse povo nem deixa a gente comer'. Alembro até hoje, até a comida o quê que era."

Sobre a infância de Dona Domingas ela não tem boas recordações. As brincadeiras de crianças não faziam parte do cotidiano dela. Ela ainda diz: "Quando eu era criança eu trabaiava uai. Desde 8 ano que eu fui trabaiá pros oto, que meu pai me deu pros oto, eu fui trabaiá na casa de uma muié que eu oiava 9 menino, era 9 menino pra mim oiá. Ainda apanhava na cabeça, ainda essa muié é viva até hoje, mas diz que tá um caquim. A gente assim boba não alembra muita coisa não que a cabeça da gente é muito ruim."

Domingas ri e conta: “Quando eu ainda era moça que eu tava pra casar e que vinha pra cá, o primeiro carro que entrô aqui foi um caminhão, e eu alembro o dia que ele chegou. Nóis tava lá embaixo no largo da igreja, o caminhão urrou lá em cima (risos). As muié danou gritano ‘o bicho invém’ e deu um carreirão praquela rua abaixo. De coisa que a gente passou foi muita, e cum pouco nóis voltava, ele vinha dum lado, nóis curria do outro, até que nóis acostumou quesse caminhão. Alembro do primeiro avião que nóis tava tudo debaixo duma chácra, e passou o primeiro avião. O povo tava tudo perguntano que barui era aquele , e aí nóis oiano, nóis num oiava pra cima não, oiava pro chão pra vê o quê que vinha do chão, e aí quando acabou o barui foi um comentário e uma rezadeira por conta da zueira desse avião. E aí todo mundo pensano, quê que será que ia ser aquilo. Nóis ficou assombrado muitos anos, sem saber o que era, até que eu fui saber que era avião já era casada, foi que o povo pegou expricar o que era.”

Após sair da casa onde Domingas morou aproximadamente quatro anos, ela morou com seu pai em uma comunidade vizinha, e depois saiu de casa só para se casar, como diz a seguir: “Com 12 anos fui pra casa do meu pai, só nóis dois. E lá fiquei. Quando tava com 16 pra 17 ano eu casei, tive meu primeiro filho com 17. Casei nova porque já não tinha mãe. Aí foi quando começou a labuta, trabaiano. No tempo que eu casei tamém eu era boba, não sabia de nada. Quando eu tava esperano meu primeiro fí eu não sabia, aí foi ele que falou comigo, quê que era, e daí pra cá levei aquela vida assim, de trabaiá pra pudê cuidar dês de muito sofrimento, muita coisa que passava por a gente.”

Ela ainda conta que morou muitos anos em Jundiaí, e que teve três filhos lá. Os mesmos estudaram, tendo assim oportunidades que ela infelizmente não teve. Hoje ela diz que passou por muitas coisas na criação dos meninos, mas que sempre os ensinou a trabalhar e não pegar nada de ninguém. Domingas visa muito à humanidade, o que passou para eles durante todos esses anos. Ela diz que mesmo morando em cidade grande sempre teve amizades, e que ensinou seus filhos isso também.

Quando a perguntei sobre o falecimento de seu pai ela disse: “No dia que eu tava arrumando, no dia que ele foi morar mais eu, e ele tava doente e que foi pra cidade, eu tava arrumando a casa pra esperar ele, ês mandou avisar que ele tinha morrido.” Perguntei se ela lembrava do quê que ele morreu. Respondeu: “Ô menina, eu não posso falar cocê, o povo fala, que nesse tempo também eu nem pensava nessas coisas, o povo fala que é daques doença que de muié que pegou nele.” Perguntei sobre sua mãe. “Minha mãe? De quê que ela morreu? Minha mãe morreu de estrepada, que passou 7 dias e não tirou o estrepe e deu tétano, e não tinha médico nem nada.”

Na época, abusos sexuais eram muito frequentes, e ficavam por “debaixo dos panos”. Domingas quase foi vitima, ela conta: “A primeira pessoa que meu pai deu eu pra ês quando minha mãe morreu, tinha um tanto dessas muié, ce sabe né, não precisa expricar, e o povo falava que eu era muié bunita nesse tempo, aí a menina, parecia de noite, as vez eu tava dormindo assim, passava homem, que tem um que morreu pouco tempo, passava, sartava a janela e ia pro outro quarto. Eu era bem novinha, e tinha uns meninos do Maranhão que gostava muito de mim, que era gente do povo, aí menina, ês falou que era pra me tirar dessa casa. Nesse tempo Seu Tatão era juiz de paz, Zé Barbeira era delegado, aí ês ficou de me tirar da casa dessa véia, diz que a véia morreu de paixão, que a véia gostava de mim demais. Aí menina ês arrumou com minha tia pra me tirar de lá, quando foi de noite, arrumou daqui, arrumou dali, e falou comigo ‘Oh, de tarde nóis vamo dá um passeiozim’, aí nóis tacou dentro dum canavial que tinha no fundo ali onde é essa coisa do João ali, e saiu aqui em cima, daqui de cima ês me levou pra lá, quando foi de noite o tal que tinha pedaço pesado rachou atrás, foi me buscar, e quem disse, quando

chegou lá, aí Seu Tatão saiu de casa esse dia não, ele falou que sabia que arguém ia lá, e esse homi era safado que nunca vi. É nisso aí que eu tô contando ocês que meu pai morreu, ele frequentava esse tipo de casa. Eu lembro de coisa aqui que cê nem imagina. Aí menina, eu fui, quando foi de noite ele bateu lá pra me buscar, aí Seu Tatão saiu lá na porta e não deixou ele entrar, aí ficou eu lá sem poder sair e sem saber o que se tratava, sem um pingo de mardade. Ele tava me amansando, mas graças a Deus me protegeu, aí foi ficano assim, o dia que o homi ia pro Maranhão eu podia sair, o dia que não ia não, aí foi assim que a véia adoeceu, diz que ela morreu chamando 'cadê minha Dominga'."

Ao ser questionada da sua vida com seu esposo Joaquim ela conta: "Era mais ou menos, de vez em quando tinha uma cheiradinha, mas que ele era muito bom pra mim ele era. Fui casada 52 anos, de 52 eu desejava que meu véi tivesse até hoje, me fez muita farta".

Atualmente ao ver seus cinco filhos criados, muitos de seus netos ao seu lado e já com bisnetos, Domingas se vê uma mulher vitoriosa por passar tudo o que passou, e completa: "Eu me vejo muito poderosa, vitoriosa, me vejo passar por cima de tudo e hoje graças a Deus tem muita coisa pra mim ver e confirmar, saúde tá boa, passar de tudo que eu passei e hoje em dia eu tô sossegada, como diz a história pegando com Deus a gente vê isso tudo."

Ao término desse trabalho chego à conclusão de que por mais difíceis que as coisas fossem na vida de Dona Domingas sempre prevaleceu a humildade e um sorriso no rosto, e que a fé tem grande importância na sua vida para torná-la o que é hoje.

Elzira Pereira de Oliveira

. . . . . .

por Ricarley Francisco de Oliveira

Elzira Pereira de Oliveira nasceu no dia 10 de maio de 1976, filha de Elias Pereira e Maria Dominga Alves. Conta que nasceu em uma comunidade rural chamada Desejada, e que fica próxima à cidade de São Sebastião do Maranhão. De família humilde, explica que em sua infância brincou muito e com diversos tipos de brinquedos como perna-de-pau, bonecas, entre outras brincadeiras.

Sobre a sua educação ela diz: "Entrei na escola com sete anos, que era a idade permitida para se começar a estudar, mas como naquele tempo ninguém tinha ânimo para estudar só fiz até a 2ª série e quando disse isso à minha mãe ela ficou foi alegre com a notícia."

Devido à sua saída da escola Elzira começa a trabalhar no início de sua juventude com 15 anos, como arrumadeira de casas. Fala que começou cedo porque naquele tempo as condições eram muito difíceis, já que sua família era humilde e não possuía muito dinheiro. Então ela começa a trabalhar para ter seu próprio dinheiro e comprar o que quisesse. Contudo sua juventude também foi bem divertida como ela diz a seguir: "Eu me divertia muito indo a festas e fazendo vários passeios e uma das coisas que eu mais gostava de fazer nas festas era dançar e conversar com meus amigos."

Com o passar de alguns anos Elzira se casa com Amauri Lacerda de Oliveira aos 22 anos e diz que foi um dos momentos mais felizes de sua vida. Nessa época ela foi

morar junto com seu marido na comunidade de Burlantins, onde teve dois filhos cujos nomes são Ricarley Francisco de Oliveira e Marques Mauro de Oliveira. Sobre seus filhos Elzira diz: "Um dos momentos mais importantes da minha vida foi quando eu recebi os meus filhos maravilhosos, Ricarley e Marques, que amo muito ter eles. Foi o maior presente que Deus me deu."

Elzira também conta que um dos momentos mais tristes de sua vida foi quando ela perdeu seus pais. Primeiro o seu pai Elias e depois de alguns anos a sua mãe Maria Dominga. Outro momento triste na vida de Elzira foi o momento em que ela caiu de moto e quebrou o joelho como ela diz a seguir: "Depois de ter perdido os meus pais um dos momentos em que eu mais sofri na vida foi quando eu caí de moto e quebrei joelho, pois nesse acidente eu tive que fazer cirurgia e fiquei um bom tempo sem andar. Mas graças a Deus agora já estou bem."

Um acontecimento que Elzira diz ter sido a realização de um sonho foi a sua viagem de avião para o Mato Grosso onde foi com a sua cunhada visitar alguns parentes que moram por lá.

Atualmente Elzira continua trabalhando como arrumadeira de casas, mas ela também diz que pinta muitas casas e trabalha também como lavradora. Vivendo na mesma comunidade desde o seu casamento, ela diz que se sente feliz com a sua vida e também fala que suas condições de vida hoje são melhores do que as que ela tinha quando morava com seus pais. Elzira diz que seu maior sonho hoje em dia é que seus filhos se formem na escola e que tenham uma boa profissão e um futuro maravilhoso.

Geralda Barbosa Pinto

. . . . . .

por Layane Vieira Barbosa

"Trago em mim a simplicidade, eu sou aquilo que a vida me ensinou... Sou sentimento, sou do campo, sou do povo, sou os versos de um caipira sonhador!"

Robson Ruas

Geralda Barbosa Pinto, nascida em 27 de fevereiro de 1934 na Fazenda Beira do Suaçuí, município de Paulistas, relata sua história de vida com orgulho estampado na face.

Em uma quarta feira às quatro horas da tarde nasce uma bela moça, a caçula de sete irmãos. Disse: "E eu sô uma caçulinha bem novinha, só 83 anos (risos)." Filha de Leonor Barbosa de Almeida e João José Pinto, a mesma conta que teve uma infância difícil. Em primeiro lugar, cresceu sem o amor de pai (o qual morreu quando ela ainda tinha poucos meses de vida), depois não teve a oportunidade de ir à escola. Já que sua mãe era professora ensinou-lhes tudo que sabia ali mesmo dentro de casa. Sem dizer nas inúmeras dificuldades que passaram, ela conta que ao decorrer de sua infância e adolescência trabalhava no cabo da enxada e da foice (dentre outros) para ajudar na sobrevivência dos seus dentro de casa e da sua própria.

Nas festas da época dizia que adorava dançar, ora tocava sanfona e um dos irmãos dançava, ora um dos irmãos tocava e ela dançava.

Chegando aos seus 17 anos, indo para uma missa na cidade, em plena curva da estrada, conhece José Maria dos Santos Oliveira, com quem namora cinco anos e se casa aos 22 na cidade de Paulistas. Logo após o casório mudaram-se para Pasmado,

localidade próxima à cidade de Coluna, onde aos 23 anos começa sua família com a chegada dos três primeiros filhos de onze que teve. Voltando para Paulistas nasceram mais três filhos, já em um município de Materlândia (cujo significado é: Mater= mãe e Lândia= cidade). Uma das filhas nasceu nos terrenos da Serra Negra, hoje Parque Ecológico Estadual que fica localizado no município de Itamarandiba. O último, por sua vez, nasceu na cidade de Guanhães, sem contar que os dez primeiros filhos vieram ao mundo com a ajuda de farmacêuticos e parteiras, e esse nasceu no hospital por meio de uma cesariana. Assim fechou-se o ciclo da matriarca como segue o relato: "Porque todo ano era um cê sabe né (risos)."

Ficavam mais de dois anos sem ver os pais, aí Zé Maria como ela o chamava chegou e lhe fez a seguinte proposta "'Ô Sá Geralda vão lá em casa', na casa do pai dele que morava lá na Coluna e nós morava aqui na Serra Negra. Aí tinha um capim no fundo do balaio porque ele tava puxano umas telha, ele mandô eu pô umas coberta rebussano o capim e pô os menino. De um lado ficava o mais pesado, do outro, dois mais leve, e o resto ficava pás mão afora e na cabeça dos animal. Aí nós fomo, chegamo lá de noite, mais naquele tempo era tão bom, a vida era difícil mais era tão boa..."

Ainda no município de Materlândia ficaram 17 anos morando de favor na casa da tia de Geralda, que aos 72 anos resolvera se casar com um vaqueiro que trabalhava para ela e este os expulsou agora de suas terras. Em meados de 1982 rumaram então para Padre João Afonso, tempos aqueles em que seu primogênito já era casado e tinha dois filhos. Este veio com mais quatro irmãos e a família, dois meses antes dos pais, pois os filhos precisavam ir à escola.

Passados alguns dias, vieram os matriarcas. Eu, neta de Dona Geralda e Senhor Zé Maria. Pergunto qual foi a maior dificuldade que passaram ao chegar aqui e "Mãe", como aprendemos a chamá-la, relata: "Nossa Senhora, primeiro na estrada o caminhão caiu numa ponte, quebrou um berço, uma mesa, uma porção de coisa... E custô chegá aqui, ficô muitos dia na estrada com a mudança." Seguido de mais detalhes: "No dia que nóis viemo veio dois jipe trazeno os resto de gente que fico lá e ficamo feliz que não aconteceu nada pior né."

Geralda conta o quanto foi difícil a estadia nos primeiros dias da nova realidade, sem conhecer absolutamente ninguém tudo era mais complicado. Mas, como relata, achou o pessoal muito hospitaleiro, daí foram surgindo os amigos.

O trabalho continuou o mesmo, braçal, e, de sol a sol, ajudava o esposo a trabalhar na roça e os filhos que ficavam em casa levavam os mais novos para serem amamentados.

As diversões aqui eram das mais variadas. Aos domingos eram missas mesmo que sem padres. Um outro dia os filhos acompanhavam as famosas folias. Já em épocas de São João ela conta que os fantasiou de zebras, exatamente, pregou remendos pretos e brancos nas roupas deles e ainda por cima conta que ficaram "foi bonitos". Fato marcante aconteceu em janeiro de 1995, um acontecimento que ficou registrado na história da família: "Tudo começou por invenção dos meninos que gostava de ficá montano nos bizerro, montano ni boi, no fim inventô de fazê um rodeio lá em casa na roça, fizeram um curral, e convidô muita gente, vieram umas quinhentas pessoas, lá tinha coisa pra ês cumê, bebê, e, Graças a Deus deu tudo certo ninguém machucô não."

Mas nem tudo na vida é um mar de rosas, quando menos esperamos somos furados por uma multidão de espinhos. Abril de 2006, somos acordados e recebemos a

triste notícia de que "Pai" (meu avô) havia falecido... Instantaneamente paralisamos, sabíamos que a saúde já não estava das melhores, mas nunca é de se conformar com tais acontecimentos. A partir de tal ocorrência, Dona Geralda muda-se para dentro do Distrito de Padre João Afonso.

Hoje aos 83 anos, com seu próprio cantinho demonstra extrema felicidade e gratidão por tudo o que já viveu, não esconde nenhum detalhe da vida sofrida que teve. Religiosa por demais tenta seguir da maneira mais tradicional possível tudo que está ao seu alcance. Participativa das coisas da igreja, quando "some" surgem perguntas como: "Uai gente, a Dona Geralda sumiu, será que aconteceu alguma coisa com ela?"

Mas apesar de tantos acontecimentos considera-se uma pessoa feliz, tranquila e infinitamente abençoada por Deus. E ainda conta: "Eu tenho 32 netos e 22 bisnetos".

E ainda sobre a vida somos obrigados a concordar com a música de Ana Vilela:

A gente não pode ter tudo

Qual seria a graça do mundo se fosse assim?

Por isso eu prefiro sorrisos

E os presentes que a vida trouxe para perto de mim

Não é sobre tudo que o seu dinheiro é capaz de comprar

E sim sobre cada momento, sorriso a se compartilhar.

Também não é sobre correr contra o tempo pra ter sempre mais

Porque quando menos se espera, a vida já ficou pra trás.

Segura teu filho no colo

Sorria e abraça os teus pais enquanto estão aqui

Que a vida é trem bala, parceiro

E a gente é só passageiro prestes a partir...

Geralda Mendes da Silva Diamantino

. . . . . .

por Ellen Rayne Mendes Teixeira

Este trabalho tem como objetivo apresentar a biografia de um sujeito do campo, suas vivências e aprendizados. A partir de uma entrevista dialogada com Geralda Mendes da Silva Diamantino, residente em Padre João Afonso, sua comunidade natal.

Geralda Mendes da Silva Diamantino, conhecida como Tuquinha, nasceu na comunidade de Padre João Afonso, Itamarandiba, Minas Gerais, em 24 de junho de 1956. Descendente de uma família de lavradores, filha de Maria Petronília (conhecida como Maria Ribimba) e José Mendes (Ribimba), foi a segunda filha, tendo outras 3 irmãs. Seu pai era um senhor mais velho e seria seu segundo casamento, onde deixou outros filhos, mas Tuquinha e as demais irmãs não tiveram contato com estes irmãos.

Sua infância foi marcada por muitas brincadeiras como pular corda, brincar de boneca e entre outras coisas. Suas três irmãs e outras colegas eram suas parceiras em tudo.

Em 1964 Geralda teve uma perda muito grande, seu pai faleceu, e com apenas 8 anos de idade e em tão pouco tempo de convivência foram separados. Marcando muito sua infância, onde ela passa a ter mais responsabilidades em sua família. Sua mãe era lavradora e fazia de tudo para manter o sustento de sua família, mas sofria com problemas de saúde, como a bronquite. Então suas filhas começaram a ajudar

trabalhando em casas de família, cuidando de crianças, buscando lenha e entre outras coisas.

A sua infância divertida foi deixada um pouco de lado porque havia muitas obrigações a serem cumpridas, mas sempre que podia tirava um tempo para brincar e se divertir com as colegas. Dona Tuquinha sempre foi uma pessoa muito alegre e então por mais que fosse difícil estava sempre feliz.

Começou a estudar com 8 anos, mas devido aos obstáculos encontrados não conseguia ser frequente na escola. Eram muitas dificuldades e conciliar trabalho e escola era bem difícil. Mas recorda de bons momentos na escola: "Sempre tirava notas boas na escola e gostava muito de estudar, era uma das primeiras a terminar as atividades." Só terminou a 4ª série com 14 anos, pois na comunidade só havia 4ª série a cada 2 anos, ficando um ano sem estudar. Ela conta: "Para fazer as tarefas à noite deixava o fogo na fornalha aceso e ficava ali perto para clarear e acendia uma lampariníinha de óleo diesel. De dia não podia fazer a tarefa, tinha que trabalhar para ganhar as coisas de comer."

Com19 anos começou a namorar e logo mais tarde com 21 anos veio a se casar. No dia de seu casamento foi bem difícil, pois estava chovendo e os casamentos só eram feitos em uma cidade vizinha a uns 20 km dali. Então seguiram a pé ela, seu noivo e suas famílias. E assim casaram e continuaram morando na comunidade.

Seu marido era pedreiro e por ofertas de trabalho mudaram para a cidade de Itamarandiba com sua primeira filha que tinha 5 meses. Nesta cidade moraram em várias casas de aluguel e comunidades vizinhas. Nesta cidade teve seus outros quatro filhos. Foi um tempo muito difícil em sua vida, passando por muitos problemas. Seu marido não encontrava trabalho sempre e não permitia que ela também trabalhasse. E ele era um homem muito agressivo com ela e seus filhos, que muitas vezes não tinham a liberdade de poder brincar em sua própria casa.

E assim foram vários anos de sofrimento. Geralda conta: "Mas chegou um momento que não aguentava mais ver meus filhos e eu passando por necessidades. Procurei por trabalho, qualquer coisa que pudesse fazer em casa às escondidas de meu marido, trabalhava em troca de alimentos. Naquela época eram tempos difíceis e muitas outras famílias passavam por necessidades e sempre que uma podia uma ajudava a outra com o que tinha a oferecer."

Chegou um momento em sua vida que não havia mais como suportar e seu marido cada vez intolerante. Então em um dia como outro qualquer seu marido chega à sua casa com uma caminhonete dizendo que era para levar suas coisas e as crianças. Às pressas arrumou as bolsas e alguma coisa de comer para as crianças. Mas daquela casa não levou nada mais, porque tudo que pertencia a seu marido com ele ficou.

Foi no dia 18 de agosto de 1988 que ela foi trazida de volta para Padre João Afonso, sem trabalho e apenas com 5 crianças e nada mais. Sua mãe, dona Maria Ribimba, a acolheu em sua casa. No dia seguinte já saiu à procura de um trabalho e toda forma de trabalho que encontrava aceitava, como lavação de roupa, roçar, capinar, trabalhar em casa de família. Após 17 dias na casa de sua mãe, foi-lhe ofertada para morar em uma casa da Conferência durante 3 meses. Quando passou esse período no quintal de sua mãe foi construída uma pequena casinha de pau-a-pique rebuçada com lona e taquara. Assim já estava bem feliz, pois já possuía sua própria moradia, construída com muito esforço. E em 06 de junho de 1993 nasce sua outra filha, agora com seis

filhos. Os meninos que já eram mais velhos ajudavam na lida da casa e com pequenos trabalhos fora.

O tempo passou e nesta "casinha" viveu durante 6 anos. Em 1994, em uma noite de chuva foi acordada assustada, pois viu as paredes de sua casa no chão e seus filhos que dormiam serenamente acordaram espantados, pois estava chovendo neles. E assim amanheceu o dia com a chuva e procurando maneiras de resolver aquela situação. Foi à procura de uma casa para alugar e conseguiu alugar por 6 meses e pagava com troca de serviços.

Na comunidade havia muitas pessoas de bom coração e vendo todo empenho daquela mãe de família, muitos moradores a procuraram para lhe oferecer ajuda. Em 2 meses foi construída uma nova casa, agora com adobe e telha Brasilit. E foi com ajuda de pessoas da comunidade, cada um ajudando com alguma coisinha e seus filhos que buscavam pedras, faziam adobes, procuravam areia, tudo para que a casa fosse construída o mais rápido.

Agora sua casa já estava pronta e ali passaram durante anos. Nesta casa nasceu sua outra filha, a caçula. Mas ainda tinha muitos problemas em sua casa, não havia água encanada então para tudo que precisava buscava no rio. E foi à procura de um lugar mais confortável que trocou sua casa em outro lugar que se chama Grota. Mas lá encontrava uma dificuldade, não havia energia elétrica. Foram dias muito felizes ali apesar de ter passado por uma grande tristeza: a perda de sua mãe. E sentia que naquele lugar faltava alguma coisa.

Até que recebeu uma oferta de troca de sua casa, e este lugar era exatamente onde sua mãe havia morado e ela tinha passado o maior tempo de sua vida. A casa estava inacabada, mas isso não foi nenhum obstáculo e foi com muito esforço que terminou a casa e vive muito feliz até hoje.

Atualmente Dona Tuquinha mora em Padre João Afonso, tem sete filhos, em sua casa moram as duas filhas caçulas. Ela tem sete netos e um bisneto. Ela vive muito feliz, pois está sempre rodeada de sua família e de seus amigos.

Isidorio Justino da Silva e Nair Oliveira Silva

. . . . . .

por Brenda Anastácia Eufrásio

Isidorio Justino da Silva nasceu no dia 1º de abril de 1920 numa localidade chamado Córrego do Ouro[*]. Filho de Jose Justino da Silva e Ana Mendes dos Santos. Nair Oliveira Silva nasceu no dia 25 de abril do ano de 1947 em um local chamado Penha. Seus pais, Firmino Oliveira de 94 anos, Peregrina Felício dos Santos, já falecida.

Nair conta que desde muito nova já trabalhava na roça de seus pais, diz que fazia de tudo para garantir o sustento: "Na roça eu judava a prantá, judava a coiê a até carregá pra casa que as vez não tinha o que comê."

Isidorio também fala que sua infância não foi nada fácil, que desde seus oito anos de idade ajudava seu pai a capinar roças, e que tempo para brincar não havia. Nair emenda dizendo que brincava um pouquinho à noite com bonecas de pano: "Brincar? Ah! Quem dera minha fia. Ôh aliás a gente brincava um tiquitim à noite porque de dia não tinha, a gente rumava umas bonequinha de pano memo né e fazia as brincadera."

Nair e Isidorio também contam que seus pais trabalhavam plantando e colhendo na localidade onde nasceram e o que colhiam era o que tinham para comer, que plantavam um pouco de cada coisa: café, mandioca, arroz, feijão e outros.

[**] Nota dos organizadores: Isidorio faleceu no dia 26 de março de 2018 – posteriormente à escrita desta biografia por sua neta, Brenda, mas antes da publicação desta obra. À sua família, registramos nossos pêsames pelo falecimento. Esperamos que esta obra contribua com a preservação de sua memória.

Os mesmos relatam que desde que nasceram moravam na mesma localidade de seus pais, até se conhecerem e se casarem. O local das casas era bem perto, o que facilitava mais que se conhecessem. Eles ainda falam que o lazer da família era ir à igreja. Nair conta: "Nós saía de lá cinco horas da manhã pra vir assistir à missa, a gente chegava aqui ainda tava escuro e a missa já tava era no meio."

Isidorio comenta que lavavam os pés em uma grutinha antes de irem para a igreja: "Vinha de a pé, a gente lavava os pé e vinha numa biquinha que tinha aqui perto." Isidorio fala que para receber a comunhão era preciso seguir alguns rituais: "A gente tinha que comungar com um véu, e não podia comer nada antes, era em jejum e de joeio". Nair diz que era uma reverência muito grande, diferente de hoje.

No que se diz aos estudos, Nair conta que basicamente não estudou, disse que só foram trinta dias e não voltou mais à escola. Isidorio também disse que não foi à escola, que aprendeu a escrever somente o nome, que estudou MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização, que foi criado para tentar acabar com o analfabetismo entre adolescentes e adultos). Isidorio conta que seus parentes do passado foram todos analfabetos e que com ele não foi diferente.

Casaram-se no ano de 1969 e tiveram 11 filhos vivos e um morto. Nair fala que dificilmente faz viagens, mas que já fez algumas, incluindo Aparecida do Norte. Isidorio, porém, diz que sempre foi um homem do mundo: "Eu nasci com perna e pra andar mesmo."

No ano de 2004 ocorreu um acidente no qual Isidorio estava presente: um ônibus de linha de Padre João Afonso estava voltando da cidade de Itamarandiba, um dos pneus estourou e ele capotou em uma "barroca". Isidorio ficou com vários ferimentos graves, como perfuração nos rins. Sua irmã e mais quatro pessoas não sobreviveram ao acidente.

Nair fala sobre as doenças daquela época e dos sofrimentos pela pobreza extrema. Muitos recém-nascidos e crianças morriam e ela tinha muito medo: "Tinha vez que morria três, quatro duma vez de doença sarampo, porque não tinha remédio nem nada. Eu alembro que adoeceu os minimo da minha tia, nos e uns monte, eu fiquei muito ruim." Nair ainda diz que via vários lugares das crianças mortas nas estradas e ali ficavam, porque não tinha cemitério. Muitas mulheres morriam no momento do parto, porque dificilmente se achavam parteiras. Disseram ainda que muitos nenéns foram enterrados nas redondezas.

Isidorio diz que, em vista de antes, onde vivem é ótimo: "Nóis trabaiava demais, agora nóis tá é no céu." Eles não reclamam do passado, só agradecem pelo que eles conquistaram até hoje. A casa é sempre cheia de parentes, netos e amigos e dizem que é assim que tem que ser.

José Eustáquio Barbosa dos Santos

. . . . . .

por Jairo Helton

José Eustáquio Barbosa dos Santos é nascido na cidade de São José do Jacuri, no dia 10 de novembro de 1958, filho de José Maria dos Santos Oliveira e Geralda Barbosa Pinto, tendo 10 irmãos.

Sobre sua infância relata a dificuldade que teve para estudar: "Comecei a estudar com 6 anos e parei com 13. Fiz até a 4ª série e não tomei bomba, fiquei repetindo ano por falta de condição de ir pra uma cidade fazer 4ª série, que era o que usava na época. Comecei a estudar no município de Paulista, numa casa na roça que nem escola era. Veio uma professora e ficava dando aula pra uns meninos poucos, aí eu estudei lá por pouco tempo e fui pro município de Materlândia. Lá eu estudei mais ou menos um ano e meio e aí eu voltei pro outro lado de Materlândia no município também. Lá eu estudei este resto de tempo até fazer o 3º ano. No 3º ano eu repeti ele uns 3 ou 4 anos passando com média boa e não tendo condição de ir pra Paulista ou Materlândia fazer a 4ª série. Aí eu fui repetindo, repetindo o ano, quando chegou um tempo que eu fui fazer a 4ª série eu já tava com 12 anos, aí eu parei de estudar com 13."

Seu José diz que naquela época era tudo difícil. Tinha vez que ele e os irmãos comiam melado com farinha para saciar a fome. Ele e seus irmãos tinham que levantar de madrugada para fazerem os deveres de casa para irem para a escola. Quando chegavam em casa ele ficava até tarde da noite trabalhando para ajudar seus pais.

Por volta de 1981 sua família conhece a região de Itamarandiba, mudando-se para a Fazenda São Pedro, onde trabalharam duro para sobreviver. Passado um tempo José conhece Hélia Santos Azevedo, com quem veio a casar e teve 4 filhos.

O mesmo relata que trabalhou a vida toda como lavrador, também trabalhou como carpinteiro e pedreiro como um "quebra-galho".

Ao ser perguntado qual foi a coisa mais importante que aconteceu em sua vida ele disse: "A coisa mais importante da minha vida foi ter casado e ter tido meus quatro filhos e meus quatro netos maravilhosos."

Seu José relata que há pouco tempo atrás passou por momentos difíceis, problemas de saúde tendo que se submeter a uma cirurgia, que graças a Deus ocorreu tudo bem. Atualmente José Eustáquio mora em São Pedro com sua esposa e um dos seus filhos. Se considera uma pessoa muito feliz e realizado por ver todos os seus filhos "criados".

Lúcia Justino dos Santos

. . . . . .

por Alysson Cristian dos Santos Silva

Lúcia Justino dos Santos, viúva, 71 anos, aposentada, natural de Padre João Afonso, passou toda sua vida nesta comunidade. Mantém uma vida ativa, cuidando do jardim, do pomar e de sua casa. Levanta cedo, prepara seu alimento no fogão a lenha que ela mesma busca nas florestas próximas da região. Periodicamente vai à igreja e mantém cultos às suas crenças diariamente. Nascida em meados da década de 1940, entre poucas famílias que viviam na comunidade, se lembra das dificuldades enfrentadas na sua infância. Proveniente de família humilde, sendo a primeira filha de Raimunda e Sebastião. Desde bem jovem teve que auxiliar sua mãe e seu pai nas lidas de casa e no campo. As poucas roupas e cobertores que ela e seus dez irmãos tinham eram de doações, não tinham calçados, conta que em épocas frias seu pai preparava uma fogueira no chão da cozinha que era a própria terra revestida de fezes de bovinos, onde eles se esquentavam por determinado período, então se deitavam no chão do quarto que era revestido apenas com uma fina camada de esteira feita artesanalmente de taboa, dormiam até sentir frio novamente, acordarem e voltarem a se esquentar com as chamas da fogueira. Não tinham pratos, conta que seu pai produzia "coités" cortando cabaças ou porongos e colheres de madeira.

Mesmo com todas as dificuldades da época, se divertiam com brincadeiras interativas como pique-esconde, pega-pega e outros. De tempos em tempos o circo visitava a comunidade. No verão, todos nadavam no rio Itamarandiba a fim de se

refrescar. Estudou até a terceira série, iam caminhando para a escola, que era a aproximadamente cinco quilômetros de sua casa, e não tinham materiais escolares, as professoras dividiam os cadernos e lápis com os alunos. Quando tinham que sair bem cedo para irem para a escola ou para ajudarem seus pais no trabalho, cobriam os seus pés com palha e cipó com o objetivo de não pisarem no orvalho frio que se continha no gramado. Na época não havia carro, os produtos que não eram produzidos na região como sal e querosene chegavam na comunidade por meio de tropas. Seu avô, Pedro Justino, tinha um rancho no seu terreno, junto com algumas culturas, como arroz, feijão, café e milho. Os produtos que excediam eram levados em tropa por seu avô para Diamantina e voltava trazendo os produtos que não encontravam ali para venderem para os moradores.

Quando os tropeiros passavam por ali alugavam o pasto e pousavam no rancho do seu avô. Aos quinze anos comprou o seu primeiro calçado com um dinheiro que conseguiu vendendo lenha para as quitandeiras. Começou a trabalhar aos dezesseis anos na casa de um casal de fazendeiros que vieram de Governador Valadares para a exploração de mica na Serra Negra. Ganhava um cruzado por dia e com esse dinheiro ela ajudava na despesa de casa e comprava roupas e calçados para seus pais e seus irmãos. Seu pai faleceu quando ela completou dezoito anos. Trabalhou na roça com sua mãe para sustentarem a casa. Aos vinte anos se casou com Tarcísio Carneiro. Sua mãe foi para São Paulo e ela e seu marido foram para Pedra Preta no Mato Grosso trabalharem em sítios nessa região. Plantavam café, cana de açúcar, e olerícolas. Tiveram dois filhos enquanto permaneceram no estado do Mato Grosso. O lugar onde moravam era próximo de matas densas onde se encontravam animais silvestres. O cuidado era constante, pois ali viviam várias espécies de cobras peçonhentas e felinos de grande porte. Com duas crianças menores de dois anos, por vezes presenciavam os seus filhos em perigo.

Nessa época Mato Grosso e Mato Grosso do Sul ainda não haviam sido desmembrados. Isso ocorreu na década seguinte. Voltaram para Minas Gerais e foram morar e trabalhar em uma fazenda local. Viveram nessa fazenda durante oito anos, onde continuaram trabalhando no plantio de culturas anuais e perenes. Nesse período tiveram outros dez filhos dos quais duas faleceram quando crianças. Seu marido teve problemas no pulmão, devido ao fato de ter trabalhado durante muito tempo, antes de se casar, na extração de mica na Serra Negra. Ele, como tantos outros mineiros que prestaram serviço na exploração da Serra Negra, teve problemas nos pulmões acarretando a tuberculose. Durante mais de quinze anos ela trabalhou para cuidar dos filhos, ao mesmo tempo em que enfrentava a doença do marido. Durante esse período a sua filha mais velha a auxiliou trabalhando em casa e cuidando dos filhos mais novos. Quando completou 40 anos foi chamada para trabalhar na escola da comunidade e substituir uma funcionária que teria engravidado. Trabalhou por dois anos até a funcionária titular voltar. Dois anos depois essa funcionária se afastou novamente, onde ela voltou a trabalhar na escola até se aposentar.

Os filhos foram para as grandes metrópoles assim que atingiram a maioridade. Alguns deles permaneceram nas capitais ou regiões. A maior parte deles voltou para a comunidade depois de se casarem. As filhas se casaram e tiveram filhos, dentre elas uma mora na região metropolitana de São Paulo.

Hoje ela vive próxima de alguns de seus filhos, tem vinte e seis netos e duas bisnetas e um bisneto. Quando olha para a sua história se alegra ao perceber que as dificuldades ficaram para trás e se orgulha de ter construído toda sua memória.

Luiz de Matos

. . . . . .

por Barbara das Graças Matos Catarina

Luiz de Matos nasceu no dia 09 de outubro de 1943, no córrego José de Matos, filho de Silvestre de Matos e Josefa Jenuaria Teixeira. Teve uma infância difícil tendo que trabalhar junto com seus pais e irmãos para terem o que comer em casa.

Sua mãe era costureira e seu pai cuidava da roça para dar-lhes algum sustento. Em relação à escola ele diz que "com muito custo" aprendeu a ler e a escrever.

Quando criança passou por uma fase muito difícil: teve paralisia infantil, prejudicando uma de suas pernas, andava de muletas e ajudava sua mãe a costurar. Conta que com sua mãe aprendeu a costurar e a fazer roupas como ela fazia porque não podia ajudar seu pai na roça. E quando já podia andar voltou a fazer as mesmas coisas de antes com seus irmãos.

Luiz diz que naquela época eles não tinham condições de comprar açúcar e para poder fazer um café tinham que moer cana. Diz que a diversão dele e seus irmãos era juntar todos e cada um ajudava em alguma coisa, um girava o engenho, um pegava o bagaço, outro segurava o copo etc.

Durante sua adolescência conheceu Maria dos Anjos Silva Matos, com quem se casou e teve doze filhos. O mesmo relata: "Passamos os dias mais felizes e emocionantes de nossas vidas, mais também com muito sofrimento."

Luiz passou por momentos tristes em sua vida perdendo pessoas que tanto amava. Primeiro o seu pai que faleceu e após um ano perdeu também sua mãe, fato este que abalou muito o emocional dele.

Pouco tempo após passar pela perda de seus pais, Luiz passa por momentos difíceis com sua esposa: "Maria em algumas de suas gravidezes ficava muito mal, não podia fazer absolutamente nada. Principalmente na sua primeira gravidez tinha que fica de repouso, até comida tinha que colocar na boca dela. Já em suas outras gravidezes ela andava se arrastando, pois tinha reumatismo."

Ele conta que perdeu três filhos: um foi aborto, outro morreu com nove meses e o gêmeo de Lucia não resistiu e também faleceu. Logo depois que teve Lucia e o gêmeo ele foi para Guariba, SP, para trabalhar. Não sabia que Maria estava grávida e quando voltou ela já estava para ganhar o neném. Maria conta que ele só voltou logo depois que ela mandou uma carta porque na época não tinha comunicação por telefone.

Moraram em vários lugares e de todos eles foram despejados. Mas um desses lugares ficou marcado. Moravam no terreno da igreja, hoje chamado de Solidade. O Padre da paróquia Nossa Senhora do Perpetuo Socorro vendeu o terreno e foram despejados mais uma vez. A fala do padre ficou marcada: "Lembro desse padre de batina preta até hoje chegando lá e falando: 'Maria! Maria! Desocupa o terreno.'"

Naquela época sem terem para onde irem ficaram desesperados, sendo socorridos por uma amiga da família que os ajudou, deixando-os morar de favor em sua casa que ficava na comunidade de Padre João Afonso. Depois de um tempo ele compra um terreno e constrói sua casa onde mora atualmente.

Hoje com 73 anos de idade e 52 anos de casado, ele é coordenador da igreja católica, também é ministro da Eucaristia.

Nos seus tempos vagos tem a casa de sua filha Maria Eudocia, onde tem uma horta que ele planta de tudo um pouco para seu próprio consumo, de seus filhos e netos que moram no município.

Hoje ele diz ser muito feliz e que tudo que passou foi aprendizado: "Nós nunca se desesperô por nada, por mais doido que fosse."

Margarida da Silva Oliveira

. . . . . .

por Elizeu Gentil de Oliveira Pereira

Em 1960, filha de Sebastião Domingos de Matos e Dona Isabel Silva dos Santos, nasce Margarida da Silva Matos, na região do Povoado de Divino. Diz ela: "Sou Margarida, nasci em 1960, perdi meus pais aos quatro anos de idade, por isso não me lembro deles, aos treze anos de idade me casei forçada, pois meu avô nun valia nada e queria me ver longe da presença dele. Como era muito nova meu avô pediu um padre da região pra aumentá minha idade pra 17 anos."

Margarida relata que logo teve seu primeiro filho e que depois de um tempo seu marido faleceu. Ela contou: "Fiquei sem rumo, deixei meu fio que tinha apenas oito ano com minha segunda mãe de criação e parti pra Jundiaí tentar uma vida melhor, mais num deu certo, tive que voltar pra minha terra."

De volta à sua terra natal Margarida conhece João Lafaiete de Oliveira, que logo se tornou seu marido, construindo uma nova vida. Tiveram cinco filhos, vivendo quase na miséria sobrevivendo do que plantava na roça e passando muitas dificuldades. Margarida disse: "Nóis quase num tinha o que comer, sobrevivia do que os outros nos davam e nos fim de ano das coetas das roças que nóis prantava."

Em 14 de julho de 2002 dona Margarida perdeu seu marido tragicamente, vítima de assassinato de seu primeiro filho: "Tudo aconteceu num domingo de manhã quando o João cortava a clina do cavalo pra ir à missa no Socorro. Aí o Vaninho chegou por trás

dele e deu duas foiçada, uma pegô no pescoço e a outra no braço. Aí ele num resistiu e morreu na hora. O mais triste foi ver meus fios ver aquela cena." A partir desse dia sua vida mudou completamente, veio o sofrimento tendo que deixar seus filhos mais novos, um de três, outro de sete e outra de dez anos sozinhos em casa, para trabalhar fora só vendo eles aos fins de semana quando trazia um pouco de alimento que conseguia durante a semana, para que eles não morressem de fome.

Não aguentando ver seu filho mais novo naquele sofrimento, pediu à sua comadre que tomasse conta dele até que a sua situação melhorasse. Sua filha de 10 anos foi morar junto de sua irmã mais velha que já era casada, restando apenas o de sete anos que também foi morar com um casal vizinho, muito amigo. Contou: "Não suportando ver meus fios uns longe dos outros, mais principalmente longe de mim, conheci um homem também viúvo que falô pra mim morar mais ele, mais ele disse que queria apenas eu, intão eu falei que onde mim cabe tem que caber meus fios tamém. Assim consegui trazer pelo menos os dois mais novos pra junto de mim."

Nos dias de hoje Dona Margarida vive feliz com seu filho mais novo, pois os mais velhos seguiram um rumo na vida. Em suas palavras: "Em vista dos tempos atrás graças a Deus hoje vivo muito bem. Aqueles anos de sofrimento ficou pra trás, não passo mais dificuldades graças a Deus e minha posentadoria."

Para o futuro Dona Margarida tem muitos sonhos, mas não sabe se poderá realizá-los devido sua idade.

Maria da Conceição Carneiro

. . . . . .

por Silmara Leiliane

Maria da Conceição Carneiro nasceu em 8 de junho de 1930, filha de Rosa Dias Leite e Sebastião Carneiro dos Santos. Morava na fazenda São Pedro. Além dela havia mais três irmãos: Antonio Carneiro, Francisco Carneiro e José Carneiro. Seu pai trabalhava na lavoura enquanto sua mãe cuidava da casa, fazia farinha, torrava café.

Maria da Conceição conta que ajudava a cuidar de tudo dentro de casa já que as escolas naquela época eram bem longe da sua casa, então só os seus três irmãos que iam estudar, pois ela era muito nova para sair de casa.

A família dela veio morar em Padre João Afonso quando ela tinha 13 anos de idade. Um momento marcante na vida de Maria foi quando ela teve uma febre forte e quase morreu devido à falta de recursos médicos que naquela época não tinham. Contou: "Eu aduicí, quase que eu murrí por conta de uma febre que deu ni mim, mais graças a Deus passou."

Passado algum tempo Maria da Conceição começou a estudar, mas ela não concluiu os estudos devido às condições daquela época. Cursou apenas até o 3º ano do Ensino Fundamental.

Em 1944 ela casou-se com Geraldo Pinheiro com quem teve cinco filhos, mas infelizmente dois morreram quando ainda eram recém-nascidos. Desses ficaram apenas três. Eram eles: Maria José Pinheiro, Luzia Pinheiro Sena e Matusalém Pinheiro.

Maria da Conceição conta que passou por um momento muito difícil que foi a perda de sua filha Luzia Pinheiro Sena, fato marcante na vida dela.

A vida lhe ensinou a ser uma mulher guerreira, batalhadora, a fazer o bem aos outros sem pedir nada em troca. Ela se contenta com a felicidade dos outros, é uma mulher encantadora, especial, amável, carinhosa. Em suas palavras: "Eu procuro ser o que sou hoje né, ajudar os outros no que eu posso, tratar bem todo mundo né, se tiver meio de ajudar somos uns pelos outros."

Maria da Conceição Carneiro hoje com 86 anos de idade se sente feliz após ter passado por muitas dificuldades, muitas tristezas, mas sabe que pode contar com sua família. Hoje em dia vive tranquila sendo cuidada por seus netos a quem ela tanto ama.

Maria da Conceição Justino

. . . . . .

por Diane Justino Mendes

Maria da Conceição Justino nasceu na comunidade de Sapucaia. Foi a primeira filha do Senhor Pedro Ferreira e de Dona Conceição Alves Ferreira, teve quatro irmãos aos quais não teve muita convivência. Desde muito criança já trabalhava, saía com sua mãe para arrumar a casa dos outros, como ela relata: "Vai minha fia, mãe saía pra trabaiá e levava eu junto, arrumava a casa dos oto e ficava por lá mesmo porque era longe, não dava pra vortá pra casa."

Quando completou seus nove anos de idade sua mãe faleceu, antes disso já tinha perdido o pai, o que ocasionou a separação de todos os irmãos, cada um foi levado para uma casa diferente. Com isso ela foi morar na casa da Dona Maria do Tito. Lá trabalhava cuidando das crianças. Perdeu sua infância trabalhando, ela conta que brincou de boneca, não porque deram para ela, mais sim porque quando via as crianças brincando aproveitava e também brincava. Seu primeiro chinelo calçou quando já tinha nove anos: "Eu num sabia nem pra que servia, quando fui pô no pé pus trocado, num conseguia anda com aquilo no pé, eu ia dar um passo e chutava o chinelo lá na frente."

Com a infância sofrida, também não teve permissão para estudar, porque seus afazeres eram muitos, mas ficando em casa aprendeu muita coisa também. Diz que aprendeu a "cortar íngua" e cobreiro observando como as pessoas faziam.

Conheceu seu primeiro namorado, Jadir Justino, aos 25 anos, porque quando era mais jovem não podia sair, passou sua juventude trabalhando. Para se casar enfrentou algumas objeções, pois o senhor Tito, o qual ela trabalhava em sua casa, era contra este namoro e chegou até a falar que se este rapaz chegasse lá o mataria.

Então o senhor Manuel, um amigo do casal, resolveu ajudá-los, convenceu o senhor Tito que desse permissão para o casamento. Após um mês de namoro, Dona Maria organizou tudo para o casamento. Depois que se casou foi morar em Guariba, lá ficou por dois anos, tinha um casamento muito feliz, trabalhava junto com seu marido cortando cana.

Por conseguinte, foram embora trabalhar para um senhor chamado Levino. Lá ficaram por oito anos e enfrentaram muitas dificuldades, pois seu marido Jadir às vezes trabalhava o dia todo em troca de comida. Depois de quatro anos de casamento teve filhos, duas meninas e um menino que não resistiu e morreu ainda pequeno com pneumonia e assaduras pelo corpo. Na época tratamento era muito difícil.

Enfim vieram morar na comunidade de Padre João Afonso e tiveram mais um filho, o caçula. Quando vieram para cá não trabalhavam mais, pois tinham que cuidar de seus filhos. O senhor Jadir trabalhava na lavoura e sustentava a família, mas como nada é perfeito bebia muito, não trazia problemas para a família, não deixava faltar nada, mas sua saúde não estava nada boa, como relata: "Ele morreu com 45 anos, antes de morrer deu um problema no pé e ele perdeu dois dedos, depois só foi adoecendo mais e não resistiu, quando morreu sua barriga estava enorme, o que levô ele à morte foi a bebida."

Depois que ele morreu Dona Maria começou a trabalhar para criar seus três filhos. Deixava eles em casa e ia para Taboca, uma localidade rural próxima da comunidade. Ia todos os dias trabalhar, ia de manhã e voltava à tarde.

Certo dia chegou em casa e encontrou seus filhos chorando: "Eu trabaiava tanto, Diane, que eu num quetava dentro de casa, era de segunda a sábado. Só lá na Taboca trabaiei dois ano, e teve um dia que eu cheguei aqui e os minino tava tudo chorando. Eu sei lá qual o 'fé da puta' que veio cá e falô com ês que eu tava desprezando eles, que eu não tava quetanu dento de casa que eu tava desprezanu ês, aí eu falei 'uai, essa pessoa que falô com ocês isso devia pegá as coisa e trazê e pô aqui dentro de casa'."

Depois de muita luta criou os três filhos sozinha. Hoje cada um segue sua vida gratos a ela. Atualmente Maria da Conceição se considera uma mulher vitoriosa e muito grata pela família que a acolheu quando ainda era criança. Passa sua velhice ao lado de seus filhos e vendo seus netos crescerem. É uma mulher muito feliz com o que conquistou através de suas lutas.

Maria da Luz Ferreira

. . . . . .

por Jorge Silva Mendonça

Maria da Luz Ferreira nasceu em Padre João Afonso, Itamarandiba, MG. Nascida no dia 20 de novembro de 1942, filha de Vicente de Paulo Sena e Joana de Matos Santos. A sua infância de certo modo foi bem sofrida. O sustento da sua casa era baseado nos serviços que seu pai fazia nas roças. Muitas vezes os alimentos que eram postos à mesa eram plantados e colhidos por eles mesmos. Apesar de toda a persistência de seu pai em não deixar faltar nada, nem sempre era possível ter uma mistura ou carne nas refeições. Maria disse: "Era um alimento bom, porque plantava e colhia sem agrotóxico sem nada, diferente de hoje que tudo que a gente alimenta tem né, e tudo é o nosso alimento, era bom, a gente achava que não mais sim, às vezes faltava uma carne, faltava alguma coisa mais a gente conseguiu sobreviver."

Naquela época não tinha muitas roupas. Ela afirma que só tinha dois vestidos, enquanto um se secava ela usava o outro. Já os calçados ela não tinha de jeito nenhum. Ela relata que seu maior sonho era ganhar um calçado.

Aos 11 anos de idade seu pai lhe comprou um par de sapatos. Como não tinha o hábito de usar, não teve muito sucesso nas primeiras vezes que usou, porque fez muito calos. Entretanto esse dia ficou marcado de uma forma muito feliz na sua vida. Naquela ocasião não eram todos que podiam comprar brinquedos, por isso Dona Maria brincava

com boneca de pano e outras vezes brincava de casinha no próprio quintal e fazia balangues nos pés de café.

Dona Maria desde pequena estudou em Padre João Afonso, os professores eram muito rígidos e ela passou por vários castigos. Ela contou: "Quando comecei a estudar a escola aqui chamava Escola Isolada... E a minha professora que se chamava Geralda Verediana Abril, ela mi furou, ela furou minha cabeça com a ponta do lápis, ela furou aqui na cabeça e o sangue desceu pra minha testa abaixo, sabe, aí ela queria limpar mais eu não deixei e vim embora com a testa suja de sangue e aí meu pai até me tirou da escola uns tempo, sabe, fiquei fora da escola e minha mãe ficava mi ensinando em casa, por causa disso, porque era sempre uns castigos severo, umas coisas bem severas que ela dava pra gente."

Dona Maria relata que em sua adolescência seus pais eram mais severos, ela só podia sair dependendo da companhia. Sobre seu casamento Dona Maria confessa que agora está muito bem, mas nem sempre foi assim. Por cinco anos ela enfrentou grandes problemas com seu marido, devido ao álcool. E ela não deixa de comentar a falta dos filhos que perdeu, momento marcante que lhe causou muitas dores: "O que mais marcou minha vida foi a perda dos meus filhos né, eu perdi um filho com oito meses. Chamava Elsio, era meu quarto filho e depois, agora que né, há 10 anos atrás perdi a Meire."

Diante de tudo que viveu Dona Maria relata: "Hoje eu faço artesanato, fuxico, eu teço, bordo e mexo com minhas plantas... Planta pra mim é sagrada."

Atualmente Dona Maria vive em Padre João Afonso com seu marido Tito Ferreira. No tempo livre se dedica a fazer artesanato e cuida de suas plantas. Se sente uma pessoa feliz e realizada.

Maria da Luz Pereira

. . . . . .

por Angélica Milene Vieira Oliveira

Maria da Luz Pereira nasceu em Padre João Afonso, Itamarandiba, MG, no dia 16 de outubro de 1943. Filha de Antônio Pereira de Oliveira e Joana Gregório Mendes. Desde pequena trabalhava em casa, aos sete anos, ainda menina, ia para a roça trabalhar com a terra, plantando, colhendo, capinando, não escolhia o serviço. Após um intenso e cansativo dia de serviço voltava para casa com o que havia colhido. Ela relata que gostava mais de trabalhar no campo do que na cozinha, todas as vezes tinha que voltar com um feixe de lenha ou cana: "Eu gostava demais do meu trabalho, tanto na cozinha, na roça ainda mais. Era pesado minha fia, bem pesadim."

Na sua infância Dona Maria não tinha como comprar roupas. Sua mãe costurava retalhos e fazia roupas de saco de sal. Para ficarem mais bonitos normalmente eram tingidos com tintas. Não se tinha muito tempo para brincar, e ela não fazia questão. Gostava mesmo era de trabalhar. Mal esperava o galo cantar, tomava um pouco de garapa ou café e ia ao serviço. Dona Maria conta: "Nem ropa a gente não tinha, enquanto tinha um pedacim pra pregar um remendo, costurava... Sabe aquele saco de sali, nóis fechava ês. Eu falo sem vergonha minha fia, minha mãe foi criada assim. Pra ês ficá mais bunitim, passava tintole e pegava e ficava mais forte pra trabaiá."

Sobre seus pais, Maria da Luz se declara agradecida, diz que, apesar de todos os sofrimentos, o convívio era muito bom, eles eram felizes. Seu pai não permitiu que ela

estudasse por ser mulher, somente os homens estudavam. Seu pai, segundo ela, morreu de derrame cerebral, e sua mãe de uma forte bronquite: "Não, minha fia, o papai não quis não, eles pôs na aula os minino homi só, e nóis mulher ele num quis por não, qui ia acontecer isso e aquilo, e no final nas conta os minino subia pum pé di manga i ficava é lá. E aí os homi não aprendeu nada porque não tinha inteligência pra nada."

Sua adolescência foi calma, nessa época não podia sair sem a companhia de familiares. Namorados ela teve, afirma que tinha muitos pretendentes, mas que os seus namoros eram dentro de casa, não podia nem sentar perto, porque senão apanhava: "Namorado eu tinha, porque chuvia nu meu pé, só qui eu num dava bola pra nenhum, sabi, intendi?! Eu tinha é... Foi o último esse aí o véi qui eu casei. Namorado eu tinha bastante, acho que uns cinco... Mas foi inucente mesmo."

Maria da Luz se casou com 16 anos, na igreja e no cartório com Geraldo Fonseca. Foram morar em São Pedro, lá tiveram quatro filhos. Sobre o casamento diz que teve altos e baixos, que muitas coisas ruins aconteceram, não foi bom como esperava, mas que todo esse sofrimento lhe rendeu uma linda família que ama muito. Seu Geraldo atualmente mora do lado da casa de Dona Maria da Luz. Ela cuida, faz a comida e o ajuda no que é preciso. Conta: "Eu adorei porque os fí que eu tenho foi uma bença de Deus na minha vida... E tamém graças à Deus eu posso agradecer, tá aí esses dez filho, eu trabaiava no cabo da enxada e foice, tinha dia que deixava ês sem uma canjica pá pô na água pra cume, e quando eu chegava minha fia, ês num tinha corage de pegá uma foia de ninguém, e ninguém morreu de fome graças à Deus, nem ês nem eu."

Católica, ela diz ter vivido um milagre em sua família. Seu filho Faete não iria andar e depois de ter feito um pedido a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro ela intercedeu e seu filho começou a andar para todo lado. Em prova de sua fé, logo quando se aposentou, em seu primeiro salário deixou R$200,00 para entregar na igreja de Padre João Afonso e outros R$200,00 foram destinados para Aparecida do Norte. Ela disse: "Eu vou nas outras igrejas só pra visitar, não penso em mudar minha religião, porque acredito em Nossa Senhora da Aparecida, porque não tem nenhum filho sem mãe. Deus é a coisa mais importante, mais qui tudo na minha vida qui eu amo."

Sempre rodeada de amigos, Dona Maria da Luz se sente muito amada. Relata que sempre recebe visitas e que gosta de toda a comunidade, porque são todos seus amigos, e que a amizade é muito importante: "A amizade é a coisa mió qui tem nu mundo, é mió que o dinheiro."

Dona Maria da Luz, com toda sua simplicidade, confessa o seu maior sonho, que infelizmente por não ter estudado ainda não realizou, que era poder ler a Bíblia: "Eu tinha um sonho di pegar uma Bríbria i ler um versículo nela, memo uma parte, era meu sonho minha fia, qui eu tinha. É que eu pego a Bríbria e é a mesma coisa de ser cega, eu tenho esse sonho e não consegui realizar minha fia."

Logo pela manhã se levanta e faz o café, depois vai tratar de suas galinhas e andar pelo seu quintal para molhar as plantas. Ela recebe a visita de seus filhos que sempre estão a ajudando nos serviços de casa, recebe com muito carinho tanto seus familiares como pessoas da comunidade.

Atualmente Maria da Luz reside em Padre João Afonso, mora com dois filhos, tem netos e bisnetos. Com 74 anos de idade esbanja alegria, paz e amor a todos à sua volta. Sempre com fé em Deus, espera viver por muitos anos e vivenciar a felicidade de todos da sua família. Com toda inocência e simplicidade se sente realizada, não se queixa do

passado, pois apesar dos obstáculos da vida se encontra saudável e muito amada. Não guarda mágoa de ninguém, mesmo daqueles que a fizeram tão mal. Afirma não ter nenhum inimigo. Assim de coração puro Maria da Luz vai vivendo cada dia, sempre com aquele lindo sorriso e de forma atenciosa com todos.

Marly Ferreira Lemes

. . . . . .

por Lucas Matheus Moreira Lemes

Marly Ferreira Lemes, 50 anos, moradora de Padre João Afonso desde os seis anos de idade, tem 5 filhos. Conta que sua infância não foi nada fácil, trabalhava muito para poder ajudar a sustentar sua família, de vez em quando sobrava um tempinho para brincar com suas amigas, brincavam de pega-pega, esconde-esconde, pular corda, cantiga de roda etc.

A mesma relata que não teve oportunidade de estudar, pois naquela época só tinha a 4ª serie primaria. Era tudo muito difícil, não tinha condições de comprar material para estudar. Ela diz: "Eu tinha que ir pro mato buscar lenha pra poder vender pra poder comprar ao menos um caderno pra poder levá pra escola."

Marly conta que sua adolescência foi uma fase difícil, pois aos 14 anos de idade teve que se mudar para Belo Horizonte para trabalhar, deixando familiares e amigos para trás.

Depois de cinco anos morando e trabalhando fora ela voltou para Padre João Afonso, onde teve seu primeiro filho. Logo começou a trabalhar em um posto telefônico, passando por algumas dificuldades, como relata: "Era difícil, pois já tinha um filho de dois meses de vida."

Diante das adversidades da vida Marly não desistiu, sempre se manteve firme, trabalhando e sempre buscando o melhor para seu filho. Passados alguns anos depois

ela teve seus outros quatro filhos. A mesma relata que não foi fácil criar seus filhos, mas nunca desistiu, sempre trabalhou e tentou dar o melhor para seus filhos.

Após algum tempo trabalhando no posto telefônico, Marly prestou um concurso público para a área de serviços gerais, ao qual foi aprovada. Algum tempo depois foi chamada para tomar posse, a mesma foi designada para cuidar da limpeza do posto de saúde da comunidade, onde ela trabalha até hoje.

Marly se sente uma mulher vitoriosa por ter criado seus filhos com esforço e honestidade. Atualmente ajuda suas filhas fazerem faculdade e se diz uma pessoa realizada.

Onilton Carneiro Ferreira

. . . . . .

por Alan Dias

Onilton Carneiro Ferreira nasceu em Córrego do Ouro, no Município de São Sebastião do Maranhão, MG, em 8 de agosto de 1976. Filho de Santilo Teles Carneiro e Tereza Ferreira, analfabeto por não ter condições de estudar, pois tinha que ajudar seus pais a cuidar de seus oito irmãos, trabalhando na roça para satisfazer as necessidades de sua família. Onilton relata um fato marcante que aconteceu em sua infância: "Com oito anos de idade fui mordido por uma cobra, em que passei muito perto da morte, ficando 48 dias de cama, onde recebi tratamento em casa, pois não tinha condições financeiras de ir ao médico, sendo tratado apenas por plantas medicinais."

Quando completou dezoito anos conheceu Maria de Fátima Dias, filha de Klemente Dias e Maria Carneiro Coutinho, com quem namorou três anos e casou-se aos vinte e um anos. Assim que se casou foi morar na propriedade de seu pai. Passando por momentos difíceis com sua esposa: "Após oito meses de casado minha mulher teve nosso primeiro filho, que nasceu prematuro devido a uma queda que ela levou quando estava trabalhando. Por sorte ele nasceu com saúde, mas muito pequeno e recebeu o nome de Cristiano. Depois dele veio mais dois filhos, Alan e Cássia, ainda na roça."

Passando por muita dificuldade ele resolveu deixar a roça onde vivia, indo morar em Padre João Afonso, morando de favor na casa de seu tio. Começou a trabalhar em uma carvoeira próxima à comunidade. Pouco tempo depois comprou um lote e construiu

sua casa onde mora até hoje. Sua esposa teve mais três filhos, tendo então seis filhos no total, sendo cinco filhos e uma filha.

O mesmo lembra do seu passado e diz: “Lembro de quando mi casei não tinha nem um cavalo pra mim poder andar”. Atualmente mora com sua família, e se sente muito feliz e diz que seu sonho é ter sempre sua família por perto, pois são quem ele mais ama.

Pedro Nazaré Campos

. . . . . .

por Ghyovanna Sousa Campos e Jhenniffer Sousa Campos

Em 09 de março de 1939 nasceu Pedro Nazaré Campos, mais conhecido como "Pedro Raposa", apelido que lhe foi dado devido ao lugar onde seu falecido pai e avô morou ao longo da vida, cujo nome é "Grota do Raposo"*.

Pedro Raposa é filho de Dionila Nazaré da Costa e Agenor Hemereciano Campos, que nos dias atuais não se encontram vivos. Dionila Nazaré da Costa era filha de uma índia que foi pega no mato para o casamento com o avô materno de Pedro.

Pedro nasceu em uma cidade mineira com nome de Rio Vermelho, onde moraram até completar seus cinco anos de idade, quando se mudou para São Sebastião do Maranhão, que está localizada a 116,3 km de Rio Vermelho. Imediatamente com seus cinco anos de idade ele começou a trabalhar como lavrador na grota onde morava, cujo nome é "Grota do Cedro". Pouco tempo se passou e Pedro juntamente com sua mãe e irmãs mudaram-se para a fazenda Braúnas, onde iniciou seus estudos que duraram cerca de três anos. Como na fazenda não havia uma escola as crianças eram educadas na casa de um fazendeiro cujo nome era José Vieira, que era pai de Conceição Fernandes Vieira, moça que futuramente faria de Pedro um homem muito feliz.

Pedro, ao contar sua história de vida, alega não ter sido fácil adquirir tudo o que com o tempo foi conquistando, pois segundo ele sua família não tinha nada, e tudo que conseguiram foi graças ao trabalho e esforço realizado por ele. Isso porque Pedro com o passar dos anos teve que assumir responsabilidades que não eram cabíveis a ele, pois foi

* Nota dos organizadores: Pedro faleceu no dia 16 de abril de 2018 – posteriormente à escrita desta biografia por sua neta, Ghyovanna, mas antes da publicação desta obra. À sua família, registramos nossos pêsames pelo falecimento. Esperamos que esta obra contribua com a preservação de sua memória.

um filho que assumiu papel de pai dentro de casa quando na verdade ainda era uma criança. E isso aconteceu pois ele, sua mãe e irmãs foram abandonados pelo pai Agenor que optou por continuar morando em Rio Vermelho.

Aos 16 anos Pedro se mudou para o estado do Paraná em busca de emprego, e por lá morou cerca de três anos. Aos 19 anos Pedro e sua família estavam morando em Padre João Afonso, município de Itamarandiba, MG, quando, segundo ele, seu pai adoece e resolve morar juntamente à família que havia anteriormente abandonado. Em pouco tempo seu pai faleceu e então se mudaram para a Fazenda Vidal, localizada no município de São Sebastião do Maranhão, lugar onde Pedro obteve conquistas e perdas inesquecíveis.

"Não é sobre chegar no topo do mundo e saber que venceu, é sobre escalar e sentir que o caminho te fortaleceu! É sobre ser abrigo e também ter morada em outros corações."

Trem Bala – Ana Vilela

Com 29 anos Pedro Raposa se casa com Conceição Fernandes Vieira, que era conhecida por ele desde a época em que frequentava a escola. E como foi dito anteriormente, era filha do fazendeiro que cedia espaço de sua casa para servir como escola para as crianças da fazenda Braúnas e região. A moça era famosa por toda a região por ser dona de uma beleza sem igual, e é lembrada por todos que a conheceram e tiveram o privilégio de com ela conviver como uma pessoa humilde, muito simples e dona de uma bondade infinita. Inclusive arriscam-se até a falar que "se Conceição não foi para o céu, ninguém mais vai", pois para muitos ela era um anjo.

Mesmo depois de casado Pedro continuou abrigando sua mãe e uma irmã que sofria com um câncer na perna que com tempo só gerava mais dificuldades para tal. Conceição e Pedro tiveram seis filhos em seu casamento, mas infelizmente a segunda filha do casal morreu após o nascimento. Pedro e Conceição criaram seus filhos tentando dar a eles uma vida mais digna do que a que tiveram. Incentivava seus filhos a frequentarem a escola mesmo não tendo um transporte à disposição para buscá-los na roça. Todos os cinco filhos aprenderam o básico na escola, porém não formaram o Ensino Médio. Tiveram uma infância interrompida pelas responsabilidades que tinham que assumir para poderem ajudar com os gastos de casa. Mas também tinha o lado bom da história que eram as festas que aconteciam na região. A mais famosa delas era o rodeio, e os três filhos homens de Pedro participavam como peões, simplesmente como uma forma de se divertir. Também participavam de campeonatos de futebol, entre muitas outras distrações.

Um transtorno vivido por Pedro foi quando foi preso acusado de ter matado a tiros seu sobrinho que morava próximo à sua casa, quando na verdade quem matou o indivíduo era um rapaz que Pedro abrigava em sua casa. Pedro ficou preso por aproximadamente 90 dias e durante esse tempo aconteceu uma das piores perdas sofridas por ele, que foi a morte de sua mãe. Passaram-se três anos e morre também Alice, irmã de Pedro, após ter amputado sua perna com câncer na Santa Casa. Antes mesmo que a família pudesse superar a dor da perda Deus resolve levar Conceição. Segundo os médicos a causa da morte foi sua pressão que teria abaixado muito e, consequentemente, ela faleceu. Conceição morreu deixando cinco filhos e seu marido. Pedro afirma que a pior coisa que já aconteceu com ele até os dias atuais foi a morte das três mulheres em tão pouco espaço de tempo. Mas também afirma que ainda tem cinco filhos, que são as maiores riquezas que ele poderia ter.

Seus filhos Zilma, Gilson, Vilma, Ilton (Criolo) e Idelsio (Vavá) hoje em dia se encontram com as famílias formadas, e muito bem de saúde. E Pedro com seus 78 anos de idade enfrentou um câncer de próstata que o fez ficar em um estado emocional muito abalado, mas com as graças de Deus passou por uma cirurgia e hoje se encontra feliz novamente e curado, vivendo na fazenda Vidal com a companhia de seu filho Ilton e sua atual mulher, Euchaday, e seu filho Davi.

Rita Luzia de Sousa

. . . . . .

por Juciléia de Oliveira Almeida

Rita Luzia de Sousa, filha de Sebastião Jacinto de Sousa e Madalena Rosa de Sousa, nasceu em 13 de dezembro de 1939. Teve doze irmãos, como conta: "Noís era doze e hoje só tem cinco vivo, teve outros que morreu quando novos, mas não sei quantos não." Conta que passou a maioria do tempo de sua infância trabalhando, e as poucas vezes que brincava, confeccionava suas próprias bonecas, utilizando para isso apenas pau, na maioria das vezes sabuco de milho. Fazia também casinha em cima da árvore e levava o irmão mais novo para brincar com ela. Relata que em uma dessas vezes ela deixou seu irmão mais novo cair da árvore. E tinha outras brincadeiras como enterrar folha de piteira na lama.

Sobre a rotina dela quando criança, disse que com uns seis anos de idade saía atrás de seu pai para a roça. E quando estava lá, como ela não parava de chamá-lo para ir embora, foi então que ele deu o cachimbo para ela ficar quieta, foi assim que ela começou a fumar. De acordo com Rita, quando estava um pouco mais velha, ela já ajudava na roça, batia feijão e tinha que carregar saco pesado nas costas até em casa. Tinha que andar muito até a roça pois era muito longe de casa.

Rita não pôde estudar, pois a escola ficava muito longe de sua casa e também não gostava de estudar. Ela só aprendeu a assinar o nome porque o irmão dela ensinou. Relata aos risos que quando não queria estudar saía correndo de seu irmão e se

escondia: “Quando eu via que ele ia vir para mi ensinar os trem eu corria o mais rápido que podia e mi trancava no quarto, só saía de lá quando ele desistia de mi fazer estudar.”

Nos relatos dela, quando nova passava por muita dificuldade, que não saía muito porque não tinha roupa, ficava com vergonha, e que quando saía era para ir à igreja. Ela conta que se casou com 19 anos de idade, mas diz não ter tanta certeza se foi com 19 anos mesmo.

Após o casamento as dificuldades continuaram, e mesmo com tanta dificuldade ela teve nove filhos. Com muita tristeza ela diz que dois de seus filhos não resistiram e morreram. A infância de seus filhos não foi diferente da sua, pois eles também não tinham tempo para brincar, trabalhavam muito e estudaram apenas até a 4ª série (conhecida hoje como 5º ano).

Uma fase marcante na vida de Rita foi o falecimento de seu pai, a quem gostava muito.

Rita conta que depois de casada não queria sair de casa, porque gostava muito de sua antiga casa. Ela ri ao dizer que o seu marido custou fazê-la ir embora com ele. Mas a partir daí ela começou também a amar sua nova moradia, e com o tempo se acostumou com a diferença entre os locais.

Só que com a felicidade vieram também as tristezas, pois com o passar do tempo e com a idade já avançada Rita passava muito mal e não conseguia nem se movimentar direito e nem falar, sempre tinha que ir para o hospital. Para seu marido chegar até os vizinhos e pedir ajuda era difícil, por morar muito distante. As pessoas falavam para o marido de dona Rita que ela não sobreviveria, mas felizmente ela superou essa fase difícil em sua vida.

Devido à dificuldade de acesso a vizinhos e hospital resolveram se mudar para a cidade, mesmo sendo triste para eles deixarem seu lugar que tanto amavam e todos os amigos para trás. Rita relata: “A despedida daquele lugar não foi fácil, estava quase todos os meus filhos e netos reunidos, todos choravam muito, porque ali era onde todos se encontravam, brincavam, colocava o papo mesmo em dia, e acontecia isso na maioria das vezes em datas especiais como o natal.”

Rita disse que fizeram muitos amigos depois que foram para a cidade, mas a tristeza veio dois anos depois da mudança. O marido dela adoeceu, sendo levado para o hospital de Itamarandiba e encaminhado para o Hospital de Diamantina, diagnosticado com pneumonia e infecção hospitalar.

Rita conta que seu marido foi encaminhado de Diamantina para Belo Horizonte. Depois de passar por uma cirurgia ele foi para o UTI. Todos da família já não acreditavam que ele retornaria vivo, e não demorou muito para que todos recebessem a notícia de seu falecimento. Foi tudo muito triste, e desde então dona Rita vive a vida como quer, alguns dias na casa de um filho, e depois na casa do outro.

Atualmente vive com seus filhos e netos e diz gostar muito, pois não tinha tempo para passear, e agora aproveita para passear, conhecer lugares novos e se divertir muito com seus filhos e netos. Rita diz que mesmo tendo passando por muitas dificuldades hoje se sente uma pessoa muito feliz.

Ronaldo Silva

. . . . . .

por Ronaldo Silva

Nasci em 23 de outubro de 1998 no Córrego José de Matos e desde sempre moro aqui. Tive uma infância traumática na qual eu nem gosto de lembrar. Tinha apenas cinco anos e morava com meus pais e meus irmãos. Em um dia comum como todos os outros algo horrível estava para acontecer, mas eu não fazia ideia do que seria. Minha vida estava prestes a mudar para sempre. Acordei cedo ouvindo gritos, parecia alguém discutindo, uma briga normal como todos os casais fazem de vez em quando. Levantei um pouco assustado. Minha mãe, como sempre fazia, mandou eu ir escovar os dentes e logo depois tomar meu café da manhã. Perguntei o que estava acontecendo, mas ela disse que estava tudo bem, pra eu não me preocupar e continuar o que estava fazendo. Como eu era muito novo não tinha muita noção das coisas, sabia apenas que era um domingo e também que era dia de ir à igreja. Odiava ir à igreja, pois ficava muito longe e acima de tudo tinha que ir a pé.

Horas se passaram, meus pais não brigavam mais, todos acalmaram, parecia que a única coisa ruim era ter que ir à igreja. Porém vi meu meio irmão amolando uma foice. Fiquei me perguntando: “ele vai rezar ou trabalhar?” Mas era domingo e sabia que este dia era de descanso. Como naquela época carro e moto era coisa de gente rica, meu pai tinha um cavalinho, por sua vez morrendo de tão fraco, custava de fazer pequenas viagens. Mas meu pai queria deixar o cavalo com uma aparência melhor para poder ir à

igreja sem saber que o pior estava por vir. Enquanto ele cortava a clina do cavalo meu meio-irmão aproximou dele com a foice e lhe deu um golpe decepando-lhe o braço, depois deu outra no pescoço tirando-lhe a vida. Depois queria eliminar toda a família para que não ficasse testemunha. Desesperados, todos fugiram. Eu e meu outro irmão escondemos dentro de casa trancando a porta. Não sabíamos o que fazer, o medo tomou conta. Não sabia de mais ninguém, só estava nós dois sozinhos e com muito medo. Quando o pior passou e notamos que ele desistiu de entrar dentro de casa e fugiu saímos a procura de socorro. Então não me lembro de mais nada, só daquela imagem horrível, meu pai esquartejado como se fosse um bicho qualquer ali no chão.

Desde então o sofrimento tomou conta das nossas vidas. Minha mãe teve que sair de casa deixando eu e mais dois irmãos sozinhos dentro de casa para ir trabalhar para que nós não morrêssemos de fome pois as coisas naquela época eram difíceis demais.

Depois de um tempo sofrendo minha irmã foi morar com minha outra irmã que já era casada. Meu irmão foi morar com uma vizinha e eu fiquei com minha mãe. Ia todos os dias com ela para o trabalho depois que chegava da escola.

Se passaram 13 anos e tudo mudou. Aquela vida de sofrimento ficou para trás, aquele acontecimento marcou minha vida, mas tirei uma lição de tudo isso: o que não nos mata nos dá força para seguir em frente e não desistir dos nossos sonhos. Para o futuro, bom prefiro focar no presente, pois hoje é real e o futuro é consequência do presente. Se corremos atrás dos nossos objetivos hoje certamente teremos vitória futuramente.

Silvio Serafim Oliveira

. . . . . .

por Wagner de Jesus Barbosa Oliveira

Silvio Serafim Oliveira nasceu em 10 de outubro de 1960, na fazenda Taquaruçu. Hoje com 56 anos se sente feliz ao falar um pouco da sua história: "Nascido em Taquaruçu, nóis morava lá, nóis plantava mandiocal, arrozal e milho e pagava terça ao dono da terra."

Silvio conta que passou por momentos difíceis em sua infância: "Me lembro até hoje que com cinco anos de idade um dia quando tava no mato e uma cobra cainana correu vinha correndo atrás de mim e eu corria o morro abaixo quando eu fui passá em uma pinguela eu caí lá embaixo na beirada do riu em cima das pedras e quebrei a perna e fiquei muitos meses sofrendo em casa que eu não fui no médico e de lá nóis saiu, eu com 6 anos e viemos morá no Ribeirão do Vaz num terreno que papai comprô e aí que me deu uma duença chamada malina, fiquei muito tempo doente indo pro serviço todo inchado que desde seis anos eu atrás do meu pai ajudano no serviço."

A infância e adolescência de Silvio foi marcada por momentos muito difíceis. Relata: "Quando nóis mudô pra cá nóis passô necessidade, comemos feijão de corda, feijão andu favo, feijão família, gondó, palmito de taboa seraia, mostarda, labaça, feijão arevio e daí quando nóis cumeçô fica bem nóis voltô a morá no pé da serra, trabalhar e de lá voltamos pra Tacuaruçu. Morô lá por dois anos e voltô pro terreno do papai e cô dezoito anos eu quebrei o braço, fui pra Itamarandiba, injeçô e voltei no mesmo dia. Cá nóis trabalhô no açude platano milho, feijão, arroz e mandioca."

No início de seu casamento passou por muitas dificuldades. Em suas palavras: "E com 33 anos eu casei, fui morar no Bom Sucesso por 3 meses e mudei pro São Pedro morá no terreno do meu sogro. Aí eu mais meu cunhado fomos fazer carvão e comprei um terreno na Taboca por 1.600 cruzeiros e comecei a trabalhá."

Trabalhou durante muito tempo para realizar o sonho que era ter seu próprio terreno e ter sua casa própria, mas infelizmente esse sonho não foi possível naquele momento. Com contou: "Mas quando fiquei sabeno que quem me vendeu não me dava documento e outro ia me tomá a terra vendi por 900 cruzeiros pegando uma promissória de 6 meses e de lá vim e comprei essa grota mais meu pai e comprei 12 bezerros e coloquei no pasto que formei. Mais não sei o quê que deu que morreu um atrás do outro e nóis fazendo farinha de mandioca da groçura de um dedo pra vender farinha no Maranhão pra fazer a despesa da casa e neste meio tempo fomos morar no Socorro e eu trabalhando aqui na roça e fazendo empreitadas pros outros pra manter a casa, mas quando vi que a situação assim não tava boa viemos pra roça onde estamos até hoje."

Atualmente Silvio mora com sua família na Fazenda Bom Sucesso, onde conquistou o seu tão sonhado terreno. Com sua família, trabalha diariamente no plantio

e colheita de alimentos, vivendo da agricultura. Sente-se muito feliz em ter seu lugar para morar e plantar. Se diz um homem feliz e realizado ao lado de sua esposa e seus filhos.

Tereza de Jesus Fernandes Oliveira

. . . . . .

por Jaime Ferreira Gandra e Jessiara Ferreira Gandra

Filha de Josefa de Matos e Simeão Barbado Fernandes, Tereza de Jesus Fernandes Oliveira, nascida na fazenda Soledade em 10 de outubro de 1944, hoje com 72 anos, conta que sua infância não foi fácil, pois perdeu seu pai muito cedo e em seguida teve que sair de casa: "Nóis era cinco irmão, era a Luzia, Iria, o Raimundo, o Vicente e comigo cinco, a vida não foi fácil."

Tereza relata que seus pais tinham que trabalhar muito para sustentá-los: "Quando nóis tava dentro de casa era dificulidade demais, era trabaiá no cabo da ferramenta pra sustentar nóis. Meu pai trabaiava no cabo da foice enquanto ele foi vivo, aí depois ele faleceu foi o dobro mais difícil, porque igual eu... eu acabei de criar foi na casa dos oto."

Quando era criança perdeu seu pai por uma doença que não sabiam qual era. Em suas palavras: "Ele morreu foi com eu bem pequena, só que eu lembro de tudo, de tudo que passou da morte dele, como é que foi, como é que não foi, porque... ele passou mal, num deu tempo nem de ir no médico né, ele passou mal de noite e quando foi no amanhecer do dia ele morreu e nóis ficou pequeno."

E com todos esses acontecimentos, anos depois sua mãe casou-se novamente e a vida de Tereza foi ficando cada vez mais difícil. Ela conta: "Depois que meu pai morreu

minha mãe pegou e casou de novo, aí no caso eu tive que sair de casa né, eu fiquei foi na casa do meu avô, meu avô que era pai da minha mãe."

Com aproximadamente 20 anos de idade casou-se com Sebastião Zeferino de Oliveira. E, pelo que ela nos conta, no começo do casamento a vida melhorou. "Logo que a gente casou a gente tinha as coisas, aí depois os trem foi cabano e a gente passou uma situação difícil."

Juntos tiveram nove filhos, e junto a eles vieram também as dificuldades. Tereza disse: "Igual eu tô falano, a gente passava falta mesmo, tinha vez que a gente passava a peso de ai, fazer moi de ai pra comer com farinha porque não tinha as coisa."

O primeiro filho do casal foi o que mais sofreu, pois a criança nasceu em meio às dificuldades e cresceu se alimentando de chuchu. Como ela contou: "A gente passava muita necessidade, tinha que comer era samambaia, era banana, era de tudo que era coisa do mato, porque a gente não tinha nada. Sei que tem nego que não gosta de sopa de banana por causa disso, porque a gente fazia a sopa, a gente fazia o angu da banana, tudo que era ocê tinha que pô no prato pra comê com farinha. Não tinha arroz, não tinha feijão, aí tinha que come essas coisa."

Com muita persistência, superaram as dificuldades e criaram seus nove filhos. Ela conta: "Depois que os menino cresceu as coisa miorô, e hoje, graças a Deus, hoje tá muito mió."

No ano de 2002, já com oito netos e apenas três filhos morando em casa, a família passou por mais um momento triste, pois Sebastião Zeferino de Oliveira veio a óbito, diagnosticado com hepatite no fígado.

Algum tempo depois os três filhos que estavam em casa também saíram e Tereza passou a viver sozinha, recebendo visitas de seus filhos e netos. No ano de 2013 vendeu as terras onde morava para se mudar para mais perto de alguns dos seus filhos, que se encontram em Itamarandiba, cidade próxima da comunidade.

Hoje leva uma vida tranquila, morando em uma simples casa, sem ter nada a reclamar: "E a vida nossa foi essa, não teve esse negócio de trabaiá fichado nem nada, e era desse jeito."

Angelina de Jesus dos Santos Barbosa Ferreira

. . . . . .

por Magno Santos Ferreira

Aos 02 dias do mês de setembro do ano de 1966 nasce Angelina de Jesus dos Santos Barbosa Ferreira. Nasce na comunidade Pereiras, localizada na Fazenda Pereiras, perímetro rural de Materlândia, município do Vale do Rio Doce, no estado de Minas Gerais. Filha de Geralda Barbosa Pinto e José Maria dos Santos Oliveira, sendo a sétima filha entre onze irmãos.

Quando nasceu já havia um tempo que seus pais e irmãos mais velhos viviam na Fazenda como agregados tomando conta da propriedade, cujos donos eram parentes da família. Naquela época, na Fazenda Pereiras moravam cerca de vinte e uma pessoas, que praticavam predominantemente a agricultura familiar, cultivando a terra "a meia", sendo metade da produção entregue ao dono da terra. Praticamente uma produção sem custo algum para os "patrões". Desde criança os filhos tinham a necessidade de ajudar os pais nos afazeres, devido à precária situação financeira. O cultivo da terra sempre foi feito por todos da família e, assim, as experiências foram sendo passadas dos mais velhos aos mais novos.

Angelina relata que ao término da colheita seu pai, Zé Maria, transportava com tropas de burros a metade da produção dos trabalhadores para a sede da propriedade. Ao fim do período de determinada produção os moradores trabalhavam em muitas outras formas para a manutenção da fazenda. Homens e mulheres trabalhavam da

mesma forma. Não com os mesmos direitos, mas no que se tratava de serviço braçal não havia diferenças. Esse tipo de vivência de Angelina desde sua infância fez dela uma pessoa fisicamente forte, com um desempenho muito bom no que faz e com uma abrangente capacidade de desenvolver diferentes atividades.

Na Fazenda Pereira existia uma escola e uma professora que conduzia aulas aos filhos dos agricultores que ali residiam. Sendo o ensino da primeira à terceira série dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Assim que a menina Angelina, que estava com nove anos de idade, concluiu a terceira série teve que sair de casa com a finalidade de dar sequência em seus estudos. Foi para a casa de parentes na cidade de Paulistas, Minas Gerais, a cerca de trinta quilômetros de onde morava. Esse fato se deu durante o ano 1977, quando concluiu a quarta série do Ensino Fundamental e voltou para a fazenda dando continuidade às atividades que realizava anteriormente. Da mesma forma que Angelina, seus 11 irmãos tiveram oportunidade de estudar até a quarta série do Ensino Fundamental.

A vida de Angelina foi continuando na mesma rotina quando no ano de 1981, já com quinze anos de idade, sua família foi despejada das terras onde haviam nascido e vivida até aquela época. Por problemas pessoais do Sr. Zé Maria com o dono da Fazenda Pereiras, a família de Angelina sofreu um processo de desterritorialização, no qual não foi levada em conta a construção histórica e social dos sujeitos daquela comunidade que havia se formado. Com um bom advogado poderiam ganhar a causa de acordo com os direitos que tinham. No entanto, o pai de Angelina pediu apenas alguns dias para arranjar algum lugar para ficarem, uma vez que tudo o que tinham estava sendo deixado para trás.

A mãe de Zé Maria era residente da cidade de Itamarandiba, que faz parte do alto Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais. E foi em uma visita na casa de sua mãe que ele ficou sabendo que na comunidade rural de Padre João Afonso havia uma propriedade à venda. Sem mais delongas o pai de Angelina foi a Padre João Afonso e após uma rápida negociação comprou um terreno na fazenda São Pedro. Porém, o dono da Fazenda Pereiras, onde eles viviam, para que fossem embora dali ofereceu-lhes aproximadamente a metade do valor do terreno que estavam comprando na fazenda São Pedro. Para conseguirem o restante do valor para pagar o novo terreno a alternativa da família foi vender suas cabeças de gado e mais alguns pertences. E na mesma semana se mudaram para a nova propriedade. Segundo Angelina, "só deu tempo de pai arrumá um caminhão pra trazer as mudanças, e foi três viagens de Jeep pra trazer os 11 filhos. Ele chorava, tadim, com medo de nós passa fome."

Nessa época a comunidade Padre João Afonso era conhecida como Socorro, devido à sua padroeira ser Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Havia algumas casas e um comércio de vendas. Energia elétrica era apenas para quem tinha condição de ter um gerador e, para isso, consequentemente era preciso um canal de água. Angelina diz que a fama do lugar era de gente brava, que pagava pra brigar: "Nós até chorava quando nós vei pra cá, porque diz que o povo era bravo demais. Tinha um dono de um comércio que criava uma onça, aí que nós ficava com medo mesmo".

Começando uma nova vida, todos os filhos se empenhavam em ajudar os pais. Na época era um custo bem menor com mão de obra, já que havia onze filhos. A agricultura familiar foi o ponto de partida e por muitos anos foi o sustento da família.

Aos 21 anos de idade Angelina já tinha uma boa convivência com as pessoas da comunidade. A família era conhecida por "Simão". De modo que ela era tratada como

“Angelina do Zé Maria Simão”. Nesse período ela conheceu uma pessoa com a qual começou a namorar e, mais tarde, já com 28 anos, com ela se casou e iniciou uma nova vida.

Logo após o casamento Angelina deixa a companhia de seus pais para acompanhar seu marido e se muda para uma propriedade rural chamada Bom Sucesso, que era de seu sogro. Ali permaneceram por quatro anos. Seu principal meio de transporte era um cavalo. Relata-nos brevemente sobre esses quatro anos: “Em 96 tivemos nosso primeiro filho, Magno Santos Ferreira; em 99 o segundo, Marcelo dos Santos Ferreira.”

No ano 2000, junto com sua família, Angelina volta para a casa de seus pais, que já haviam adquirido certa estabilidade, sem contar que a casa era grande e aconchegante. Em 2001 ela teve seu terceiro filho, que era uma menina a quem deram o nome de Marcelina dos Santos Ferreira.

Os filhos de Angelina ajudavam nos afazeres da roça, mas em um contexto novo e menos agressivo, pois ela não queria que aquele sofrimento de antes passasse a seus filhos. As oportunidades de estudo também foram diferentes da realidade em que Angelina viveu, pois seus filhos estudaram nas escolas da comunidade de Padre João Afonso, que ficava aproximadamente três quilômetros de onde moravam e que tinha o Ensino Fundamental completo e mais tarde foi expandindo até o Ensino Médio Completo.

Nos últimos anos vividos na sede da Fazenda São Pedro os pais de Angelina precisavam de alguém para ajudar. Ela se prontificou, uma vez que já estava habituada e morando com eles e com os filhos – três gerações em um casarão. E foi assim por alguns anos, até que no ano 2007 o Sr. José Maria Simão faleceu, trazendo muita tristeza à família. Segundo ela “foi a coisa mais triste que aconteceu.”

A família ficou extremamente abalada, fazendo com que as circunstâncias levassem Angelina, sua família e também sua mãe, Geralda, a se mudarem para a comunidade Padre João Afonso em 2011. Onde desde então vive com dois de seus filhos e seu marido. O filho mais velho se casou e mora na mesma rua que os pais.

Pela grande desenvoltura que tem acerca do envolvimento em várias atividades, com o aprendizado passado entre gerações, com experiências próprias e com conhecimentos empíricos relevantes no meio em que vive, Angelina é bastante requisitada pelos moradores da comunidade. Como, por exemplo, para fazer quitandas, doces, salgados e chás medicinais com plantas nativas da região. É conhecida também pelo seu carisma e simpatia, pelos diferentes saberes que tem e exerce, ressaltando a ideia de que em todo espaço é possível adquirir aprendizado. Também chama atenção por sempre convidar quem passa em sua porta para tomar café com quitandas, deixando esses bem acostumados. Exerce cargo na igreja Católica local como catequista, sempre voltada à religiosidade e fé e também faz parte do grupo de Encontro de Casais com Cristo. Faz de sua passagem por essa vida um tanto digna e direita.

Jair Vieira Pereira

. . . . . .

por Sabrina Lemes Vieira

Jair Vieira Pereira nasceu em 28 de setembro de 1972, na zona rural do distrito de Contrato, no município de Itamarandiba. Filho de Antonio Vieira Pereira e de Maria Fernandes Reis Pereira, descendente de pai indígena e de mãe nordestina. A família de sua mãe migrou para a região de Padre João Afonso pelo fato de não possuir uma terra onde pudessem trabalhar. Quando aqui chegaram empregaram-se na exploração de minérios, como já era frequente no Vale do Jequitinhonha.

Primogênito de uma família de 13 irmãos, Jair sempre soube o que é passar necessidades, sabia o que era sentir fome. Mesmo seu pai sempre buscando o sustento na roça, quase não tinha o que comer. Sua infância teve que ser trocada pelo trabalho na roça, ajudando seu pai a vender algumas mercadorias nas feiras, tais como laranja, manga e pequi, dentre outros produtos. O dinheiro adquirido era usado na compra de alimentos, tais como o arroz. A carne consumida com mais frequência era o sebo de boi, pois era o que tinham condições de comprar. Em dias especiais ou domingos, aí sim costumava ser um frango caipira. Mas diariamente viviam em condições dolorosas.

Em 1982, aos dez anos de idade, resolve sair de casa para ir trabalhar como empregado, cuidando de afazeres de uma fazenda da mesma região. Durante este período passou mais falta das coisas. Sofria muito, era apenas uma criança no mundo

tentando encontrar o que infelizmente não tinha em casa. No ano de 1986, aos 14 anos de idade, ficou muito doente, entre a vida e a morte, pois havia contraído sarampo.

Neste tempo em que ficou doente ele voltou novamente para casa, porém a doença avançou muito e ele foi hospitalizado. Sua mãe já dava seu filho como um caso perdido, mas como sempre acreditou em simpatias resolveu fazer uma, que ela acredita ter curado o filho. Após um ano ele volta a sair de casa, mas dessa vez vai morar em Padre João Afonso, localizada a 35 quilômetros de sua terra natal. Ali começa a trabalhar com a fabricação de carvão, nas chamadas carvoeiras.

Continua vivendo uma vida muito difícil, morando em choupanas de barro e alimentando-se dos alimentos que ele mesmo produzia. Havia deixado três irmãos para trás, que tinham quase a sua idade. Estes também decidem sair de casa e ir morar com Jair para ajudá-lo nas atividades das carvoeiras. Depois da vinda de seus irmãos a vida dele começa a melhorar. Porém, mesmo assim, entre os anos de 1990 e 1992 ele resolve aderir ao chamado êxodo rural, migrando para outro estado, neste caso o de São Paulo, em busca de dinheiro e de uma qualidade de trabalho um pouco melhor.

Jair via no êxodo rural uma chance de melhorar de vida. Contudo, permaneceu na cidade somente por dois anos, trabalhando nas lavouras de café e nos cortes de cana-de-açúcar. Não aguentando o trabalho pesado e de pouca remuneração, resolveu voltar para Padre João Afonso.

Aos 22 anos de idade conhece Luciléia Lemes Vieira, com quem oitos meses depois veio a se casar. Continuou morando na zona rural, mas juntando um dinheiro para construir uma casa na comunidade, pois o barraco no qual morava com sua esposa não era deles. Com muito esforço construiu a casa e mudou-se para dentro do povoado. Do matrimônio dele com Luciléia foram gerados três filhos, sendo duas meninas e um menino.

Conforme o tempo ia se passando Jair construía importantes amizades na comunidade. Sempre respeitado, tendo suas opiniões valorizadas dentro daquele espaço. Ou seja, construiu uma relação forte com aquele território. Tornou-se até mesmo um dos produtores de saberes que compõem este território.

O ano de 2002 foi de muitas conquistas para Jair. Ele participou de um projeto de aulas para adultos que não sabiam assinar o próprio nome, e nele aprendeu a assinar seu nome completo. Em fevereiro de 2003 conseguiu retirar novamente toda a sua documentação, porém agora com sua assinatura de titular. Entretanto, infelizmente, o projeto teve duração de somente um ano. Assim, não aprendeu a ler, que era outro sonho. Mas, para ele, só o fato de assinar seu nome já é motivo de comemoração.

Jair faz parte de um contexto cercado por múltiplas culturas. O pai de Jair é descendente indígena, de uma cultura que foi sendo dizimada e esquecida pelas marcas do tempo. Se ele tivesse crescido em um ambiente onde essa multiplicidade de identidades fosse valorizada talvez sua vida tivesse sido um pouco menos sofrida. Nossa sociedade possui uma imensa diversidade étnica e cultural, no entanto vivemos em um sistema que desconsidera as identidades culturais de variados grupos étnico-raciais, o que consequentemente vem alimentando as desigualdades sociais.

Na sequência de sua vida Jair continua a trabalhar nas carvoeiras ligadas às plantações de eucalipto, mas nunca abandonou o campo. Tem sua plantação de feijão, de milho etc. Construiu uma relação de grande valor com o território no qual habita, sendo um camponês com muito orgulho.

Para Jair não há nada mais íntegro do que cultivar aquilo que se almeja, do que trabalhar a terra. Para ele, o verdadeiro camponês não se importa com venda, mas sim com o sustento da família. Acompanha frequentemente as notícias das lutas camponesas no Brasil. Faz parte da composição dos personagens que cultivam os saberes do território de Padre João Afonso. É um grande produtor de saberes e, por isso, de extrema importância para a territorialidade daquele local. É sempre visitado por pessoas interessadas em suas narrações de causos, por sua história de vida, pelo seu trabalho etc.

Atualmente Jair continua exercendo seu trabalho no campo. Infelizmente, além da agricultura familiar destinada ao sustento de sua família, aderiu ao cultivo de eucalipto, pois muitos camponeses da região estão vivendo com a ilusão de que o manejo do mesmo vai render lucro para eles tal como rendem para as grandes empresas.

Maria Joaquina Gomes

. . . . . .

por Maurício Teixeira Mendes

Estima-se que em 14 de setembro de 1931, na Fazenda Coronel, a aproximadamente doze quilômetros da comunidade Padre João Afonso, nasceu Maria Joaquina Gomes, a pessoa da qual trata esta biografia. Devido a várias dificuldades daquela época fica difícil saber a data exata do nascimento de Maria Joaquina, pois ela foi fazer seus documentos quando chegou o tempo de se aposentar. Filha dos lavradores João Gomes Mendes de Oliveira e Izefa Pires da Cunha, Maria Joaquina teve dois irmãos. Mas devido à extrema pobreza na região passou a infância e a adolescência trabalhando para não morrer de fome, como ela mesma relata: "Eu comecei trabalhar de nova, pobre de mim não tinha nem doze anos, tempo meu não era de brincar, se não trabalhasse morria de fome, nem roupa a gente tinha."

Maria Joaquina trabalhava na lavoura com seu pai para ajudar nas despesas da casa, e no tempo livre garimpava as sobras de minério em um garimpo próximo à sua casa. Ela peneirava em cima do mesmo lugar no qual tiravam as grandes quantidades de minério e usava as sobras para vender e comprar roupa e outras coisas que precisasse. Segundo Maria Joaquina, demorava meses para conseguir comprar um par de roupas devido à grande pobreza e o trabalho "escravo" que não era valorizado.

Da infância de Maria Joaquina não há muitos relatos a não ser da luta pela sobrevivência, uma vez que brinquedos não existiam. Às vezes quando era época do

plantio do milho ela aproveitava as espigas para brincar de boneca. O tempo de toda criança estar na escola, na vida e realidade dela foi muito diferente: "Escola num tinha não meu fí, antigamente a escola mais perto que tinha era no Maranhão e meu pai não deixava a gente estudar porque era muito longe, umas quatro horas de a pé. Eu não sei nem escrever meu nome, quando vou no banco bato o dedão, os dinheiros conheço pela cor das nota."

Mesmo sem saber ler e escrever, Maria Joaquina sempre foi muito perspicaz. Já na sua adolescência despertava interesse pelo ato de caridade que sua mãe fazia que consistia em benzer as pessoas. Naquela época era raridade se ver um médico, as pessoas doentes e com mal olhado iam com frequência na casa dela procurar pelas orações de sua mãe. Aconteceu que, certa vez, Izefa, sua mãe, adoeceu e ficou mais de um mês de cama. Quando as pessoas iam procura-la para benzimento, Dona Izefa chamava Maria e dizia as palavras e pedia a ela que repetisse para as pessoas. Foi deste modo que Maria Joaquina aprendeu com sua mãe, como segue o relato: "Minha mãe adoeceu e ficou na cama, ela machucou, a bacia dela saiu do lugar e nunca mais ela sarô, e quando as pessoas percurava, ela falava: 'eu vô falar as palavras procê Maria e ocê vai lá e repete'. E falava as palavras pra mim, eu ficava pondo sentido, e ia lá e rezava, e assim faço até hoje."

De família simples e muito religiosa, Maria Joaquina frequentava grupos de folias, novenas e outros encontros religiosos que eram sempre na casa de um parente ou conhecido. Numa destas ocasiões conheceu Miguel Ramos, que foi seu primeiro namorado e com o qual mais tarde, aos vinte anos, se casa e inicia uma nova fase de lutas, conquistas, perdas, entre outras coisas. Segundo uma neta de Maria Joaquina seu avô era indígena, mas ele não gostava que tocassem no assunto, como segue o relato: "A mãe do vô Miguel havia sido pega no laço. Vô Miguel tinha o cabelo pretinho e lizinho, todo mundo perguntava se ele era índio. Mas ele não gostava que chamassem ele de índio, acho que era por vergonha. Minha vó falava que índio naquela época era considerado como um animal, e que ninguém gostava de índio."

O sogro de Maria Joaquina doou um pedaço de terra para seu marido na fazenda Taboca e os dois começaram uma vida de muita luta. Nessa terra eles construíram uma casinha de pau-a-pique e plantaram as sementes que possuíam. Nesse tempo houve falta de feijão e nem sementes achavam para plantar. As dificuldades eram muitas, mas Maria e Miguel tinham o sonho de aumentar a família. No entanto, a época não era propícia, pois existia uma epidemia, conhecida na localidade como "malina", a qual foi referida pela Secretaria Municipal de Saúde de Itamarandiba como malária. Foi em meio a esta realidade que Maria Joaquina teve quinze filhos com muita dificuldade, como segue o relato: "Eu tive 15 filhos, mas que escapou foi só a Antônia, esta que ocês tá veno aí. Ês adoecia com malina e de primeiro não tinha remédio, num tinha trato, num tinha nada, num tinha médico pra consurtar, só dava remédio do mato. Mas muitos naceu morto, naceu vivo treis com a Antônia. Antônia, uma outra menina e um menino que quando morreu tava com dois ano, a menina quando enterou dezessete dia ela morreu, só fico mesmo a Antônia."

Maria Joaquina e Miguel não sabiam ler nem escrever, mas Miguel lidava bem com dinheiro e olhando a lua e observando a natureza sabia o tempo certo de plantar e colher. Antônia, única filha viva do casal, também teve dificuldades com escolarização devido à falta de escolas e à falta de colegas para lhe servirem de companhia. Como contou Maria Joaquina: "A Antônia aprendeu um pouco a escrever graças a Ana Lucia tadinha, que era professora. Foi lá em casa e falou que a menina tinha que estudar, mas o

Miguel não queria deixar porque não tinha companhia para ir, e aí a professora falô que ia passar lá em casa e levá ela, e foi assim que ela aprendeu um pouco, mas não chegou a terceira série."

Os tempos foram se passando e um fazendeiro conhecido como "Seu Monteiro" comprou todas as terras ao redor da pequena propriedade de Maria Joaquina. Certo dia chegou a ir à casa de Maria Joaquina e dizer para Miguel que iria deixá-los ali enquanto vivessem. Miguel dizia ter posse da terra e o fazendeiro o questionou sobre a documentação, uma vez que seu pai tinha doado o terreno de "boca", passando então à condição de "morar de favor". Sem ter para onde ir continuaram no terreno, onde seus avós e pais viveram e foram enterrados. Pela dificuldade de acesso a informações não tinham documento que comprovasse a posse e nunca puderam resgatar a propriedade.

Mesmo tendo morado de favor, Maria Joaquina diz que Seu Monteiro era gente boa e que nunca os perturbou. Mas chega o tempo que ele vende a propriedade, leva o novo proprietário na presença de Miguel e fala do trato de eles ficarem na propriedade enquanto vivessem. O novo proprietário diz concordar e que iria permanecer o trato. Nestes tempos de venda de terreno a única filha de Maria Joaquina se casou e foi morar no povoado de Padre João Afonso, ficando Maria Joaquina e Miguel na fazenda Taboca.

Um novo momento de luta, desta vez pela terra, marca profundamente a vida de Maria Joaquina, pois em pouco tempo o terreno passou pela mão de cinco proprietários. Desta vez o ultimo proprietário queria expulsá-los do terreno de qualquer forma, fazendo promessas enganosas, como relata a própria Maria Joaquina: "Ele falou com o Miguel 'vai lá pra casa do seu genro e dispois eu vou fazer uma casa procês lá, ou compro um sítio procês e vô pagá suas planta tudo Miguel'. E depois que nós veio pra cá nunca mais ele veio aqui, como tá este sol que lumia e Deus que tá no céu, num pagô nem um tustão até hoje, de tudo que panhô nós aqui na casa do cumpade Domingos ninguém conversou mais nada."

Devido ao conflito o casal se mudou para o povoado de Padre João Afonso. Miguel deixa na roça sua saúde. Desencadeou uma série de problemas no coração e também a pressão alta, vindo a falecer cerca de um ano depois. Maria Joaquina diz que ele morreu de desgosto, pois ficava muito nervoso toda vez que lembrava da sua roça e como acabara em nada uma vida de trabalho e luta: "Quando o Miguel morreu tinha mancha roxa no coipo dele todo, de tanta raiva que ele ficô, porque expussaram nóis de lá e num deu nem um tustão. No mesmo dia que nóis saiu de lá ês pôs fogo na casa, pra nóis num vortá mais lá. E o Miguel ficava lembrano das pranta, dos cachos de banana, dos pé de cana e chorava igual uma criança."

Maria Joaquina diz ter encontrado forças em sua família para superar estes momentos de dificuldade, mas que até hoje não gosta de lembrar estes tempos ruins. Diz ter passado momentos de aflição e angústia que nunca contou a ninguém. Na comunidade de Padre João Afonso Maria Joaquina passou a ser conhecida como Maria Benzedeira devido às benzeções que faz quando as pessoas a procuram. Maria Joaquina relata que é mais comum as pessoas levarem crianças para benzer de quebrante, mau olhado, cobreiro: "As crianças pega mau oiado até dos pais, quando fazem alguma arte ou coisa engraçada os pais oiam e ficam achando aquilo bonito e pra num pegá mau oiado ês tem que falar benzodeus. O quebrante é quando arguem oia as crianças e fica querendo ês, aí as pessoas pôe quebrante. Tanto faz se achar a criança bonita ou feia, mas a maioria das vez é que acham bonita. O cobreiro pode ser de um bicho que passiô

na pessoa enquanto dormia, também de largatixa que passeia na ropa das pessoas, e num tem nenhum remédio que sara de cobreiro, só a benzeção."

Na comunidade de Padre João Afonso, nos dias atuais Maria Joaquina frequenta a igreja. Muito devota, não perde nenhuma missa e celebrações na comunidade. A casa de Maria Joaquina vive sempre cheia de amigos e pessoas que procuram suas orações e benzeçoes. Sua única filha viva, Antônia, é mãe de oito filhos, e também tem dois netos. Esta é a família com quem Maria Joaquina convive e se orgulha.

Ao comparar o presente com o passado Maria Joaquina se sente no "céu" devido às melhorias alcançadas. Sua casa é simples, tem um quarto, uma cozinha e um banheiro, mas para ela é a melhor casa do mundo. Um lugar de tranquilidade e sossego e, principalmente, perto de sua família. Quando questionada sobre sua maior conquista ela relata que foi ter conseguido se aposentar, pois a partir deste momento não passou mais a falta do sustento e outras dificuldades. Sobre as derrotas e dificuldades ela se considera uma vencedora, pois diz ter feito de tudo para ter uma vida melhor. Não conquistou muitas coisas, mas lutou muito.

Várias pessoas da comunidade descrevem Maria Joaquina como companheira, bondosa, guerreira, entre outras qualidades. Se Maria Joaquina quiser receber muitas visitas é só ficar sem ir à igreja. Como nunca falta, logo percebem que alguma coisa aconteceu, e suas amigas vão à sua casa para saber se ela está bem. Pode-se dizer que a maioria dos moradores da comunidade já foi benzida por ela, ou procuram Maria Joaquina pelo menos uma vez na vida, fazendo com que se torne uma pessoa conhecida e notável. A história que ela deixará na comunidade será de uma pessoa que fez o bem sem olhar a quem.

Sobre o futuro, Maria Joaquina revela não ter muitas expectativas devido à sua idade avançada. Espera que "Deus lhe reserve um lugar no céu" e que possa viver em paz e saúde o resto dos dias de sua vida, e que enquanto ela resistir estará fazendo o bem e indo à igreja.

Vanderlei Aparecido Ferreira

. . . . . .

por Williasmar de Sousa Silva

Vanderlei Aparecido Ferreira nasceu em 28 de novembro de 1966 na cidade de Jundiaí, estado de São Paulo. Filho de Maria José Ferreira e José Ferreira Avelino, teve uma infância semelhante à das outras crianças da época, juntamente com os seus seis irmãos. Ainda durante sua infância, teve seu primeiro contato com a escola aos 7 anos, quando ingressou na primeira série da Escola Estadual Maria de Lourdes, ainda em Jundiaí. Além dos estudos, sua infância também foi marcada por brincadeiras, como o futebol.

Quando Vanderlei tinha onze anos ele completou a quarta série e então parou de estudar. Embora sua época de estudo, ou mesmo de infância, tenha se desenrolado durante o período da ditadura militar, ele diz não ter sofrido influências diretas da mesma. Conquanto indiretamente ela possa tê-lo atingido sem que sequer soubesse. Aos doze anos seu pai, que trabalhava como operário em uma siderúrgica, deixou o emprego e resolveu se mudar com sua família para a comunidade de Padre João Afonso, na qual tinha parentes. Eles arrumaram seus pertences e começaram a longa viagem até seu destino final. A viagem fora em sua maior parte realizada de ônibus e era a primeira vez que Vanderlei viajava. Ele e seus irmãos curtiam a nova experiência, que durou cerca de quatro dias até ser concluída com a chegada à pequena comunidade. Vanderlei disse que sua reação ao se deparar pela primeira vez com a comunidade foi de estranhamento.

Contou: “A comunidade era muito estranha porque a gente nunca tinha visto um lugar assim, parecia uma cidade fantasma, não tinha quase nada.”

Segundo ele, a comunidade os recebeu bem e como agora tinham mais liberdade e espaço para poderem se divertir, não demorou muito a se acostumar com o lugar. Nessa fase ele e seus irmãos consideravam quase tudo como uma grande aventura. E foi assim que enfrentaram a mudança repentina. Assim que chegaram começaram a aprender os afazeres do campo e logo começaram a trabalhar. Roçar, capinar, tratar dos animais, plantar, andar a cavalo, tirar leite e outros serviços passaram a fazer parte de sua rotina. Mas ele não reclamava e até se divertia com os fatos dessa nova vida, que ele também encarava como aventura. Como relatou: “A gente era tudo novo né, então a gente gostava de andar a cavalo, de tirar leite, de mexer com vaca, essas coisas né.”

Devido às raras oportunidades de emprego bem remunerado oferecidas pela comunidade, Vanderlei decidiu abandoná-la quando tinha dezesseis anos para trabalhar em uma fazenda na zona rural do município de Sete Lagoas, Minas Gerais. Nessa fazenda ele exercia muitas das atividades às quais estava acostumado na comunidade de Padre João Afonso, além de outras que foi aprendendo a executar. Embora o padrão de vida fosse quase o mesmo de Padre João Afonso, a melhor remuneração e as melhores condições de trabalho fizeram com que permanecesse nesse lugar por cerca de um ano. Após o término desse período retornou à comunidade onde continuou a realizar as atividades costumeiras e implantou junto com o seu pai outras que havia aprendido em Sete Lagoas durante o ano que permaneceu por lá. Construíram então um engenho de cana-de-açúcar e passaram a produzir rapadura e cachaça. Além do engenho, outra ideia que trouxe foi a do “arado de boi”, que facilitou o processo de cultivo dos alimentos. Essas “inovações” permitiram que sua família obtivesse novas fontes de renda e meios para acelerar o processo de produção de alimentos. Ele permaneceu na comunidade exercendo tais atividades por cerca de três anos. Após esse período resolveu se mudar para sua cidade natal, Jundiaí.

Os motivos que o fizeram retornar para Jundiaí foram, em sua maioria, semelhantes aos que provocam o êxodo rural de inúmeras outras pessoas: a busca por melhores oportunidades, a busca por melhores condições de vida, a busca pelo conhecimento de novas atividades. Outro motivo que o levou a essa decisão foi que seus irmãos anteriormente já haviam se mudado para lá e ele resolveu fazer o mesmo. Ao chegar a Jundiaí Vanderlei tirou sua carteira de habilitação e começou a trabalhar como ajudante de motorista de caminhão em uma empresa. A cidade de Jundiaí, agora, obviamente já não era a mesma. Muitas mudanças aconteceram nos dez anos que se passaram desde que ele a havia deixado. Mas ele não demorou a se acostumar, pois a maior parte da sua vida ele vivera lá. Estava mais que acostumado com as cidades, embora estivesse também bem acostumado ao campo. Para ele, a divisão entre campo e cidade poderia não fazer sentido, pois carregava um pouco de cada um no seu modo de vida. Seus momentos de lazer baseavam-se principalmente nas partidas de futebol que disputava. Esse período que passou em Jundiaí foi mais uma fase de aprendizado para ele, que estava sempre em busca de novas experiências. Depois de algum tempo retornou novamente a Padre João Afonso.

Essa agora havia mudado bastante, pois já possuía energia elétrica em algumas casas, dentre outras pequenas mudanças. Porém o seu trabalho não se modificou e ele continuou a exercer as atividades de outrora. Voltou a trabalhar na “roça”, o homem que sempre teve sua vida baseada no trabalho e na busca pelo conhecimento. O homem que

embora tenha nascido na cidade parece ter uma identidade muito mais vinculada ao campo do que à mesma.

No dia 26 de novembro de 1995 ele se casou com Angelina dos Santos Barbosa Ferreira, na cidade de Itamarandiba, Minas Gerais. Essa foi a data da cerimônia religiosa, pois o casamento burocrático, realizado no cartório, aconteceu somente algum tempo depois. Com sua esposa ele foi morar na casa que fora de seu pai em uma fazenda. E continuou a exercer as mesmas atividades às quais estava acostumado. Agora para o seu sustento e de sua esposa.

Eles tiveram três filhos, sendo que todos nasceram na sede do município. O primeiro, Magno dos Santos Ferreira, nasceu em 1996; o segundo, Marcelo dos Santos Ferreira, nasceu em 1999; e a última, Marcelina dos Santos Ferreira, nasceu no ano de 2001. Embora a criação dos filhos fosse difícil, até por uma questão financeira, ele não teve muitas dificuldades para criar os seus, visto que os longos anos de trabalho lhe proporcionaram uma estrutura que lhe permitiu certa facilidade em relação a isso. Todos os seus filhos estudaram, e ainda estudam, em escolas da comunidade.

Mesmo dentro da comunidade ele foi percebendo pouco a pouco algumas alterações, tais como: a construção de novas casas; reformas de algumas já existentes; mecanização de algumas atividades agrícolas; construção de uma nova escola e de um posto de saúde; dentre outras. As suas reações e as da comunidade foram positivas, pois perceberam a possibilidade de crescimento do local. Principalmente para ele que sempre teve a curiosidade em experimentar coisas novas, sendo isso o que o motivou em muitos momentos de sua vida. Para ele, essa mecanização trouxe, em sua maioria, aspectos positivos, uma vez que possibilitou uma maior facilidade e agilidade na realização de tarefas que antes exigiam muito tempo para serem concretizadas. Porém os efeitos negativos já conhecidos da mecanização também acabaram ocorrendo, embora com menor intensidade. É possível ainda hoje observar seus efeitos com as pequenas migrações de alguns moradores em busca de melhores condições de vida e melhores oportunidades de emprego. Outro efeito da mecanização foi a destruição parcial de alguns elementos da cultura local, tais como algumas "engenhocas" que foram substituídas por máquinas, as quais só existem atualmente na memória de alguns poucos moradores.

Em 2005 começou a ter uma relação com a Associação dos Pequenos Produtores Rurais de Padre João Afonso, quando decidiu se tornar um associado da mesma. Mesmo como sócio ele já percebia algumas situações passíveis de mudanças. E a vontade de mudá-las era algo que sempre lhe instigava. Sempre buscava participar das discussões e manifestar sua opinião a respeito dos temas tratados, e seu desejo de mudança somente aumentava. Vanderlei estava sempre em busca de novas experiências. Aprendeu por meio de um curso a trabalhar com trator, pois a Associação havia adquirido um e precisava de motorista. Ele agora aumentava ainda mais sua relação com a Associação, pois além de associado tornara-se também seu funcionário.

Por causa dos problemas enfrentados pela Associação e da sua vontade de resolvê-los decidiu então lançar sua candidatura à presidência. O cargo de presidente é voluntário, mas sua vontade de transformá-la e de impulsioná-la fez com que tomasse essa decisão. Ao fim da eleição veio a vitória e a oportunidade de pôr em ação os seus planos para a Associação e para a comunidade. Em janeiro de 2015 ele toma posse da presidência da Associação, tendo início o seu mandato. Foram inúmeros os problemas encontrados, entre os quais estão: sede da associação abandonada e sem estrutura para

receber os sócios, poucos sócios, falta de organização, problemas com a documentação que ainda não estava regulamentada, entre outros. Quando assumiu a presidência a Associação tinha cerca de 10 sócios ativos. No momento da escritura dessa biografia ela já contava com pouco mais de 70. Os benefícios trazidos pela nova gestão da Associação foram vários, entre eles: convênios com o hospital e com um dentista, parceria com a escola estadual da comunidade, melhoria na estrutura da sede da associação, oferta de cursos de qualificação e aquisição de maquinários facilitadores da produção. Outros benefícios que Vanderlei espera proporcionar, principalmente aos associados, são: o término da reforma da sede, a implantação de uma pequena fábrica de produção de suco, para incentivar os associados a plantar árvores frutíferas, além da oferta de mais cursos e aquisição de novos maquinários que venham a facilitar a vida do pequeno agricultor.

As parcerias que a Associação vem fazendo somente aumentam e são frutos da vontade e do trabalho de sua administração. Ao ver os resultados obtidos pela Associação algumas instituições vêm procurando estabelecer parcerias com a mesma. Os planos para o futuro do atual presidente visam, sobretudo, um crescimento da Associação e do alcance de seus benefícios, assim como a incorporação de novos sócios para que ela cresça cada vez mais. Mas para a concretização desses planos ele julga muito importante o incentivo e apoio da comunidade, órgãos públicos e das instituições parceiras, além da "força de vontade" e da perseverança frente aos problemas que ainda serão enfrentados.

Para ele, suas maiores recompensas são a satisfação em poder ajudar sua comunidade e o reconhecimento do seu trabalho. Atualmente sua fonte de renda vem da produção rural e do salário de motorista de trator, pois o trabalho como presidente da Associação, como dito anteriormente, é voluntário. Sua história de vida nos ensina a importância da persistência perante as dificuldades e da busca pelo conhecimento. São dele as palavras que encerram essa história: "Dificuldade sempre tem, não existe nada fácil, nunca teve nada fácil. Mas a gente não pode é desistir perante as dificuldades."

Welton Breno Oliveira Santos

7º ano do Ensino Fundamental da EEPJA

Romanceiro do campo

OS ORGANIZADORES

Sabemos que a literatura possibilita o encontro do sujeito com sua cultura, com sua identidade, com o prazer, com a fantasia e com a realidade que o cerca. Além de propiciar-lhe uma leitura ampla e crítica dos valores sociais existentes na sociedade, contribui para a formação de um sujeito-leitor crítico, reflexivo e ativo em suas decisões sociais enquanto participante da sociedade. Tendo esses conceitos como referência, a seguir serão apresentados diversos poemas produzidos por alunos do 6º e do 9º anos do Ensino Fundamental da Escola Estadual Padre João Afonso.

A proposta desse trabalho se deu a partir da Olimpíada de Língua Portuguesa do ano de 2016. Desde sua primeira edição, o tema escolhido para a redação dos poemas é "O lugar onde vivo". Este propicia aos alunos a chance de estreitar vínculos com as comunidades e de aprofundar o conhecimento sobre as realidades locais, contribuindo para o desenvolvimento de suas cidadanias. Impulsionados pela Olímpiada, os alunos da EEPJA produziram seus poemas sob a orientação da professora Hemerenciana Maria da Silva.

Contudo, dentre as regras do concurso evidenciava-se que em cada escola apenas um aluno de cada ciclo poderia ser selecionado. Esse fato deixou os alunos da EEPJA entristecidos. Todos gostariam de ser escolhidos, uma vez que todos se empenharam na confecção dos textos, dando o melhor de si para se destacarem. Deparando-se com poemas que imprimiam as particularidades e as histórias de cada estudante, a professora Hemerenciana ficou extremamente angustiada e passou a procurar uma maneira de valorizar os estudantes, estimulando-os a investir na leitura e na escrita. Foi então que teve contato e inspirou-se com a obra *Memórias de Letramento: vozes do campo*, organizada pelos professores Carlos Henrique de Castro e Henrique Magnani, ambos LEC/UFVJM, e que contém textos produzidos por estudantes de uma de suas turmas do curso. Ao apresentar aos alunos da EEPJA a ideia de fazer algo semelhante, Hemerenciana viu seus olhos brilharem de emoção, pois todos se sentiram vencedores. Como não dispunham de recursos para impressão e encadernação do livreto, ele foi impresso com recursos próprios e na sua confecção foi utilizado barbante. O esforço foi grande por parte de todos os alunos para que o trabalho se concretizasse. Para finalizar o processo foi feito um Chá Literário na escola com a apresentação dos poemas.

Com a intenção de valorizar e avançar este processo, publicamos aqui este material. Esperamos, ainda, que essas páginas sirvam de incentivo para que outras experiências semelhantes possam surgir.

A gente

. . . . . .

por Juliana Maria Sousa de Abreu (6º ano da EEPJA)

A natureza é muito boa
A gente vai para a floresta tropical
E cai na lagoa.

A natureza é muito bonita
A gente grita
E depois a gente come canjica.

A natureza é bonita
A gente diverte
E cai na folia.

A natureza é tão bela
Tem cada cachoeira
Que enche os olhos de alegria.

Aproveitar

. . . . . .

por Jéssica Camila Oliveira Silva (6º ano da EEPJA)

O lugar onde vivo
Tem muitas cachoeiras
E também antigas brincadeiras
Pra criançada brincar
E cantar sem cansar.

Na comunidade onde vivo
Tenho muitos amigos,
Família e vizinhos
Para me ajudar quando precisar.

Sou mineiro com amor
Sou do interior.
Do lugar onde vivo
De tudo sei aproveitar,
Pois o amanhã ninguém saberá.

Beija-flor

. . . . . .

por Letícia Amélia de Oliveira (6º ano da EEPJA)

Minha terra é pequenina
Fica aqui em Minas Gerais
No vale do Jequitinhonha
Vem dos climas tropicais.

O respeito é um valor
Que nasce em um lugar
No coração da pessoa
Que aprende a amar
Mas uns não querem usar.

Se sigo as regras da sala,
Se eu falar sem gritar,
Se arrumo a bagunça que fiz,
Respeito estou a mostrar.

Tem muitos pássaros no jardim
Como o beija-flor que
Beija, beija, beija no jardim uma flor
Razão de sua vida e é seu grande amor.

Ele puxa, puxa, puxa
Levando o mel
Fica muito alegre
Canta e voa pelo céu.

Sente, sente, sente

Para eles um bom sabor
Se não encontram nenhuma
Ficam com mau humor.

Vida, vida, vida
Quando cantam uma canção
No pé do ouvido,
Mas que mexe com o coração.

Voa daqui, voa dali
De flor, em flor
Cada um tem seu valor
Mesmo que não tem cor.

Tenho a agradecer ao meu país
Por minha vida nessa terra
Eu amo meu lugar
E nele vou sempre estar.

Canto diferente

. . . . . .

por Gleice Aparecida Souza (6º ano da EEPJA)

O lugar onde eu vivo
É cheio de livro
Tem até feijão
Onde vivo.

Em qualquer lugar que eu vá
Comida não faltará.
Se eu preciso de alguma coisa
É só pedir,
Não roubar.

Se na cidade tem trânsito
Na roça é diferente
Tem pássaros nas árvores
Cada canto diferente.

Como irmãos

. . . . . .

por Kaic Mateus Gomes Oliveira (6º ano da EEPJA)

O lugar onde moro
Aqui sou feliz
O povo não é muito
Mas vivem como irmãos.

Aqui tem boi preto
Tem cavalo branco
Quem não conhece
Quando conhecer vai sorrir.

Aqui temos a oportunidade
De sermos felizes
A vida do campo
Não é ruim não.

Mas quem tiver triste
É só vir pra cá
Aqui você vai ser feliz.

Demais rurais

. . . . . .

por Humberto Eduardo Oliveira (6º ano da EEPJA)

No lugar onde eu moro
Tem lugar bonito demais
Serra Negra entre outros
E florestas tropicais.

No lugar onde eu moro
Tem lugares rurais
Que lugar mais bonito
Eu adoro de mais.

No lugar onde eu moro
Tem nascentes demais
Rios e cachoeiras
Lugares sem iguais.

No lugar onde eu moro
Tem casas demais
Já vou indo embora
Então, até mais.

Em um olhar

. . . . . .

por Séfora Teixeira Matos (6º ano da EEPJA)

Uma terra tão bonita
Com as mais lindas maravilhas
Ouros, pratas, diamantes
Que vida muito linda.

Nosso céu é brilhante
Os olhos encantantes
As culturas... Ah!
Muito alegres!

Nossa língua é reconhecida
O "uai" é de arrasar.
Eu sou de Minas Gerais
Já falo tudo em um olhar.

Tem a Serra Negra
E muitas cachoeiras
Os lobos guarás
E uma vista de arrasar.

Vale do Jequitinhonha
Padre João Afonso
Itamarandiba
E a poderosa Diamantina.

Eu amo meu lugar
E não quero me separar

E olhando em volta
Vejo a beleza de encantar.

Sai brincando pela terra
Um por sem machucar
O que importa mesmo
É sempre amar.

Agradeço meu país
Por essa terra tão bonita
Meu exemplo de igualdade
De ter essa terra tão florida.

Enquanto eu viver

. . . . . .

por Leonardo Santos Souza (6º ano da EEPJA)

Onde moro eu sempre
Quero estar
Enquanto eu viver

Na vida aprendi
Que devemos dar valor
Ao nosso lugar.

O lugar que estou falando
Fica em Minas Gerais
Cachoeira um lugar
Lindo demais.

Felicidade da vida

. . . . . .

por José Weliton dos Santos (6º ano da EEPJA)

Lá onde eu moro
É um recanto
Todo dia uma felicidade

O rio corre pelas redondezas
É uma alegria
Muito grande.

De todo o mundo
As cachoeiras são as mais belas
Do mundo.

Isso é a felicidade da vida
Ter todas essas belezas
Perto de mim.

Folia

. . . . . .

por Bruno César de Oliveira (6º ano da EEPJA)

Eu moro em um lugar bem longe da cidade
Perto da natureza,
Onde não tem tristeza
E que é cheio de felicidade.

Numa festa alegre e boa
Canta o sapo na lagoa,
Num espaço o trovão reboa
Mostrando sua força e som.

Vivo no paraíso
Tudo é paz e alegria
Graça e risos
É tudo uma folia.

História

. . . . . .

por Eduardo Henrique Silva Mendes (6º ano da EEPJA)

A história de uma pessoa,
Emociona tanta gente
Imagina a de um lugar,
Essa eu conto contente.

Sr. Amaral homem de bom coração,
Doou essa terra a seu João
Seu João era padre consagrado
E também homem iluminado.

João Afonso
Era seu nome
E também com ele
Ninguém passava fome.

Tudo era belo
Até colocar fogo na Serra,
Gente, isso é coisa de mané.

IEF o fogo queria apagar
Juntaram no campo,
E todos
No helicóptero queriam entrar.

Conseguiram sim apagar o fogo
E agora quero ver
Quem faz isso de novo.

Identidade

. . . . . .

por Wilson Barbosa Sena (6º ano da EEPJA)

Quem eu sou?
Meu lar minha identidade
É uma identidade onde eu não posso mentir
Só dizer a verdade.

No lugar onde eu vivo
Eu sou muito feliz
Tenho família e muitos amigos
É tudo que eu sempre quis.

É bom de manhã cedo
Olhar para a mesa e nela eu vejo
Um bom café quentinho
De acompanhamento um belo queijo.

Fica triste quando vejo
As caçadas e queimadas
Os animais estão morrendo
Com toda essa palhaçada.

Eu vivo aqui em Minas
No vale do Jequitinhonha
Onde a maior riqueza
É uma comida na mesa.

Lá em casa

. . . . . .

por Douglas Fábio Assis dos Santos (6º ano da EEPJA)

Lá em casa um passarinho
Chamado canarinho
Voa de árvore em árvore
E volta para o ninho.

Minha casa, meu dia a dia
Sinto tanta alegria
Vejo o amanhecer do sol
Sorrindo todo dia.

Quando eu vou dormir
Faço uma oração
Do fundo do meu coração
Com meu pai e meu irmão.

A minha mãe me ensinou
Na Fazenda São Pedro
Não devemos ter medo
E levantar bem cedo.

Leve sensação

. . . . . .

por Tatiane de Almeida Santos (6º ano da EEPJA)

O som das cachoeiras,
O som dos passarinhos.
A vida tranquila.

Na moita tudo pousando
No dia os passarinhos voando,
E as borboletas alegrando.

As árvores verdes
O cheiro da flor
As crianças a brincar

O rio é da cor do céu
Os peixes a pular
E se alegrar.

Lugar melhor não há

. . . . . .

por Walisson de Matos Barbosa (6º ano da EEPJA)

Aqui tem muita alegria
E uma boa festa
Só tem felicidade
Quem chega aqui entra nesta.

Estou na escola que eu gosto muito
Com uma boa cavalgada
Daqui não quero sair,
Pois as festas terminam de madrugada.

Olho pela janela
Daqui de Minas Gerais
Só tem coisa bela
É bom demais.

Daqui não quero sair
Dos nossos canaviais
Muito menos quero fugir
Pois moro com meus pais.

Com todo esse desmatamento
Também essa matança
E ainda essa tal de queimada
Quase perco a esperança.

No relógio o tempo passa
Aqui não passará

Mesmo que tenha maldade
Lugar melhor que aqui não há.

Menina amada

. . . . . .

por Renan Amaral Rodrigues (6º ano da EEPJA)

Minha terra é pequena
Mas passa boi, passa boiada
Que sempre passa uma menina
Linda, que sempre vai ser amada.

Não te dou uma flor
Porque nela tem espinhos
Mas te dou meu
Coração e carinho.

Ainda descobrirei os beijos
Que tanto sonhei
O toque que nunca senti
O amor que nunca vivi.

Eu gosto de você
Porque você não gosta de mim?
Mas eu gosto de você
Para o resto do fim.

Não tem comparação

. . . . . .

por Wesley Alves de Oliveira (6º ano da EEPJA)

O lugar onde moro
Tem belezas naturais
Tem cachoeira, clima gostoso demais
Um lugar tão bonito
Tem espaços demais.

Esse lugar é tão bom
Nem tem comparação
Pode vir a coisa mais preciosa do mundo
Que eu não troco por nada não.

Minha terra pequenininha
Fica aqui em Minas Gerais
No Vale Jequitinhonha
Terra boa demais.

Essa terra é muito boa
Em qualquer lugar
Que eu vá beleza não faltará.

Natureza

. . . . . .

por Guilherme Augusto Ribeiro (6º ano da EEPJA)

Onde moro a natureza
É uma beleza
Na roça só tem natureza
Beleza natural, beleza incondicional
A natureza é uma surpresa
Pois nela só tem riquezas
Beleza que não se compra
Riqueza que não se esconde.

Lá tem árvores e água
Animais e plantações
Beleza que se enriquece
E enche nossas mesas.

O que me emociona

. . . . . .

por Matheus de Matos Sena (6º ano da EEPJA)

Onde vivo tem animal
Para todo lado
Mas não é isso
Que me deixa encantado.

As águas gosto muito,
Mas a poluição fez acabar
Peixes que ali viviam
Morreram já.

Floresta aqui gosto de explorar
Só tenho medo
De cobra encontrar
Gosto mas esse é meu segredo.

Gosto mesmo de viajar
Ir em cachoeira nadar
Conhecer novo lugar
Até mesmo o mar.

O segredo

. . . . . .

por Flávio Marinho Barbosa Oliveira (6º ano da EEPJA)

No lugar onde moro
Há sempre coisas iguais,
Como matas altas,
E florestas tropicais.

No lugar onde vivo é assim
Com matas altas e ao lado um jardim
Os livros eu sempre leio
E os rios de peixes estão cheios.

E se tem alguém com medo
Conte logo seu enredo,
Antes que vire segredo.

Sabiá, flor, gavião

. . . . . .

por Adiel Mendes Felipe (6º ano da EEPJA)

Lá onde eu moro
Canta sabiá
Mas, o ruim é que
Caçador vem matar.

Mas tem outra coisa
Que é a flor
Que é muito cheirosa
É uma rosa.

E também tem
Um gavião
Que pega galinha
E depois cai na caixinha.

São Pedro

. . . . . .

por Arlisson Pedro Teixeira Fernandes (6º ano da EEPJA)

São Pedro
Um lugar bom de se morar,
Tem muitos rios
E pássaros para cantar.

São Pedro
Lugar de se viver
Cheio de coisas lindas
E lugares para conhecer.

Em todo canto que olhar
Árvores você vai encontrar,
Pois é bom saber
Que os passarinhos tem lugar para morar.

Vocês podem falar,
Vocês podem reclamar,
Mas esse é o meu lugar
E aqui eu vou ficar.

Quando o dia amanhece
Passarinhos voam pra lá e pra cá
Sabendo que ali
Poluição não há.

Quando vou andar,
Com os passarinhos cantar e poesia recitar.

Paraíso pra mim
É um lugar assim
Cheinho de passarinho
Que canta para mim.

Do tempo que escrevi
De uma coisa,
Eu nunca esqueci
Que meu lugar é aqui.

Solidariedade

. . . . . .

por Elias Junior Souza (6º ano da EEPJA)

O lugar onde vivo
É um lugar bem tranquilo
Que nem a água.

As aves voando
Se alimentando de frutas

E todo mundo fica feliz
Com a ajuda que todos dão
Quem tem muito é solidário.

Tem

. . . . . .

por Geovane Ferreira Gandra (6º ano da EEPJA)

O lugar onde moro
Tem terra boa demais
Tem cachoeira e rios,
Águas naturais.

O lugar onde moro
Tem casas demais
Tem gado
E muitos outros animais.

O lugar onde eu moro
Tem matas demais
Tem a Serra Negra
E muitas outras matas tropicais.

No lugar onde moro
Tem matas demais
Tem serra, tem morro
E espero que um dia tenha mais.

14 de junho de 1914

. . . . . .

por Cássia Susany Pereira Chaves (9º ano da EEPJA)

Planeta Terra,
Colombo erra,
América do Sul,
Em meio a tanto azul.

Brasil em meios às ilhas
Houve o Tratado de Tordesilhas,
Foram divididas as capitanias
E houve várias oligarquias.

Independência ou morte
Um breve início de sorte
Depois disso muita água rolou
Muita coisa então mudou
Enfim chega 1914 e um novo lugar foi fundado
E com o nome do primeiro padre do local, foi presenteado.
O apelido é Socorro em consagração à padroeira local,
Mostra pelo nome que é um lugar religioso sem igual.

O lugar em si está em pleno desenvolvimento
E a população está sofrendo um bom aumento.
Pena que o que antes era lindo,
Hoje está sumindo,
Falo da beleza natural, que estão sempre extraindo.

Gostava de olhar pela minha janela
Para ver a mata bela

Ouvir os pássaros a cantar
E borboletas a voar
Hoje em dia só há memoria que não vou deixar passar.

O rio era limpo, lindo, no fundo tinha grama,
Hoje está poluído, tudo por causa de grana,
A comunidade quer com isso acabar,
As autoridades não procuram ajudar,
Se não tomarmos atitude nosso lugar só vai piorar.

Mas nem tudo está perdido,
Há um lugar que não foi falido,
Seu nome é Serra Negra e é uma reserva
Lá tem de tudo, cachoeiras, de árvore a erva,
Ainda bem que tem o IEF que ajuda na conserva.

O que há de bom esperamos continuar
Como a humildade do povo que não é de se faltar
Tem uma população simples e muito agradável,
Tornando o lugar uma aparência formidável
E de hospitalidade inigualável.

Encerrando este poema, sem palavras de poeta,
Mas quem conhece sabe, a coisa é certa,
Este lugar tem histórias que jamais ouvirás,
Faremos um bom trabalho que tu contemplarás,
Traçaremos um bom futuro e não ficaremos para trás.

Aqui

. . . . . .

por Darlen Cristiano dos Santos (9º ano da EEPJA)

O lugar onde vivo
É fácil de dizer
É aqui que eu
Me divirto pra valer

Todo dia
Acordo bem cedinho
Escutando o cantar
De um passarinho

Aqui da cidade
É bem diferente
Temos simplicidade
E somos muito contentes

Tudo aqui
É cheio de vida
Não falta água
Nem comida.

Cantinho onde vivo

. . . . . .

por Jhenny Aparecida Teles (9º ano da EEPJA)

Oh minha gente
Vou falar um pouco
Da beleza do lugar onde moro
E pra sempre irei morar.

Do lugar onde moro
Um pouco vou falar
Mas primeiro o meu padroeiro
Vou homenagear.

O lugar foi homenageado
Com um nome santo e sagrado
Mas infelizmente esse nome é desconsiderado.

São Pedro é um lugar
Que no passado tinha muitas tradições
Mas infelizmente pouca gente
Guarda em seus corações.

Sendo como for
O lugar deve ser valorizado
Todos vivem com respeito
Trabalhando lado a lado.

Córrego José de Matos

. . . . . .

por Gleison de Jesus Pereira (9º ano da EEPJA)

Vivo na zona rural
Chamado Córrego José de Matos
Aqui é bastante calmo
E tem muitos altos.

No lugar onde vivo
Tem riquezas naturais
Como plantas exuberantes
E também muitos animais.

Animais que infelizmente
Estão em extinção
Por causa da caça
E da desmatação.

Aqui pertinho
Tem um Parque Estadual
Que nos impressiona
Com sua riqueza natural.

No Parque Estadual Serra Negra
Existe tanta nascente
Que ainda é muito pouco
Perto do que tinha antigamente.

Muitas nascentes
Secaram

Pois com o fogo que queimou a Serra
Foram devastadas.

Vila Padre João Afonso
Fica aqui bem pertinho
Lá é bem legal e até calminho.

Lá foi mais calmo
Mas hoje não é tanto
Por causa das drogas e violência
Que destrói demais.

Enfim o lugar onde vivo
Tem defeitos e maldades
Mas não dá pra esquecer
Das suas muitas qualidades.

Criação de Deus

. . . . . .

por Evandro Alves (9º ano da EEPJA)

O lugar onde vivo
Não é ruim
Mas foi criação de Deus
Feito especialmente pra mim.

Não tem muita gente
Mas levo minha vida
Bem contente.

Todo dia acordo bem cedinho
Escutando o cantar
Do querido passarinho
Ele pula de galho em galho
E volta pro seu ninho.

Todo dia vou para a escola
Com um pesar no coração
De abandonar meu lugarzinho que amo de paixão.

Esse é meu lugar
Meu mundinho
Onde levo a vida
Com muito carinho.

Cultura do meu Vale

. . . . . .

por Deysiéle Josiane Alves da Silva (9º ano da EEPJA)

Vou contar do lugar onde vivo
Um lugar especial
Lugar de fé
De plantações de milharal.

Essa terra importante
De tamanha beleza
Longe dos arranha-céus
Sentindo o cheiro de mel
Confortado pela natureza.

Desde criança observei
As maravilhas daquele lugar
Os rios eram limpinhos
Não havia com o quê se preocupar.

Onde havia tanta mata
O ser humano agora maltratou
Onde era aquele belo rio
O que se vê é uma cascata.

Graças a Deus somos abençoados
Cultos, missas, terço na quinta-feira
Nossa Senhora de Fátima
Glorificada, santa padroeira.

A cultura do cafezinho

Não perdemos jamais
Um costume respeitoso
Que adquirimos de nossos pais
Sempre acompanhado de queijo
Cartão postal de Minas Gerais.

Precisei sair do lugar onde vivia
Sempre me lamentava
Tamanha agonia
Quando a ficha caiu
Parecia não ter mais alegria.

Por isso valorizo esse lugar
Pois sei que se daqui sair
A saudade vai apertar
A agonia e o sofrimento vão maltratar.

Falando do nosso lugar

. . . . . .

por Breno Oliveira (9º ano da EEPJA)

O lugar onde vivo
É bonito demais
É cheio de belezas
E riquezas naturais
Desse lugar não esqueço jamais.

No lugar onde vivo
Nos sustentamos
Com agricultura rural
Não mexemos com máquinas
E sim com trabalho braçal

Lá tem várias espécies
De animais e plantas
Com rituais e diferentes
Tipos de danças

Nossa Senhora Aparecida
Até me orgulho de falar
Com muito amor e carinho
É a padroeira do meu lugar

Minha gente
Me desculpe
Ia esquecendo de falar
Do famoso cafezinho
Que a visita não deixa de tomar

Me perdoem se esqueci
De falar algo legal
Da nossa tradição.

Legal

. . . . . .

por Alexsandro Alves (9º ano da EEPJA)

O lugar onde vivo é muito legal
A gente acorda com o cantar do pardal
E isso é muito legal
Onde moro não precisamos de despertador
Porque quando o galo canta
Todo mundo sabe que é hora de acordar.

O lugar onde vivo
Já foi muito excepcional
Hoje em dia está devastado
Rios poluídos, matas destruídas
E isso não é nada legal.

Onde vivo
É muito poluído
O esgoto cai no rio
E não tem como a água aproveitar
É muito suja e dela não tem como tomar.

Locais

. . . . . .

por Débora Teixeira de Matos (9º ano da EEPJA)

Tem beleza feita pelo homem
Tem beleza natural
Mas também tem muita gente mal.

O local sempre manteve
Tradições que não se esquece
Às vezes o povo não se lembra da data
Mas quando tem festa gente de longe aparece.

Padre João Afonso,
Um lugarzinho aconchegante,
Com pessoas amáveis.

Itamarandiba
Um lugar lindo de se olhar,
Lugar de muita vida
A praça nem se fala
Uma maravilha que dá gosto de apreciar.

Parque Estadual Serra Negra
Lugar lindo com montanhas,
E que dá alegria observar.
E pra muitas vidas é o melhor lugar.

Lugar bom

. . . . . .

por Emelyn Ariane Silva Ribeiro (9º ano da EEPJA)

O lugar onde vivo
Não tem parque
Não tem cinema
Mas pouco se encontra
Um problema

Vivo em um lugar
Onde beleza igual não há
Lugar bom para se divertir
E também para descansar

Onde vivo, durante o dia
Tem criança a brincar
Adultos a caminhar
E à noite estrelas para contar

Nesse pequeno lugarzinho
Às vezes tem discussão
Mas no final
Tudo acaba numa boa condição

Enfim, o lugar onde moro
Tem alegria de montão
Este é um dos motivos
Por ele morar no meu coração.

Meu lugar

. . . . . .

por Sandra Williane Fonseca (9º ano da EEPJA)

Padre João Afonso é o lugar onde eu vivo
É o lugar que eu amo de paixão
Todos são amigos
E de bom coração

É um lugar cheio de belezas
Tem uma bela natureza
Mas está se acabando
E deixando para trás as grandes riquezas

As riquezas estão se acabando
E vem aumentando a poluição
Sem apoio de políticos vai acabando
Este lugar tão bom

Mas este lugar é bom
Ele tem suas qualidades
Podemos andar à noite
Ao contrário das grandes cidades

O lugar onde vivo
A alegria está em todo lugar
É de se orgulhar
E você o admira em um simples olhar

Este lugar me traz emoções
Eu o amo de coração

Nele já tive alegrias e solidão
Mas me alegro com os pássaros e suas canções

Resumindo tudo
Este lugar é o melhor do mundo
Eu o amarei de paixão
E onde eu for levarei no coração.

Meu lugar abençoado

. . . . . .

por Erica de Jesus Ferreira Azevedo (9º ano da EEPJA)

O meu lugar
É excepcional
Com uma beleza
Onde gosto de morar.

Temos a Serra Negra
Lugar de rica beleza
Devemos cuidar
Pra nunca se acabar.

Temos também o Rio Itamarandiba
Rio que era de imensa beleza
Pena que o homem acabou
Com essa riqueza.

A agricultura foi perdendo seu lugar
Pro tal de eucalipto
Todos querem mudar.

As queimadas já fazem parte daqui
As pessoas cada vez só pensam em destruir
Não faz bem pra mim, nem pra você
Se não parar todos vão perder.

Não poderia terminar sem um pouco falar
Da escola onde gosto muito de estudar
Agradeço os professores

E todos que moram neste lugar.

Meu lugar minha vida

. . . . . .

por Milton Teixeira Mendes Júnior (9º ano da EEPJA)

Onde eu vivo é muito sossegado
Mas tem lugares desmatados
E ainda tem muitos lindos lugares
E antigamente a gente olhava para o céu e só via aves

E tem muitos rios
Mas o problema é que alguns estão poluídos
Tem muitas pessoas na nossa comunidade
A ficção está se tornando realidade

O nosso município é Itamarandiba
E também tem muitas maravilhas
Tem muito animal
No Parque Estadual.

Meu lugarzinho

. . . . . .

por Barbiely Jaine Matos Catarina (9º ano da EEPJA)

O lugar onde vivo
É bastante afamado
Tudo que aqui acontece
Não deixe de ser falado

Esse ao qual me refiro
É por mim amado
Padre João Afonso
Assim é nomeado

Essa comunidade
Precisa de muitas
Melhorias, pois isso faz parte da realidade
Precisamos de mudanças para essa sociedade

Serra Negra lugar tão exuberante
Pelo povo é muito visitado
Traz turismo de todas as partes
Para esse lugar tão querido e amado

Encerrando assim esse humilde poema
Agradeço a vocês muito obrigado
Peço desculpas por alguma
Coisa que tenho deixado de lado.

Meu pedacinho de paraíso

. . . . . .

por Juliana Maria Asevedo (9º ano da EEPJA)

Um lugar cheio de histórias
E de onde vou falar
Padre João Afonso
Eta lugar bom de se morar

Logo de manhã você vai se deparar
Com sorrisos vindos de olhar
Um bom dia vão lhe desejar
Para seu dia Deus abençoar

Mais tarde ali na região
O aroma das comidas a se propagar
Lenha queimando no fogão
Para essas delícias preparar

E as coisas boas da natureza
Na Serra Negra estampada
É de tamanha beleza
Por isso em Parque Estadual foi transformada

Zona Rural
Ainda é considerado esse lugar
Mesmo sendo distrito
Ainda não chegou a emancipar
Nos últimos tempos a poluição
Aqui começou a chegar
É uma grande decepção

Pois ela com nossos bens está a acabar

A tarde vai chegando
Para suas casas as pessoas vão voltando
Para ficar com a família e poder descansar
Amanhã logo cedo pegam no batente para a família sustentar.

Meu recanto

. . . . . .

por Max Henrique Damoia Neves (9º ano da EEPJA)

O meu lugar é cercado de matas
E nos pastos tem muitas vacas
As matas que tanto cheiram
Tem grandes cachoeiras.

Mas tem muita tristeza
Com a destruição da natureza
E também muitas queimadas
Destruindo as matas dos nossos camaradas.

As mudanças são radicais
Destruindo as casas dos animais
Com todo esse fogo
Até a gente perde o fôlego

Tatu, cutia e lobo guará
Animais, pedras e flores
Por todo lugar
Onde aprendi a rir e também chorar.

O meu lugar é bonito
Com lendas e mitos
Mitos misteriosos
Com assombração e contos religiosos.

Minas Gerais

. . . . . .

por Cleide Silva (9º ano da EEPJA)

No lugar onde eu moro
Passei por algumas dificuldades
Quando lembro choro
Porque essa foi a minha realidade

O nome deste lugar é Minas Gerais
Onde correm águas cristalinas
Aqui falamos "uai"
E é Deus que nos ilumina

Cada dia tem uma aventura
Correndo pela mata
E no cavalo montada
Eu vou para a cavalgada

A vista é uma beleza
Onde o que mais chama atenção
É a natureza
Que preservamos com dedicação

Há muitos canaviais
Que você até se perde
Onde os animais
Asquerosos se escondem

Cada dia tem uma batalha
Para o povo trabalhar duro

Para a casa não faltar nada
E nas contas não pagar juros

É preciso ser guerreiro
Para vencer
Não só aqui mas no mundo inteiro
A força vem de dentro de você

Me orgulho de ser mineira
Poder ter essa garra
Aqui cresci
E em minha vida venci.

Minha casa querida

. . . . . .

por Caio Henrique Sousa Campos (9º ano da EEPJA)

O lugar onde vivo
É minha casa querida
Com muitas pessoas que gosto
E uma delas até me deu a vida.

É perto de tudo
Tem muitas riquezas
Rios, florestas e árvores
No meio de toda natureza.

Lugar pequeno
Mas cheio de alegria
Todos nos conhecemos
E somos como uma família.

Nasci aqui
Aqui fui criado
Aqui eu viverei
E aqui quero ser enterrado.

Mas não é só coisa boa
Não é só alegria
Também temos vários problemas
Como a poluição no dia a dia.

Também como a cultura
Que está acabando

Está sendo deixada de lado
E a comunidade nem ligando.

Por hoje é só
Falei do meu lugar
Lugar bonito
E bom de se morar.

Minha moradia

. . . . . .

por Leomar Agnaldo Alves (9º ano da EEPJA)

O lugar onde vivo é muito tranquilo
À noite quando deito
Só ouço o barulho dos grilos
E de vez em quando as garruchas
Dando tiros.

O rio que passa perto da minha casa
Parece o rio Jequitinhonha
Minha maior alegria
É minha plantação de cana.

O lugar onde vivo
É muito bacana
O pessoal da região
Vivem de plantação de cana.

O lugar onde vivo é muito legal
Os vizinhos e os amigos reúnem
Para trabalhar no canavial.

Minha vida

. . . . . .

por Elizeu Leonardo Silva (9º ano da EEPJA)

Do lugar onde moro
Um pouco vou falar
Há poucos defeitos
Nada muito que contar.

Vou vivendo nessa vida
Sem muito reclamar
Faço da fraqueza as forças
Pra vida continuar.

As chances são pequenas
As possibilidades são infinitas
Acredito em meus sonhos
Pois eles são minha vida.

Sempre morei na roça
Mas isso não muda nada
Mas em primeiro lugar
Vem a educação.

Dizem que o futuro
Está na educação
Mas também está no respeito
E na humildade.

Mudanças

. . . . . .

por Sandra Aparecida Felipe (9º ano da EEPJA)

No lugar onde eu vivo
Lá foi muito legal
Tinha árvores, rios e flores
Tinham também muitos animais.

Quando eu era bem novinha
Eu gostava muito de lá
Pois era tudo tão limpinho
Que no rio dava pra nadar.

Mas agora tudo acabou
Os rios são poluídos
As árvores foram cortadas
E as flores já murcharam.

Eu queria que voltasse
A ser tudo tão bonito
Pois eu gostava de ouvir
O canto do tico-tico.

Eu já tentei fazer as
Pessoas enxergar, pra
Tudo voltar a ser como era
Parar de desmatar.

Nosso conceito

. . . . . .

por Magno Pires (9º ano da EEPJA)

O lugar onde vivo
Não é muito importante
É um lugar pequeno
Que é muito aconchegante.

Hoje em dia
Seus rios estão poluídos
Poluição imunda
Que por nós é produzida.

Quando mudamos de prefeito
Acabou o nosso conceito
Ficou pior com suas pontes, estradas
Esquecidas pelo prefeito.

Na época do antigo prefeito
O socorro era melhor
Hoje não há nem caminhão de lixo
E um mau cheiro que dá dó.

Nossas riquezas nem falo
Serra Negra entre nós está localizada,
Mas há alguns anos
Por covardes ela foi queimada.

Agora tenho mais uma
Nossa escola está a definhar

Motoristas entrando em greve
E nós sem podermos fazer coisa alguma.

Muitos dizem que é bobagem
Que é preguiça dos motoristas
Mas como eles vão trabalhar
Sem o salário para tratar de suas famílias.

Onde vivo

. . . . . .

por Thais Teixeira Dias (9º ano da EEPJA)

O lugar onde vivo
É muito legal
Tenho muitos amigos
E bastante conhecidos.

Onde vivo
É bem conhecido
É agitado
Mas bem conservado.

Às vezes tem algumas discussões
E até mesmo brigas
Mas qual lugar não tem
Esses acontecimentos?

O lugar onde vivo
Tem sua beleza natural
Pode ser mal falado
Mas preserva a tradição
Da novena de natal.

O lugar onde moro não é mais sossegado
O viver tranquilo
Está sendo ameaçado
O perigo está atacando
E deixando a todos preocupados.

Mas o perigo não nos impede de rezar
Sempre pedindo a Deus
Para nos abençoar
E agradecendo por termos este lugar.

Onde vivo e moro

. . . . . .

por Wille Silva (9º ano da EEPJA)

O lugar onde vivo
Tem muitas riquezas
E quando chego
As tristezas vão se embora

O lugar onde vivo
Não é muito desenvolvido
Mas para aqueles
Que não tem lar
Serão bem acolhidos

O lugar onde moro
É um lugar pequeno
Cercado de montanhas
Que traz da Serra Negra
O seu sereno.

O lugar onde moro
Tem muitas cachoeiras
Quando vou lá me refresco
Em suas quedas traiçoeiras.

Orgulho no coração

. . . . . .

por Vinicius Santos Pinheiro (9º ano da EEPJA)

O lugar onde vivo
Era muito legal
As pessoas acordavam
Com o canto do cardial.

O lugar onde vivo
Era bem tranquilo,
Mas ultimamente está um perigo.

A violência chegou e bateu
Na nossa porta
Tem vários jovens
Entrando no mundo das drogas.

Mas também
Tem as coisas boas
Tem várias cachoeiras
E algumas lagoas.

Tem a Serra Negra
Rica em vegetação
Tem muitas orquídeas
Que só se encontram nessa região.

Esse é o lugar
Onde vivo
Com muito orgulho

No coração.

O vale da exuberância

. . . . . .

por Elias Pedro Sousa da Silva (9º ano da EEPJA)

O lugar onde vivo
É muito legal
Moro em uma fazenda
Seu dono era José Nicolau.

Subindo no pé de lima
Escutei uma gritaria
As estradas onde vivo
Precisam de melhorias.

Hoje o parque Serra Negra
É muito visitado
Pelos moradores deste lugar
Que são muito educados.

Existem críticas
Sobre o nosso lugar
Mas não escutem o que dizem
E deixe tudo pra lá.

Deixe tudo pra lá
Não escute esta critica
Pois o que está atrapalhando
São os governantes da nossa política.

Paisagem dos sonhos

. . . . . .

por Edimar Santos Oliveira (9º ano da EEPJA)

O lugar onde eu moro
Tem muitos rios e cachoeiras
E se estou cansado da vida
Sei onde posso ficar de bobeira.

Indo para Serra Negra
Uma bela caminhada podemos fazer
E quando se chega ao topo do monte
Se torna a paisagem mais linda de se ver.

O meu povoado é bem pequeno
Mas um bom futuro podemos ter
Só não podemos esperar sentados
Por que atrás dos sonhos temos que correr.

Na chegada do povoado
Uma bela praça estão a construir
Tem bancos para se aconchegar
E com os amigos se divertir.

Pau arrancado

. . . . . .

por Alexsandra Aparecida Matos da Silva (9º ano da EEPJA)

No lugar onde vivo
Tem tudo que você pensar
Tem mato, animais, flores
E um ótimo lugar para morar

No lugar onde vivo
Tem uma cachoeira
Incrível, gosto de ir
Pra lá, pensar,
Descansar e nadar

A nossa água nasce ali mesmo
Sendo pouco e muito bonita
Da nascente sai a água
Que nos proporciona a vida

Eu gosto de acordar
Todo dia bem cedinho
Para ouvir a natureza falar:
Cuida de mim minha amiguinha,
Que preciso continuar

Vamos fazer uma coisinha
Vamos parar de desmatar
E cuidar das plantinhas
Para o mundo melhorar

Agora eu vou dizer
Lá pode estar maltratado
Mas eu gosto muito
De viver no Pau Arrancado.

Pequena preciosidade

. . . . . .

por Karla Karoline Oliveira Santos (9º ano da EEPJA)

Do lugar onde vivo
É fácil falar
Nesta simples produção
Muitas coisas irei contar.

Quem conhece
Quer voltar
E quem não conhece
Quando vem, quer até morar.

Um lugar simples e pequeno
Com paisagens sem igual
Isso é a mão de Deus
Com seu poder sobrenatural.

Dizem que o povo
Daqui é assim
Logo que chega
É convidado para tomar um cafezinho.

Às vezes tem quitanda no forno
Que chega a cheirar
Aquelas delícias
Só no forno a assar.

Então chegou a hora
Vamos experimentar

Rosquinhas, biscoitos, pães
Deixando a padaria pra lá.

Então chega a hora de dizer
Vai com Deus e recebe com Deus também
Estas são palavras de visitantes
Que logo estará aqui ano que vem.

A aparência dos arredores
Vem abrilhantar
Mas a da praça
Só deixa a desejar.

A segurança
Essa nem vou falar
Pois não tem nenhuma
Para que eu possa reclamar.

Menti,
Pois me esqueci
De dizer que a proteção
De Deus paira por aqui.

Também temos a escola
Que diz ser inspiração do lugar
Todos vão até ela
Para da educação desfrutar.

O povo daqui
É sensacional
Passando de geração em geração
Sua cultura tradicional.

Estando para finalizar
Algo vou lhe dizer

Ô lugar querido
Nunca irei esquecer.

Sobre minha professora de português
Só tenho a agradecer
Por ter me dado a oportunidade
De meu lugar poder escrever.

Revelar

. . . . . .

por Bianca Pereira de Oliveira (9º ano da EEPJA)

Oh! Lugar fácil
De falar
Eu amo tanto,
Que logo começo a me emocionar

Mas agora segredos
Irei contar
Muitas surpresas irão ter
Quando eu os revelar

Ele é simples
Porém excepcional
Com lindas paisagens
O que é sensacional

Eu gosto daqui
Porém algumas coisa deixam a desejar
Pois tem as fofocas
Que o povo só sabe inventar

Mas isso vou deixar
Pra lá
Pois segredinhos
Tenho que revelar

Tem um rio
Que corta o lugar

Mas atualmente
Ele só deixa a desejar

Sobre a segurança
Nem irei falar
Pois não tem
Então não irei dela contar

Então são simples segredos
Que acabei de revelar
Coisas ruins e boas
Mas que cabe a mim falar.

Socorro

. . . . . .

por Adilson Fernandes (9º ano da EEPJA)

O lugar onde vivo
Cultura legal
Cachoeiras bonitas
Lugar sem igual

Todos nos conhecemos
Somos como uma família
Vivemos com harmonia
E aqui tudo se partilha

Mas não é tudo bom
Não é só alegria
Também temos problemas
Como assaltos hoje em dia

Rio Itamarandiba
Com muita poluição
Nele jogam esgoto
Que que gerou desmatação

Mesmo com esses problemas
Lugar amado
Cheio de vida
E de nome Socorro batizado.

Vou falar

. . . . . .

por Ivanilza Almeida Fonseca (9º ano da EEPJA)

Oh! Minha gente querida
Eu vou agora lhes falar
Do lugar onde eu moro
Eu gosto muito de lá.

Todo dia bem cedinho
Antes de eu levantar
Eu ouço os passarinhos
Alegremente a cantar.

Eles parecem dizer
Eu vi você acordar
A hora de
Você ir estudar.

Eu levanto bem depressa e
Começo arrumar, depois tomo
Café e leite, como biscoito
E pão e como até um
Pedaço de requeijão.

Neste lugar onde moro
Nem vejo passar o dia,
Pois me divirto demais
Durante o dia a dia.

Onde moro é bonito, é um

Encanto de lugar
Existem vários animais,
Neste imenso lugar.

Bem perto de onde eu moro
Existe um lindo lugar
Por todos é admirado,
Muitos vão lá passear,
E o parque da Serra Negra;
Oh! Encanto de lugar.

Existem belas paisagens
Fico alegre em pensar
Com tanta coisa bonita
Pra gente admirar.

Tem árvores grandes e pequenas
Plantas rasteiras e trepadeiras
Também não posso esquecer-me de falar
Que existem as lindas cachoeiras.

Natyele Stefany Sousa Gandra

7º ano do Ensino Fundamental da EEPJA

Gosto da roça: sabores e saberes

OS ORGANIZADORES

A seguir serão apresentadas receitas escritas a partir de trabalho produzido no ano de 2018 por estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Ensino Fundamental e do Ensino Médio da Escola Estadual Padre João Afonso, sob a orientação dxs professorxs Hemerenciana Maria da Silva e Maurício Teixeira Mendes. Não podemos negar que a culinária é importante aspecto cultural de um povo. Os estudantes escreveram receitas que carregam histórias de bons momentos, de lutas e de superação. É comum que pessoas se juntem, ao redor de uma mesa, ou em grupos de trabalhadores no meio da roça, ou em momentos de festa, para fazerem suas refeições.

É possível ousar em dizer que se essas receitas pudessem contar suas histórias nos revelariam grandes ideias que surgiram nesses momentos de partilha, ou emocionados abraços, ou delicadas intrigas por elas presenciadas. Ao ler as receitas imagine quantas vezes a família de Claudinéia sentou ao redor de uma mesa para saborear o *Bolo de fubá de moinho*. Ou quantas vezes os trabalhadores que abriam estradas se reuniram no almoço para comer o *Fubá suado*. Com certeza o *Bolinho de mandioca* da avó da Sueli teria uma história muito divertida para nos relatar. Sem falar das "Donas Marias" que fizeram de suas cozinhas verdadeiros laboratórios de invenções juntando esse com aquele outro ingrediente. Não porque tinham tempo de sobra para experimentar ou porque queriam que suas criações fossem valorizadas, mas porque ao verem seus filhos passando fome davam o máximo de si para alimentá-los. Dessa forma criaram até *Bolinhos de banana verde*.

Outro aspecto muito relevante a ser destacado é que esta é a primeira vez que essas receitas são escritas. Antes faziam parte das narrativas orais da comunidade de Padre João Afonso. Imagine qual foi a satisfação da mãe do Pedro ao ver o interesse do filho em saber como ela faz o *Bolonho de fubá*. Mesmo sem possuir um grau de instrução escolar como a de um "doutor", ela também passou a ser reconhecida como uma produtora de saber.

Desejamos que essa leitura seja saboreada com o gosto da educação que valoriza os sujeitos do campo, seus saberes e realidades. Trabalhos como este fazem a diferença na vida dos estudantes e das suas comunidades. Ao finalizarem este trabalho na EEPJA os estudantes produziram suas receitas e as apresentaram em sala de aula. Interessante é imaginar como foi a roda de conversa entre elas, reunidas em uma mesma mesa, com tudo o que trazem de seus criadores, de suas trajetórias e da comunidade de Padre João Afonso.

EJA Ensino Médio

EJA Ensino Fundamental

Momento de partilha

Biscoito de polvilho quebrador

. . . . . .

por Cláudia Maria Ferreira

Essa é uma receita que vem tradicionalmente das pessoas mais antigas ou até mesmo herdada de escravos. É uma receita bem familiar que foi passada de geração em geração entre bisavós, avós, netos e bisnetos. Foram retiradas algumas coisas e outras mantidas, como, por exemplo, o jeito de fazer a massa, que antigamente era socada no pilão até o ponto de enrolar. Hoje já não fazemos assim, amassamos na bacia mesmo, até dar o ponto de enrolar. Outra coisa diferente era o modo de assar, que não se assava no forno e sim na cinza da fornalha por se dizer que o sabor ficava melhor. Hoje colocamos em assadeiras e levamos para assar em forno convencional ou a gás, sendo que no forno convencional à lenha fica bem mais saboroso. Esse alimento era feito para o café da manhã, lanche ou café da tarde. Aprendi essa receita com uma amiga da família que ia à nossa casa fazer para minha mãe.

Ingredientes:

500 gramas de rapadura raspada

10 ovos

1 colher rasa de bicarbonato de sódio

1 pitada de sal

300 gramas de gordura ou banha de porco derretida

1 kg de polvilho doce ou azedo

Modo de preparo:

Coloque as raspas da rapadura em uma bacia e acrescente os ovos inteiros. Em seguida bata os ovos e a rapadura por 5 minutos. Acrescente a banha ou gordura derretida, não quente, mas morna. Em seguida o sal e o bicarbonato de sódio. Misture mais um pouco. Acrescente o polvilho e sove bastante até o ponto de enrolar.

Unte as mãos e a assadeira com óleo, enrole os biscoitinhos em forma de uma rosca. Leve para assar em temperatura de 200 graus Celsius por 20 a 25 minutos ou até que comece a dourar.

Observação: se a massa ficar um pouco mole não acrescente mais polvilho, pois logo ela endurece.

Rendimento:

30 a 50 biscoitinhos.

Bolinho de mandioca

. . . . . .

por Sueli Coutinho de Matos

A história dessa receita começou assim: minha avó (que Deus a tenha em sua glória) sempre contava para nós que um dia de domingo chegaram umas visitas em sua casa. Ela era muito pobrezinha e não tinha nada para oferecer para as visitas. Ela lembrou que tinha mandioca cozida, mas ficou com vergonha de oferecer a mandioca para as visitas. Queria poder oferecer algo melhor. Aí lembrou que tinha visto uma amiga fazendo bolinho de mandioca, só que ela nunca tinha feito. Aí arriscou fazer, pois não tinha outra coisa para oferecer. Ela foi tentando lembrar da receita, num apuro danado. Foi juntando os ingredientes, fez e ofereceu para as visitas o bolinho de mandioca. O pessoal comeu, achou uma delícia e ficaram curiosos perguntando como fazia e ela ensinou a receita para as visitas. Assim começou a história dessa receita que hoje venho passar para vocês com grande carinho.

Ingredientes:

1,5 kg de mandioca

1 colher rasa de sal

1 cebola pequena cortada em cubos

1 xícara média de cebolinha

½ xícara de farinha de trigo

1 ovo

Sueli com os bolinhos prontos

Modo de preparo:

Após cozinhar a mandioca amasse-a bem até virar patê. Se a mandioca não ficar bem macia no cozimento é melhor amassá-la ainda quente. Após amassadas em forma de patê acrescente o sal, a cebola e a cebolinha. Em seguida coloque o ovo e amasse bem. Depois acrescente a farinha de trigo e amasse até que tudo vire uma massa só. Em seguida, unte as mãos com óleo e faça os bolinhos da forma que preferir, seja em forma de biscoitinho ou em formato esférico.

Quase pronto, agora é só fritar. Mas frite em óleo bem quente. Quando estiver com a coloração dourada está pronto. É só servir e bom apetite.

Rendimento:

Aproximadamente 30 bolinhos.

Bolinhos de banana verde

. . . . . .

por Aguimar Sardinha Damoia

Lembro-me de meu tempo de criança. As coisas eram muito difíceis, quase não tínhamos o que comer. Minha mãe inventou esses bolinhos. Banana lá em casa tinha muita. Também tinha galinha. Então era fácil conseguir os ingredientes. Eu e meus irmãos gostávamos muito desses bolinhos. Eu sempre faço essa receita, é uma forma de lembrar dos velhos tempos em que tinha minha mãezinha.

Ingredientes:

1 dúzia de banana verde

3 colheres de fubá

2 ovos

Sal a gosto

Aguimar preparando os bolinhos

Modo de preparo:

Descasque e rale as bananas. Junte com todos os ingredientes em uma vasilha e misture bem. Faça umas pelotinhas como se fossem bolinhos de chuva. Pronto, agora é só fritar.

Importante lembrar de fritar com óleo bem quente e enquanto frita vire os bolinhos de um lado para outro.

Essa receita é muito simples e fácil de fazer. Serve para lanches, tira gosto ou como preferir.

Rendimento:

Aproximadamente 40 bolinhos.

Bolo de fubá

. . . . . .

por Reginaldo Teixeira de Carvalho

Recordo-me de bons momentos comendo o bolo de fubá. Minha mãe fazia essa receita para nós para café da manhã e merenda. Naquele tempo as coisas eram muito difíceis. Passamos necessidade de muitas coisas, inclusive de ter o que comer. Quando tínhamos os ingredientes para fazer o bolo de fubá era a melhor coisa do mundo, pois sabíamos que naquele dia teria algo para a gente comer no café da manhã e na merenda.

Ingredientes:

4 xícaras de chá de leite

3 xícaras de chá de açúcar

2 colheres de farinha de trigo

1 e ½ xícara de chá de fubá

2 colheres de sopa de margarina

1 colher de sopa de fermento em pó

4 ovos

Forno a lenha

Modo de preparo:

Em um liquidificador ou em uma batedeira, misture todos os ingredientes até obter uma consistência cremosa. Despeje a massa em uma forma untada e polvilhada com farinha de trigo ou fubá. Pré-aqueça o forno.

Asse em forno médio (180ºC) por 40 minutos ou até que fique com a cor dourada. Nós assamos esse bolo no forno a lenha e, para saber quando ele está no ponto, enfiamos no meio do bolo um garfo; se ele sair seco o bolo está bom.

Sirva frio.

Rendimento:

Aproximadamente 8 porções.

Bolo de fubá com cará

. . . . . .

por Alan Pereira da Silva

Essa receita já existe na minha família faz algum tempo. Começou com a minha avó que fazia a receita para os companheiros merendar e passou a receita para minha mãe. E sempre que minha mãe tem oportunidade ela costuma fazer a receita para a gente merendar ou tomar café da manhã. Como cultivamos cará, que é uma planta que produz uma raiz bem parecida com a do inhame, essa receita é muita barata e muito saborosa. Também comemos cará cozido e em bolinho frito. Hoje vou apresentar um bolo de fubá com cará.

Ingredientes:

½ litro de leite

½ quilo de cará ralado

3 xicaras de chá de açúcar

2 e ½ xícaras de chá de fubá

2 colheres de sopa de manteiga

1 colher de sopa de bicabornato

4 ovos

Uma pitada de sal

Alan preparando o bolo

Modo de preparo:

Bata no liquidificador os ovos, o leite e a manteiga. Depois coloque em uma vasilha e adicione o fubá, o açúcar, o bicabornato e uma pitada de sal. Acrescente o cará ralado e mexa um pouco para que o cará se misture na massa. Unte a forma com óleo e farinha de trigo e despeje a massa.

Leve ao forno pré-aquecido por cerca de 40 minutos ou até que o bolo esteja assado.

Rendimento:

Aproximadamente 10 porções.

Bolo de fubá de moinho

. . . . . .

por Claudinéia Matos Ferreira

Essa receita foi passada de mãe para filha. Era feita para comer no café da manhã e na merenda. É uma grande satisfação para mim poder compartilhar essa receita que faz parte de minha vida. Antigamente as coisas eram muito difíceis. O povo sofria muito e não tinha o que comer. Usavam a criatividade para elaborar receitas que tivessem um bom gosto e fossem fáceis de fazer usando ingredientes que fossem fáceis de conseguir. É o caso do bolo de fubá de moinho. Hoje graças a Deus tenho o que comer, porém sempre faço esse bolo, pois relembro minha infância e é um bolo muito saboroso.

Ingredientes:

3 ovos

1 pitada de bicarbonato

½ colher de sal

1 copo de açúcar

½ litro de soro de queijo ou de requeijão

1 kg de fubá de moinho

3 colheres de margarina de leite, ou seja, a nata do leite

Modo de preparo:

Misture bem todos os ingredientes até dar o ponto, ou seja, até a massa ficar uniforme. Depois coloque a massa numa panela (de preferência de ferro) e coloque a tampa virada (parte de cima para baixo) em cima da panela. Coloque brasas em cima da tampa e em seguida coloque no crivo da fornalha e espere assar. Geralmente o bolo fica com a cor dourada quando está assado.

Você também pode assar esse bolo em um forno. O resultado fica bom também, porém na fornalha fica muito mais gostoso.

Rendimento:

10 porções e pode ser servido para acompanhar um cafezinho.

Bolo de mandioca

. . . . . .

por Ivani Damoia Silva

A receita que vou apresentar aprendi com minha mãe e ela aprendeu com minha bisavó. É um bolo bem gostoso e muito prático de se fazer. Minha mãe conta que sempre comiam esse bolo no café da manhã e na merenda. Hoje essa receita é uma das minhas fontes de renda, faço para vender e as pessoas gostam muito. Tenho duas filhas e já fiz questão de ensinar a elas essa receita.

Ingredientes:

1 kg de mandioca

2 xícaras de leite

1 coco ralado

4 ovos inteiros

2 colheres de manteiga derretida

2 xícaras de açúcar

1 xícara de farinha de trigo

1 colher de sopa de fermento em pó

Sal a gosto

Ivani preparando a receita

Modo de preparo:

Primeiro rale a mandioca. Esprema até sair todo o líquido e coloque a massa da mandioca numa vasilha. Depois bata no liquidificador a metade do coco ralado com 2 xícaras de leite de maneira que vire uma mistura homogênea. A outra metade do coco ralado misture na massa de mandioca juntamente com os 4 ovos, com a manteiga derretida, com a farinha de trigo, com o açúcar, com o fermento e também com o leite que foi batido com o coco ralado. Misture bem, se tiver uma batedeira pode usar. Coloque em uma assadeira untada e leve ao forno pré-aquecido. Deixe assar por 30 minutos, ou quando apresentar uma cor dourada. Também é possível verificar se o bolo está assado enfiando um garfo no bolo. Se o garfo sair seco o bolo está no ponto.

Rendimento:

10 porções e pode servir no café da manhã ou no lanche da tarde.

Bolonho de fubá

. . . . . .

por Pedro Valeriano Almeida

Lembro-me que minha mãe sempre fazia esses bolinhos e ela os chamava de bolonho. Penso que seja por causa da mortadela que vai no bolinho de fubá. Minha mãe conta que aprendeu a fazer esses bolinhos com uma tia dela, e sempre fazia para a gente merendar. Para mim é um prazer passar essa receita para vocês.

Ingredientes:

500 gramas de fubá

200 gramas de farinha de trigo

200 gramas de mortadela ralada ou picadinha

½ cebola de cabeça picada bem fininha

Cebolinha verde picadinha a gosto

4 ovos

300 ml de água

Sal a gosto

Modo de preparo:

Em uma tigela coloque os 4 ovos e com um garfo bata-os até que misture a gema e a clara. Acrescente o fubá e mexa um pouco. Coloque os 300 ml de água e mexa bem. Acrescente a mortadela e os demais ingredientes e misture bem. Agora frite em óleo bem quente. Quando os bolonhos estiverem dourados estará no ponto e é só servir.

Rendimento:

5 porções.

Cuscuz

. . . . . .

por Sebastião Eufrázio

Essa receita era feita para café da manhã em épocas difíceis. Lembro de minha tia que fazia para nós. Ela colocava no prato para nós e a gente comia. Sobrava só as rapas da fôrma de cuscuz para ela. Ela rapava as sobras da fôrma e colocava na mão um pouquinho e lambia até os dedos de tão pouco que era. A gente também comia e ficava querendo mais ainda. Essa receita é uma homenagem à minha tia. Eu queria até pedir a Deus pela alma dela, que foi uma pessoa que sofreu muito nessa vida. Que Deus ilumine a alma dela com uma luz que nunca se apague. Então, hoje acrescentei nessa receita queijo fatiado, mas naquela época não era bem temperado assim, pois faltava muita coisa. Mas acho que é o amor que fazia tudo ficar mais saboroso.

Ingredientes:

2 xícaras de fubá

1 xícara de rapadura raspada

½ xícara de farinha de mandioca

200 gramas de queijo fatiado

Sebastião preparando o cuscuz

Modo de preparo:

Em uma vasilha coloque a rapadura raspada, acrescente o fubá e a farinha de mandioca e molhe com água até que a massa fique um pouco úmida. Coloque em uma fôrma própria para cuscuz. Coloque uma vasilha (proporcional à fôrma de cuscuz, como na imagem da página anterior) com água para ferver e ponha a fôrma de cuscuz por cima para cozinhar com o vapor. Deixe cozinhar em fogo brando por aproximadamente 40 minutos. Faça uma cola de farinha de mandioca e coloque entre meio à fôrma de cuscuz e a vasilha de água para impedir que o vapor saia. Quando o cuscuz estiver pronto ainda quente, coloque as fatias de queijo em cima de modo que derreta. E bom apetite.

Rendimento:

6 porções.

Doce de canudo

. . . . . .

por Rayane Damoia Silva

Essa receita que vou ensinar é uma sobremesa de doce de canudo que foi passando de geração em geração na minha família, começando com uma amiga da minha mãe, a dona Zélia. Conta dona Zélia que ela aprendeu com a mãe dela. Então ela ensinou a minha mãe, onde eu aprendi a fazer esse doce delicioso que é uma receita simples e fácil de fazer. Os canudos que usamos para modelar o doce são de taquara do reino. Alguns tempos atrás, antes da Serra Negra se tornar Parque Estadual, conseguíamos extrair a taquara bem no meio da mata do parque. Andávamos mais de 6 horas a pé por mata fechada. Hoje é impossível conseguir os canudos, pois o parque é monitorado e não temos mais acesso à mata. Então os canudos que nos restaram guardamos com muito cuidado. Você pode usar canudos de bambu com aproximadamente uns 7 centímetros de comprimento, mas desde que seja fino, mais o menos da grossura de um dedo.

Ingredientes:

4 xícaras de chá de farinha de trigo

2 colheres de chá (aquela colherzinha pequena) de sal

3 colheres de cachaça

6 colheres de óleo

6 colheres de água

2 xícaras de açúcar para polvilhar

Recheio à sua escolha: doce de batata doce, de leite, de banana ou outro

Rayane preparando a receita

Modo de preparo:

Passe a farinha de trigo em uma peneira fina e coloque-a em uma vasilha. Faça uma cava no centro e coloque o sal, a cachaça o óleo e as 6 colheres de sopa de água. Amasse bem até ficar uma massa lisa e soltando da mão. Deixe descansar por aproximadamente 20 minutos. Em seguida abra a massa de jeito que fique bem fina e corte as tiras de aproximadamente uns 7 centímetros ou do tamanho do seu canudo. Enrole a massa nos canudos de taquara ou bambu. Não cubra totalmente o canudo para não dificultar na hora de tirar o canudo. Em seguida frite com óleo bem quente deixando que fique dourado por igual. Deixe esfriar, retire os canudos e coloque o recheio que preferir. Polvilhe com açúcar e é só se servir.

Rendimento:

20 doces deliciosos de canudos.

Doce de leite cortado

. . . . . .

por Sidinei Matos Ferreira

Há muitos anos se conhece o famoso doce de leite, pois há séculos os fazendeiros tinham essa tradição de pôr o leite para ferver em tachos de cobre. Como eles tiravam muito leite, para conservá-lo melhor ferviam-no por muitas horas em uma fornalha de lenha. Assim, descobriram que acrescentando um pouco de açúcar o leite que já tinha um sabor bom, ficaria com um sabor ainda melhor. O doce de leite era usado para comer após o almoço para adoçar o paladar. Também era servido em ocasiões especiais como casamentos, nos quais é tradição servir o doce de leite como símbolo da festa. E assim foi passando essa tradição de família até nos dias de hoje. Eu aprendi com minha mãe.

Ingredientes:

2 litros de leite

2 quilos de açúcar

Modo de preparo:

Acrescente o leite, o açúcar e leve ao fogo para ferver. Na panela, mexa de vez em quando para não pregar. Deixe secar o leite para engrossar. Tire do fogo e bata com uma colher de pau até começar a endurecer.

Despeje em uma superfície lisa, como pedra de mármore, granito, mesa de madeira ou folha de bananeira. No meu caso utilizei um plástico. Deixe esfriar. Depois é só cortar os cubos e aproveitar.

Rendimento:

15 porções.

Doce de mamão

. . . . . .

por Rosineia Coelho Sena

O doce de mamão é uma receita tradicional da minha família, pois foi passada de minha avó para minha mãe e dela para mim. Minha avó conta que aprendeu essa receita com escravos que tinham aqui na região. Minha avó disse que as cozinheiras faziam esse doce para seus patrões e serviam após o almoço com queijo ou sozinho. Elas mesmas preparavam por se ter o mamão plantado nos quintais. Esse doce é feito com rapadura, que também era preparado por elas. Este é um alimento de baixo custo e muito fácil de fazer. E até hoje é bem aceito, já que é bastante saboroso, além de ter vários jeitos de ser servido, e qualquer pessoa consegue fazer.

Ingredientes:

10 mamões verdes sem casca e ralados

Uma rapadura ralada

Cravo e canela a gosto

Rosineia fazendo o doce

Modo de preparo:

Descasque o mamão e rale na parte mais fina do ralo. Lave e escorra. Em uma panela grande, raspe a rapadura e dissolva em fogo brando até virar melado. Misture o mamão e a rapadura e deixe cozinhar. Quando estiver quase pronto o mamão vai estar cozido. Daí coloque o cravo e a canela a gosto para ficar com sabor bem melhor.

É fácil e rápido. Não tem segredo, é só deixar cozinhar bem e seguir a receita. Cozinhar em fogo mais brando para não pregar na panela. Deixar o doce secar bem para não azedar. Para conservar por mais tempo mantenha na geladeira. Você pode comer como sobremesa.

Rendimento:

20 porções.

Fubá suado

. . . . . .

por Claudiméia da Conceição Diamantino Mendes

Essa receita é uma tradição aqui na comunidade de Padre João Afonso que veio dos antepassados e foi passada de geração em geração. Quem me ensinou foi a Maria da Conceição Pimenta, que aprendeu com a mãe dela e que também aprendeu com sua mãe. A receita veio passando de mãe para filha desde quando usavam somente o fubá, água, sal e ervas. Depois, com o passar do tempo, as pessoas passaram a acrescentar outros ingredientes, tais como ovo, torresmo, gordura de porco, cebola de cabeça etc. Na época da Dona Maria Genesco, que é mãe da Maria da Conceição, ela conta que trabalhava para o senhor Ernesto Weber, que foi quem abriu as estradas que ligam Padre João Afonso com as cidades de Itamarandiba e de São Sebastião do Maranhão. O fubá suado era usado no café da manhã e na merenda da tarde, por ser um alimento nutritivo. Ela fazia para todos os trabalhadores porque trabalhavam longe e o serviço era pesado, abrindo as estradas com serviços braçais. O fubá suado é um alimento pesado e muito nutritivo. Por conter ingredientes gordurosos tem sustentabilidade e é durável. Hoje em dia já existe de várias formas e sabores, salgados e doces. Mas o que irei apresentar é o mesmo que Maria Genesco fazia para o Seu Ernesto.

Ingredientes:

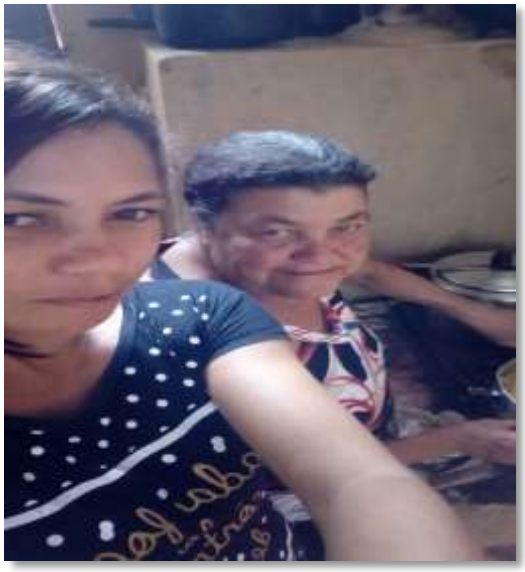
1 kg de toucinho picado em cubos

1 kg de fubá mimoso

1 copo de gordura de porco

2 copos de água filtrada ou fervida

Sal e tempero verde a gosto.



Claudiméia e Maria da Conceição

Modo de preparo:

Em uma panela coloque o toucinho para fritar. Em outra vasilha coloque o fubá e acrescente a água até que fique totalmente úmido. Quando o toucinho estiver frito e sequinho separe em uma vasilha e tire o excesso de gordura, deixando somente a quantidade que couber em um copo. Agora em uma panela, leve o copo de toucinho ao fogo acrescente os ovos, cebola de cabeça e sal e mexa levemente. Em seguida acrescente o restante do toucinho frito e continue mexendo por aproximadamente 5 minutos e acrescente de pouco a pouco o fubá umedecido, sempre mexendo por cerca de 20 minutos. Tire do fogo e acrescente o cheiro verde. Pronto, é só saborear.

Rendimento:

10 porções.

Paçoca de amendoim

. . . . . .

por Vanderlei Silva

A receita que vou ensinar é muito simples. Mesmo que seja um alimento comum em vários lugares, na minha família é uma tradição. Aprendi com minha mãe, que aprendeu com minha avó e hoje faço questão de passar para os meus filhos. Essa paçoca pode ser servida depois do almoço como sobremesa ou então em lanches. É um alimento muito nutritivo.

Vanderlei fazendo a paçoca

Ingredientes:

1 kg de amendoim

½ quilo de fubá torrado

2 xícaras de açúcar

1 pitada de sal

Modo de preparo:

Primeiro, você torra o amendoim. Quando ele estiver frio, em uma peneira descasca e sopra até que seja tirada toda a casca. Feito isso, coloque o amendoim no pilão e soque bastante até formar uma pasta cremosa. Em seguida acrescente o açúcar, o sal e a farinha de fubá. Dê mais uma socada para misturar os ingredientes. Pronto, é só saborear. E bom apetite.

Rendimento:

10 porções.

Parece mas não é de mandioca

. . . . . .

por Silvia de Almeida Costa Fonseca

Já faz muito tempo que aprendi a fazer essa receita. Minha tia veio do Rio de Janeiro e ensinou minha mãe a fazer para conseguir uma renda. Minha mãe vendia em dia de missas e em outros eventos que ajuntava pessoas. O nome inusitado fazia todas as pessoas quererem experimentar. Eu, muito curiosa, aprendi a fazer observando ela. E hoje é um prazer compartilhar essa experiência com vocês.

Silvia preparando a receita

Ingredientes:

500 gramas de peito de frango

250 gramas de mandioca

1 colher de óleo

½ colher de urucum (corante)

1 xícara de farinha de trigo sem fermento

1 colher de tempero (sal com alho)

125 gramas de farinha de rosca

2 ovos batidos

Óleo para fritura

Pimenta e cheiro verde a gosto

Modo de preparo:

Cozinhe o peito de frango e desfie-o. Em uma panela, coloque um pouco de óleo, deixe esquentar um pouco, em seguida acrescente meia colher de tempero e urucum e refogue o frango. Retire do fogo, coloque a pimenta e o cheiro verde e deixe esfriar. Cozinhe a mandioca bem cozida até que se desmanche. Retire do fogo, escorra a água e depois amasse com uma colher. Em uma panela, coloque uma colher de óleo, meia colher de tempero e urucum, refogue a mandioca e coloque um pouco de água. Mexa bem e assim que ferver coloque a xícara de farinha de trigo. Continue mexendo até soltar do fundo da panela. Coloque numa vasilha e amasse mais um pouco até ficar bem firme. Em uma tigela, bata os ovos e coloque a farinha de rosca em um prato. Abra a massa da mandioca como em forma de uma massa de pastel, coloque o recheio (peito de frango) e feche enrolando em forma de um enroladinho. Passe pelo ovo e depois na farinha de rosca. Aqueça o óleo e frite até ficarem dourados. Com uma colher grande e furada, escorra-os. Pronto, é só se deliciar com o *Parece mas não é de mandioca*.

Rendimento:

7 unidades.

Picadinho de mamão

. . . . . .

por Lucia de Araújo Chagas

Aprendi essa receita com minha mãe. Quando eu era criança, lembro que as coisas estavam muito difíceis. Estávamos passando falta de alimentos. A gente plantava legumes, mas nem sempre produzia. Na minha casa tinha muito pé de mamão, então minha mãe teve a ideia de fazer o mamão cozido. Ela já tinha comido na casa de uma amiga. Passamos um bom tempo comendo esse picadinho de mamão que é muito gostoso e fácil de fazer, parece com o gosto de chuchu cozido.

Ingredientes:

1 mamão verde descascado picado

1 colher de urucum

2 dentes de alho amassados com sal

Cebolinha e salsinha a gosto

1 xícara de óleo

Sal a gosto

1 litro de água quente

½ litro de água fria

Modo de preparo:

Em uma panela, coloque o mamão picado, a água quente e deixe ferver uns cinco minutos para sair o amargo. Feito isso, escorra a água. Em seguida, em uma panela com o óleo quente frite o alho com o urucum, coloque o mamão e dê uma mexidinha. Coloque a água fria e deixe cozinhar por aproximadamente uns vinte e cinco minutos ou quando achar que está bem cozidinho. Pronto, agora é só servir.

Pode acompanhar com angu ou com arroz e feijão. Não esqueça que quando estiver cozido é só agregar a salsinha com a cebolinha.

Rendimento:

5 porções.

Vanderson Silva Damoia

1º ano do Ensino Médio da EEPJA

Contrastes

Praça principal, em épocas diferentes. Obtidas no grupo público "Maravilhas de Padre João Afonso", no Facebook.

Vista panorâmica, em épocas diferentes. Obtidas no grupo público "Maravilhas de Padre João Afonso", no Facebook.

Vista panorâmica, em épocas diferentes. Obtidas no grupo público "Maravilhas de Padre João Afonso", no Facebook.

Vista panorâmica, desde o mesmo local, no mesmo dia em horários diferentes. Por Maurício T. Mendes (2017).

Eventos

Cavalgada na festa de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Obtidas no grupo público "Maravilhas de Padre João Afonso", no Facebook.

Barraquinha no largo da igreja e missa sertaneja na festa de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Por Maurício T. Mendes (2015).

Desfile de 7 de setembro. Por Maurício T. Mendes (2016).

Desfile de 7 de setembro. Por Maurício T. Mendes (2016).

Desfile de 7 de setembro. Por Maurício T. Mendes (2017).

Desfile de 7 de setembro. Por Maurício T. Mendes (2017).

1º Encontro dos Cavaleiros, promovido pela Associação dos Pequenos Produtores Rurais de Padre João Afonso. Por Rafael F. Fonseca (2017).

1º Encontro dos bicicleteiros, promovido pela Associação dos Pequenos Produtores Rurais de Padre João Afonso. Por Katia C. F. Santos (2017).

Mística de abertura e estudantes moendo cana no 2º Seminário de Educação do Campo. Por Maurício T. Mendes (2017).

Grupos

Foliões da comunidade. Por Maurício T. Mendes (2016).

Pais de alunos fazendo a manutenção de estrada usada pelo transporte escolar. Por Maurício T. Mendes (2015).

Pontos turísticos

Cachoeira do Zé Nicolau. Por Maurício T. Mendes (2016).

Parque Estadual da Serra Negra. Por Maurício T. Mendes (2017).

Escola Estadual Padre João Afonso

Via de acesso à entrada principal da escola. Por Maurício T. Mendes (2016).

Pátio interno, durante intervalo das aulas. Por Maurício T. Mendes (2017).

Apresentação de trabalho por estudantes do Ensino Médio. Por Katia C. F. Santos (2016).

Dona Geralda e sua filha Fatinha no 1º Encontro Cultural da escola. Por Maurício T. Mendes (2015).

Lugares

Noite de lua cheia. Por Maurício T. Mendes (2017).

Campo de futebol. Por Maurício T. Mendes (2016).

Cruzeiro do largo da igreja. Por Maurício T. Mendes (2016).

Unidade Básica de Saúde. Por Maurício T. Mendes (2018).

Quadra poliesportiva. Por Maurício T. Mendes (2018).

Escola Municipal Núcleo de Padre João Afonso. Por Maurício T. Mendes (2018).

Telecentro. Por Maurício T. Mendes (2016).

Principal via de acesso à comunidade. Por Maurício T. Mendes (2018).

Entrada da comunidade e rio Itamarandiba do Mato. Por Maurício T. Mendes (2017).

Curral tradicional. Por Maurício T. Mendes (2017).

Fogão a lenha tradicional. Por Maurício T. Mendes (2017).

Sede da Associação dos Pequenos Produtores Rurais de Padre João Afonso. Por Maurício T. Mendes (2017).

Vittoria de Lourdes Oliveira Vilefort

1º ano do Ensino Médio da EEPJA

Saiba mais

OS ORGANIZADORES

Indicamos a seguir fontes diversas nas quais poderão ser encontradas mais informações sobre a comunidade Padre João Afonso.

- **Artigo científico "Programa Mais Educação: diálogos partindo da percepção de pais de estudantes de uma comunidade rural".**

Produzido por Érica Fernanda Justino e Paulo Afrânio Sant'Anna, o artigo foi publicado na Revista Brasileira de Educação do Campo no ano de 2017.

O artigo pode ser obtido no seguinte endereço eletrônico: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/campo/article/view/3288/9765>.

- **Dissertação de mestrado "Programa Mais Educação: diálogos a partir da percepção dos pais de estudantes de uma comunidade rural".**

Produzida por Érica Fernanda Justino de Freitas, a dissertação foi defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais no ano de 2016.

A dissertação pode ser obtida no seguinte endereço eletrônico: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUBD-ANHLQE/disserta__o___rica_fernanda_justino.pdf?sequence=1>.

- **Trabalho científico "Educação do campo, nucleação escolar e suas divergências".**

Produzido por Ivanilde Soalheiro de Freitas, o trabalho foi apresentado no III Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas sobre Educação do Campo, ocorrido em 2015.

O resumo do trabalho pode ser obtido no seguinte endereço eletrônico: <http://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/publicacoes-seminarios-do-gepec/seminario-de-2015/posteres/p06-educacao-do-campo-nucleacao-escolar-e-suas.pdf/view>.

- **Trabalho científico "Práticas de letramento na comunidade Padre João Afonso".**

Produzido por Maurício Teixeira Mendes, o trabalho foi apresentado no Congresso Nacional Universidade, EAD e Software Livre no ano de 2016.

O trabalho pode ser obtido no seguinte endereço eletrônico: <http://ueadsl.textolivre.pro.br/2016.2/papers/upload/91.pdf>.

- **Trabalho científico "O lugar e a organização do trabalho entre os agricultores familiares no Alto Vale do Jequitinhonha".**

Produzido por Marivaldo A. Carvalho, Andres F. R. Giraldo e Rosana P. Cambraia, o trabalho foi apresentado na 69ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência no ano de 2017.

O resumo do trabalho pode ser obtido no seguinte endereço eletrônico: <http://www.sbpcnet.org.br/livro/69ra/resumos/resumos/1314_104caf0ba1d19c7b20fd3b71c37c64070.pdf>.

- **Trabalho científico "A influência escolar sobre o letramento".**

Produzido por Eliane Maria Pires Gomes, o trabalho foi apresentado no Congresso Nacional Universidade, EAD e Software Livre no ano de 2017.

O trabalho pode ser obtido no seguinte endereço eletrônico: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/ueadsl/article/view/12839>.

- **Trabalho científico "Práticas de regência associada às novas tecnologias em uma escola do campo: outras possibilidades de ensino/aprendizagem".**

Produzido por Maurício Teixeira Mendes, o trabalho foi apresentado no Congresso Internacional de Educação e Tecnologias no ano de 2018.

O trabalho pode ser obtido no seguinte endereço eletrônico: <http://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2018/article/view/615/136>.

- **Livro "Memórias de letramentos: vozes do campo".**

Organizado por Carlos Henrique Silva de Castro e Luiz Henrique Magnani, o livro foi publicado pela Editora UFVJM no ano de 2017. Apresenta relatos de estudantes do curso de Educação do Campo da UFVJM e, dentre eles, alguns vinculados à comunidade Padre João Afonso.

O livro pode ser obtido no seguinte endereço eletrônico: <http://acervo.ufvjm.edu.br/jspui/bitstream/1/1586/1/memorias_letramento_vozes_campo.pdf>.

- **Programa de rádio "Comunidades do Campo".**

Produzido pelo projeto de Extensão "Comunidades do Campo: conhecendo seus sujeitos, saberes e realidades", da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, o programa de rádio apresenta conteúdos variados acerca das comunidades do campo e, dentre eles, alguns relacionados à comunidade Padre João Afonso.

O programa pode ser ouvido no seguinte endereço eletrônico: <https://www.comunidadesdocampo.com.br>.

- ***Site* da Prefeitura Municipal de Itamarandiba**

A página referente à comunidade Padre João Afonso disponível no *site* da Prefeitura Municipal de Itamarandiba pode ser acessada no seguinte endereço eletrônico: <http://www.itamarandiba.mg.gov.br/2014-10-25-13-27-42/distritos/padre-joao-afonso.html>.

- **Jornal "Acontecimentos da Vila"**

Produzido por bolsistas do Pibid Diversidade/UFVJM, o jornal apresenta informações e notícias variadas sobre a comunidade Padre João Afonso.

O jornal pode ser acessado no seguinte endereço eletrônico: <http://acontecimentosdavila.blogspot.com.br>.

- ***Blog* "Paraíso chamado Padre João Afonso"**

Com postagens centradas nos anos entre 2011 e 2013, o *blog* apresenta, sobretudo, as belezas de Padre João Afonso.

O *blog* pode ser acessado no seguinte endereço eletrônico: <http://padrejoaoafonso.blogspot.com/>.

- **Grupo público "Maravilhas de Padre João Afonso"**

Ambiente virtual de intercâmbio no *Facebook*, o grupo recebe postagens variadas sobre assuntos de interesse da comunidade de Padre João Afonso.

O grupo pode ser acessado no seguinte endereço eletrônico: <https://www.facebook.com/groups/389677457734569>.

PROEXC

UFVJM

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri